

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

**CORAÇÃO, JUVENTUDE E FÉ:
MEMÓRIA E MÍSTICA DA PASTORAL DA JUVENTUDE DO MEIO POPULAR –
PJMP – NA ARQUIDIOCESE DA PARAÍBA (1979-1993)**

EDIELSON JEAN DA SILVA NASCIMENTO

João Pessoa-PB
2009

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

EDIELSON JEAN DA SILVA NASCIMENTO

**CORAÇÃO, JUVENTUDE E FÉ:
MEMÓRIA E MÍSTICA DA PASTORAL DA JUVENTUDE DO MEIO POPULAR –
PJMP – NA ARQUIDIOCESE DA PARAÍBA (1979-1993)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Ciências das Religiões, na linha de pesquisa Religião, Cultura e Produções Simbólicas.

Orientação: Prof. Dr. José Mateus do Nascimento
Co-Orientação da Prof^ª Dr^a Martha Falcão de C. e M. Santana

João Pessoa-PB
2009

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

**CORAÇÃO, JUVENTUDE E FÉ:
MEMÓRIA E MÍSTICA DA PASTORAL DA JUVENTUDE DO MEIO POPULAR –
PJMP – NA ARQUIDIOCESE DA PARAÍBA (1979-1993)**

EDIELSON JEAN DA SILVA NASCIMENTO

**DISSERTAÇÃO APRESENTADA À BANCA EXAMINADORA CONSTITUÍDA PELOS
SEGUINTE PROFESSORES:**

Prof. Dr. José Mateus do Nascimento
Orientador (Universidade Federal da Paraíba – UFPB)

Profª Drª Martha Maria Falcão de C. e M. Santana
Co-Orientadora (DH/UFPB)

Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas
Examinador 1 (Universidade Estadual da Paraíba – UEPB)

Profª Drª Ana Maria Coutinho de Sales
Examinador 2 (Universidade Federal da Paraíba – UFPB)

**João Pessoa-PB
2009**

Dedico este trabalho a todos e todas jovens que fizeram/fazem parte da Pastoral da Juventude do Meio Popular, onde, sem a expressão desse jeito diferente de fazer Igreja, não seria possível realizá-lo.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho só foi possível graças à participação, direta ou indiretamente, de várias pessoas que me ajudaram a transformá-lo em realidade.

Assim, gostaria de agradecer ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, na pessoa do professor Carlos André, coordenador do curso, pelo apoio e incentivo antes e durante o desenvolvimento desta pesquisa; e a todos os professores e professoras, especialmente a professora Neide Miele, guerreira imbatível.

Ao meu orientador, professor José Mateus do Nascimento, por ter aceitado me orientar, depois de tantos desencontros; por sua paciência ante minhas dúvidas e inseguranças, pelo zelo profissional e humano presente em seu espírito.

À professora Martha Maria Falcão de C. e M. Santana, por ter aceitado me co-orientar durante a feitura deste trabalho, desde quando ele ainda era um simples projeto de pesquisa, até se tornar nesta dissertação conclusa.

A minha família, especialmente dona Rita, minha mãe, que desde os tempos de grupo de jovens, nos momentos de rebeldia contra o “capitalismo selvagem”, em sua simplicidade, e mesmo sem entender muito tanta revolta e inconformismos, soube me apoiar, me animar, com paciência, amor e garra, na qual me espelho diariamente.

Aos colegas do mestrado, a “Turma da Paz”, como ficou carinhosamente conhecida, pela acolhida e pelo carinho.

Aos meus colaboradores, Héilton, Douraci, Suêldes, Nena e Tunico, gente de muita luz e de muita mística, que doaram seu tempo, seus documentos, sua memória, sua intimidade; sem eles e elas este trabalho seria fatalmente menos apaixonante. Um agradecimento especial a Cides, irmão de Suêldes, ex-integrante da PJMP, pela acolhida, pela conversa frutífera e pelo material emprestado.

Aos meus amigos e amigas (não colegas!), seres humanos muito especiais que me ajudaram a compor esta pesquisa, voluntária ou involuntariamente, pela paciência, apoio, incentivo e pelo amor que me faz brilhar.

A Isaac Silva, pelo empréstimo de sua dissertação também sobre a PJMP, valiosíssima para a minha pesquisa.

A Adailson, coordenador da PJMP em João Pessoa, pelo empenho e disposição em me ajudar quando precisei de seu auxílio.

A Janaína Nascimento Araújo, bibliotecária competente e colega de trabalho, pela leitura cuidadosa dos originais.

Agradeço.

Gostaria muito de poder agradecer à Cúria Metropolitana da Arquidiocese da Paraíba, nas pessoas de seus administradores, pelo apoio recebido quando solicitei pesquisar nos arquivos da PJMP, sob sua guarda..., mas infelizmente fui impedido de fazê-lo.

Os jovens serão sempre a imagem mais bela e mais fiel do Cristo ressuscitado, do nosso Deus que não envelhece. (PIRES, 1980)

RESUMO

Este trabalho trata da Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP), a partir das interfaces memória e mística, elementos essenciais na gênese e desenvolvimento dessa pastoral social na Arquidiocese da Paraíba. O estudo objetiva analisar a trajetória da Pastoral da Juventude do Meio Popular, entre os anos de 1979 a 1993, surgida como um movimento popular jovem nos quadros da Igreja Católica, bem como sua contribuição político-social na formação dos jovens da Arquidiocese da Paraíba; compreender qual a mística da PJMP e como ela servia de ânimo para a luta dos jovens do meio popular, nela inseridos; e estudar a relação (pontos de tensão, conflitos, divergências e convergência) existente entre a juventude, as pastorais e movimentos populares como setores distintos e ao mesmo tempo correlacionados na estrutura organizacional da Igreja Católica na Paraíba. Para tanto, foram entrevistados cinco integrantes da PJMP, sendo três ex-participantes, quando eram jovens militantes da Pastoral à época pesquisada, e dois ex-assessores. A técnica utilizada foi a história oral temática, proposta por Meihy; Holanda (2007), e toda a análise foi feita a partir das falas dos colaboradores confrontadas com a documentação existente sobre a temática. Ao final, concluiu-se que a PJMP, em sua ação evangelizadora a partir da realidade do jovem do meio popular oprimido, à luz da Teologia da Libertação e da Igreja Renovada, foi fundamental para conscientizar esse jovem de seu papel na sociedade, através da formação, da inserção num grupo social que o acolhia e estava disponível à escuta, oportunizando-lhe a voz e a vez. Percebe-se, ainda, que a Pastoral possuía uma mística militante cristã que fazia desse(a) jovem um(a) apaixonado(a) pela causa libertadora do evangelho de Cristo, de forma crítica, consciente da sua condição de criatura de Deus, e por isso possuidor de direitos sociais como moradia, educação, emprego, lazer, entre outras necessidades humanas. Ao mesmo tempo em que a ação do(a) jovem na PJMP era apaixonante, através de sua mística, este agir revestia-se numa militância libertadora, não alienante, pois nela esse(a) jovem era protagonista de sua própria história.

Palavras-chave: Juventude. Meio Popular. Pastoral. Memória. Mística.

ABSTRACT

This paper is about the Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP), a catholic pastoral group of Archdiocese of Paraíba formed by folk young people with the aim of discuss youth life and questions. The approach was from the memory interfaces and mystical elements in the genesis and development of this group. The study examines the trajectory of PJMP, between the years 1979 to 1993, emerged as a popular youth movement inside the Catholic Church and its political and social contribution for the education of the young involved; also, it try to understand what is the mystique of PJMP and how it served as encouragement to the struggle of the young, social insertion, and study the relationship (points of tension, conflict, convergence and divergence) between the youth, the pastoral and popular movements as different sectors and at the same time correlated in the organizational structure of the Catholic Church in Paraíba. To do this, we interviewed five former members of PJMP, three members, whose were young militants at the time of the Pastoral searched, and two former aides. The technique used was the oral history, proposed by Meihy; Holanda (2007), and all the analysis was made from the speech of them faced with the existing documentation on the subject. It was concluded that the PJMP in its evangelizing from the reality of oppressed young people, in the light of Liberation Theology and the Renewed Church, was essential to educate the youth about their role in society, through their training and inclusion in a social group that welcomed them and was available to listen, giving them voice and opportunity. It is noticed also that the pastoral group had a Christian activist mystique that made of that young a passionate of the liberating cause of the gospel of Christ, in a critical way, conscious of his status as a creature of God, and therefore possessed of social rights such as housing, education, employment, leisure, and other human needs. At the same time that the action of the young in PJMP was passionate, through its mystique, the way of action was enclosing a militant liberation, not alienating, because inside it that young people was the protagonist of his own story.

Keywords: Youth. People means. Pastoral. Memory. Mystique.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABI – Associação Brasileira de Imprensa

ACB – Ação Católica Brasileira

AP – Ação Popular

APNs – Agentes Pastorais Negros

ARENA – Aliança Renovadora Nacional

CDAPJMP – Comissão Diocesana de Assessores da Pastoral da Juventude do Meio Popular

CDPJMP – Comissão Diocesana da Pastoral da Juventude do Meio Popular

CEBs – Comunidades Eclesiais de Base

CELAM – Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano

CIMI – Conselho Indigenista Missionário

CNAPJMP – Comissão Nacional de Assessores da Pastoral da Juventude do Meio Popular

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CNPJMP – Comissão Nacional da Pastoral da Juventude do Meio Popular

CPT – Comissão Pastoral da Terra

CRAPJMP – Comissão Regional de Assessores da Pastoral da Juventude do Meio Popular

CRPJMP – Comissão Regional da Pastoral da Juventude do Meio Popular

DNJ – Dia Nacional da Juventude

GAMP - Grupo de Amigos do Meio Popular

JAC – Juventude Agrária Católica

JEC – Juventude Estudantil Católica

JIC – Juventude Independente Católica

JOC – Juventude Operária Católica

JUC – Juventude Universitária Católica

MAC – Movimento de Adolescentes e Crianças

MDB – Movimento Democrático Brasileiro

MEB – Movimento de Educação de Base

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

OAB – Ordem dos Advogados do Brasil

PJMP – Pastoral da Juventude do Meio Popular

PJMP-R – Pastoral da Juventude do Meio Popular Rural

PO – Pastoral Operária

UNE – União Nacional dos Estudantes

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1 – Chegada dos jovens participantes ao 1º Congresso Nacional da PJMP, que ocorreu em João Pessoa, em janeiro de 1999. p. 47.

Foto 2 – Representantes de dois grupos de base, o Grupo de Amigos do Meio Popular (Gamp) e o Missionários, ambos da área 7 de Cruz das Armas, Zonal Suburbano, unidos num ato público no Dia do Trabalhador. p. 49.

Foto 3 – Imagem estilizada de jovem segurando faixa com o título do hino oficial da PJMP. p. 51.

Foto 4 – “Abraço” da Lagoa, no 1º Congresso, em comemoração aos 20 Anos da PJMP, ocorrido em João Pessoa, em janeiro de 1999. p. 56.

Foto 5 – Momento de mística da PJMP, onde os objetos de maior representatividade para os jovens dessa Pastoral estão presentes. p. 57.

Foto 6 – Jovens do grupo Gamp, do Zonal Suburbano, representando uma peça de teatro popular sobre a temática da prostituição. p. 61.

Fotos 7 e 8 – Jovens do Regional Norte I da PJMP, no primeiro encontro de formação em Manaus, ocorrido em 2007, após sua primeira articulação. p. 63.

Figura 1 – Organograma da organização da PJMP em âmbito nacional. p. 64.

Quadro 1 – “Retrato da Pastoral de Juventude do Meio Popular – Arquidiocese da Paraíba”. p. 66.

Foto 9 – Jovens da PJMP em uma celebração com as CEB's, na comunidade São Sebastião, do Zonal Suburbano. p. 91.

Figura 2 – Cartaz do Ano Internacional da Juventude, instituído pela ONU, em 1985. p. 94.

Figura 3 – Capa e contracapa do subsídio de preparação para a Romaria dos 15 Anos. p. 97.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I – REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS	19
1.1 Sobre o Caminho Percorrido	19
1.2 Os Espaços da Memória: Algumas Considerações Metodológicas	20
1.3 As Fontes Pesquisadas: Esclarecimentos Necessários	23
1.4 Os Sujeitos da Pesquisa e sua Importância	24
CAPÍTULO II – A PASTORAL DA JUVENTUDE DO MEIO POPULAR: SEMENTE DO NOVO NA LUTA DO POVO	29
2.1 Conjuntura Sociopolítica e Eclesiológica na América Latina e Brasil nos anos 1960 e 1970	29
2.1.1 Movimentos leigos e Igreja Católica no Período Militar	33
2.2 Gênese e Identidade da PJMP	41
2.3 Da JOC à PJMP: uma Metodologia Diferente	57
CAPÍTULO III – A MÍSTICA NA FÉ E NA LUTA DA PASTORAL DA JUVENTUDE DO MEIO POPULAR	67
3.1 Na Formação, um Projeto de Vida	67
3.1.1 Os entraves no processo formativo: questões da subjetividade	71
3.2 Qual a Mística da PJMP	76
3.3 Mística: “Combustível” e “Alimento” para a Juventude do Meio Popular	81
3.3.1 A convivência com as pastorais e movimentos: iguais e diferentes	85
3.4 Fé e Vida: a Romaria dos 15 anos, a espiritualidade militante partilhada	93
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS	105
APÊNDICES	112

INTRODUÇÃO

Há uma infinidade de trabalhos que tratam do universo juvenil. Muitos tentam definir, delimitar e esclarecer a idade “correta” que marca o início e o término dessa fase tão efêmera da vida do ser humano, muito embora não haja um consenso quanto a este período de desenvolvimento da pessoa¹. Alguns tratam dos problemas e desafios que o jovem enfrenta durante sua trajetória de vida. Outros analisam, ainda, algumas especificidades ditas típicas da juventude, como o inconformismo, o conflito de geração, a irreverência e a alegria espontâneas, a inserção em grupos ou “tribos” urbanas, muito embora essas características não sejam uma regra estanque a todas as juventudes².

Apesar disso, o universo juvenil ainda tem muito a ser estudado, pois a cada momento histórico as juventudes do mundo tornam-se mais complexas como fenômeno sociocultural a ser compreendido em suas múltiplas dimensões.

Uma dessas dimensões é a ação do jovem nos movimentos cristãos, particularmente os de cunho popular dentro da Igreja Católica em princípios do século XX, através dos movimentos sociais cristãos.

Em pesquisa feita pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e publicada em 2007, dados sobre a religiosidade juvenil apresentam números reveladores sobre este fenômeno.

No Brasil, 96% dos jovens declaram possuir uma religião [...] e uma das constatações que merece ser sublinhada é o fato de que entre os 13 milhões de jovens (27,3%) que participam/participaram de organizações sociais, o percentual dos que participaram de grupos de cunho religioso é de 81,1%, cerca de 10 milhões, 22,1% do total da juventude brasileira. (FONSECA; NOVAES, 2007, p. 147)

Esta presença juvenil em movimentos, quer sociais, quer religiosos, não é uma novidade do século XXI, nem algo novo no Brasil. O desejo de inserir-se em um grupo, de ser reconhecido e fazer parte de um núcleo de iguais não é um fenômeno típico de nosso tempo.

Assim, este trabalho trata da história da Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP) e de sua mística; mas também de luta e de fé, principalmente de juventude. Para

¹ Sobre a divergência da idade onde se inicia e termina o período denominado de juventude, assim como suas nuances pré-adolescência e adolescência, ver Presidência... (2008, p. 1) e Políticas... (2005, p. 25).

² O termo “juventudes” no plural é utilizado pela Unesco por compreender que a “juventude tem significados distintos para pessoas de diferentes estratos socioeconômicos, e é vivida de maneira heterogênea, segundo contextos e circunstâncias” (POLÍTICAS..., 2005, p. 25). Embora concorde com esta linha de raciocínio, esse termo só será utilizado quando houver necessidade de discutir o fenômeno juventude de forma mais abrangente.

desenvolvê-lo, optei por utilizar os pressupostos metodológicos da história oral, já que minha proposta primeira é a de trabalhar não apenas com os documentos escritos, mas preferencialmente com as fontes orais através da memória dos ex-integrantes da PJMP. Rica e farta, essa memória revela não só uma vivência na construção espontânea de uma ação social comprometida com um projeto “de libertação”, como dizem todos os entrevistados, mas uma paixão por este fazer com e para a juventude do meio popular.

Pude perceber, em cada conversa, que essa paixão está presente ainda hoje nesses ex-participantes adultos, que num dado período de suas vidas foram jovens e que doaram seu tempo e energia a um ideal impregnado de muito sentimento. “A gente era apaixonado. A gente se amava”. Acredito que essa fala de Suêldes, uma ex-integrante da Pastoral, resume bem esse sentimento.

Após a coleta das entrevistas passei horas lendo todas as transcrições e rememorando minhas próprias lembranças que se coadunavam com as dos(as) participantes desta pesquisa. Enfim percebi que não havia errado ao escolher o título deste trabalho, retirado da canção “Coração de estudante” de Milton Nascimento e Wagner Tiso, já que esta música foi muito representativa para os anos de luta da Pastoral, junto com o hino da PJMP, o “Ileão”, cantados em momentos de muita mística, como nos versos “[...] a folha da juventude é o nome certo desse amor [...]” (NASCIMENTO, 1983), e “[...] a juventude é a bandeira do amor, com o coração, com as duas mãos, com todo o povo a gente faz um mundo novo.” (MALVEZZI, 2009)

Mas não só isso, o afeto presente em toda a caminhada dos que fizeram/fazem a Pastoral; seus protagonistas, jovens que lutaram para transformar uma sociedade desigual; e esse crer num Jesus jovem e revolucionário que lhes dava força contra as adversidades, justificam este título.

O meu interesse por este tema remonta ao início da década de oitenta, precisamente o ano de 1985, quando iniciei o trabalho com juventude, através da Pastoral da Juventude do Meio Popular, pastoral ligada à Arquidiocese da Paraíba³, e com organização, já àquela época, em âmbito nacional.

³ Essa nomenclatura para a Arquidiocese da Paraíba se deu por questões históricas, tendo em vista que, à época da criação da diocese de João Pessoa, a cidade não tinha esse nome, pois chamava-se Paraíba, sendo mudada para João Pessoa só a partir de 1930, em homenagem ao presidente do Estado, que assim se chamava. De acordo com o Anuário da Cúria Metropolitana da Arquidiocese, “a Diocese da Paraíba foi criada no dia 27 de abril de 1892 [...] pelo Papa Leão XIII. Foi canonicamente instalada no dia 4 de março de 1894, com a chegada do seu 1º bispo, dom Adaucto Aurélio de Miranda Henriques”. Em 1914, a Diocese da Paraíba foi elevada à Arquidiocese e Sede Metropolitana. “Aos poucos foram sendo desmembradas partes de seu território e criadas as seguintes dioceses: Cajazeiras (1914), Campina Grande (1949), Patos (1959) e Guarabira (1980)”. Cf. Arquidiocese... (2009, p. 9).

A minha primeira experiência como jovem integrante de pastoral veio com o convite de uma amiga para participar naquele ano de um grupo de jovem, o chamado “Grupo de Base”, na linguagem pastoral. Os anos de participação nesse grupo e posteriormente o engajamento nos trabalhos de evangelização do jovem do meio popular, visando a uma conscientização de classe, trouxeram novas responsabilidades, como a participação efetiva em outras instâncias organizativas da pastoral como no Zonal Suburbano (área de abrangência pastoral), na Comissão Diocesana e na Comissão Regional Nordeste II.

Um dos maiores desafios para o jovem militante de pastoral era deixar de lado as diversões nos muitos finais de semana, abdicar do lazer com os amigos, das festinhas e até do namoro – pois as reuniões dos grupos, das comissões organizativas da pastoral ocorriam eminentemente aos sábados e domingos, quando as paróquias e as comunidades, os centros religiosos estavam funcionando plenamente – para evangelizar outros jovens. Poucos entendiam essa “loucura” que se abatia sobre esses “meninos” e “meninas”.

A afinidade com a Pastoral, e a história conjunta de muita luta no trabalho com os jovens empobrecidos⁴ de nosso Estado me estimulou a propor um estudo mais específico sobre sua trajetória, sua mística, sua fé.

No entanto, havia algo mais a ser feito. Uma história que teve início no final da década de 1970 e que dura até hoje, ainda foi pouco estudada. Principalmente no que diz respeito à mística e espiritualidades das pastorais populares da Igreja Católica. Notadamente a PJMP e sua trajetória na Arquidiocese da Paraíba.

Sendo a PJMP uma pastoral da Igreja Católica, há uma convenção que pressupõe a inerência do caráter místico/espiritual de movimentos e pastorais nela inseridos. No entanto, a questão não é tão simples assim. Por isso, cabe tecer alguns comentários sobre esta temática.

A palavra mística, de acordo com Ferreira (2004), é adjetivo de mistério. Boff e Betto (2005, p. 33) concordam com esta definição e explicam melhor a relação a partir do termo mistério:

Originalmente, a palavra mistério (*mysterion* em grego, que provém de *múein*, que quer dizer “perceber o caráter escondido, não comunicado de uma realidade ou de uma intenção”) não possui um conteúdo teórico, mas está ligada à experiência religiosa, nos ritos de iniciação. [...] Importa enfatizar o fato de que mistério está ligado a essa vivência/experiência globalizante. Não se trata de ouvir uma catequese sobre uma doutrina de

⁴ O termo “jovens empobrecidos” não me pertence, foi cunhado pela PJMP. Segundo ela, o jovem não foi criado por Deus para ser pobre e sofrer as agruras dessa situação social, não nasce pobre, mas a conjuntura socioeconômica vigente é que o torna pobre ao explorá-lo, daí o termo. Sobre o uso da palavra “empobrecido” para definir o jovem do meio popular, ver PJMP... (1988, p. 9).

difícil acesso ou de receber lições sobre certa visão secreta das coisas, mas de realizar uma experiência religiosa comunitária.

Esses autores apresentam em sua obra cinco sentidos para as palavras mística e mistério, correlacionadas. O sentido antropológico-existencial; o sentido religioso; o sentido cristão; o sentido sociopolítico e por fim o sentido entre mística e militância.

O mistério original que acompanha o ser humano desde tempos imemoriais pode ser sentido em vários momentos de sua vida. Como uma herança universal, pode ser presenciada em todas as civilizações e em todos os tempos, variando de acordo com cada cultura ou conjuntura. (PELOSO, 2009)

Boff (1996, p. 148), por sua vez compreende que a mística não é propriedade dos místicos em êxtase, mas de todos, como um dom que é inerente ao ser humano.

A mística não é, pois, privilégio de alguns bem-aventurados. Mas é uma dimensão da vida humana, à qual todos têm acesso quando descem a um nível mais profundo de si mesmos, quando captam o outro lado das coisas e quando se sensibilizam diante da riqueza do outro e da grandiosidade, complexidade e harmonia do universo. Todos, pois, somos, num certo nível, místicos.

A palavra que melhor define a mística é a paixão. Não a paixão no sentido de efêmero e inconstante, mas no sentido de dar vida, estímulo, a chama que queima e arde, é *anima* ao que acreditamos ou compreendemos ser importante em nossas vidas. “Essa força da mística é que produz em todos a coragem de resistir, protestar, dedicar-se e arriscar na permanente busca da libertação.” (PELOSO, 2009, p. 2)

A mística, portanto, sendo inerente ao ser humano, prescinde de qualquer religião. Em muitos casos chega a ser confundida com a expressão religiosa, principalmente na cultura judaico-cristã, como se desta última brotasse a primeira. Como afirmam Betto e Boff (2005, p 41), “as religiões são cristalizações posteriores da experiência mística.”

A expressão da mística que discuto neste estudo é a que se apresenta na militância, visto que nos movimentos populares a discussão da relação entre mística e militância é uma constante.

Essa dimensão é o foco de discussão no qual pretendo me deter, pois em grande parte dos documentos e subsídios da PJMP encontramos a palavra-chave “mística do militante”,

como algo que dá estímulo, sentido e ânimo à luta da pastoral, através do militante, em seu cotidiano⁵.

Para desenvolver esse estudo sobre a Pastoral da Juventude do Meio Popular e sua mística, torna-se necessário conhecer sua história através do estudo feito a partir da memória de seus militantes (além dos documentos produzidos por ela e por outrem) que ajudaram na construção dessa pastoral popular dentro da Igreja Católica, e vivenciaram uma mística na luta por uma sociedade melhor, da qual também fiz parte por dez anos como jovem integrante/militante nos anos 80 do século XX.

Esta proposta de trabalho tem como ponto de partida o ano de 1979, quando, oficialmente, há a fundação da PJMP na Arquidiocese da Paraíba; indo até o ano de 1993, quando ocorreram as comemorações dos seus 15 anos, que culminou com a Romaria da PJMP, em Recife.

A comemoração da Romaria da PJMP para celebrar os seus 15 anos foi escolhida como marco para a conclusão desse estudo por dois motivos. Primeiro, porque representou um momento único, até então, da vivência da mística e da espiritualidade coletiva da Pastoral em todo o Regional Nordeste II. Segundo, porque essa romaria trouxe aos militantes da PJMP, aos jovens dos grupos, aos assessores, leigos e religiosos, um “sopro novo” na fé e na luta de todos/as. Foi sim um marco de fé, vida e luta para quem esteve presente naquele dia celebrativo. As dioceses da Paraíba estavam lá, e as demais do Regional NE II. Este item será visto mais adiante, em detalhes, no terceiro capítulo deste trabalho.

Assim, esta pesquisa tem como proposta de trabalho os seguintes objetivos: analisar a trajetória da Pastoral da Juventude do Meio Popular, entre os anos de 1979 a 1993, surgida como um movimento popular jovem nos quadros da Igreja Católica, bem como sua contribuição político-social na formação dos jovens da Arquidiocese da Paraíba; compreender qual a mística presente na PJMP e como ela servia de ânimo para a luta dos jovens do meio popular, nela inseridos; e estudar a relação (pontos de tensão, conflitos, divergências e convergência) existente entre a juventude, as pastorais e movimentos populares como setores distintos e ao mesmo tempo correlacionados na estrutura organizacional da Igreja Católica na Paraíba.

Analisar esse fenômeno presente na história da PJMP, através de sua trajetória na Arquidiocese da Paraíba é minha proposta de trabalho. No seio das práticas da juventude católica, pretendo enfocar, como fio condutor deste trabalho, a presença de uma mística, tendo

⁵ Sobre a preocupação dos militantes da PJMP em discutir sua mística e espiritualidade, ver PJMP... (1992) e PJMP... (2008).

por base a trajetória histórica dessa pastoral, com a seguinte problematização: havia uma mística que integrava e movia a Pastoral? Que tipo de mística cultivava? Como essa mística era vivida, e principalmente como o jovem militante (a razão de existir dessa pastoral), via e vivia essa mística? Em que isso influenciava sua ação pastoral?

O interesse por esse tema vem de longo tempo, do processo de muita maturação acerca do meu papel como cidadão, com um histórico de vida intimamente ligado ao movimento popular. Dos 10 anos integrando a PJMP, foram colhidas muitas experiências válidas e que deram frutos valiosos para a minha percepção do que considero valores humanos, éticos e morais imprescindíveis à existência digna e convívio harmonioso entre o diferente, o novo, o desconhecido.

O meu primeiro contato com estudos acerca da cultura popular se deu nos anos 90, ao entrar no curso de Graduação em História, onde durante e depois dele tive a oportunidade de trabalhar com projetos de pesquisa que envolviam essa temática. Entretanto, a história com movimentos sociais e populares remonta o início da década de oitenta, mais precisamente o ano de 1985, quando iniciei o trabalho com juventude, através da Pastoral da Juventude do Meio Popular.

Foram dez anos de trabalho voluntário e de muitas alegrias; de muita formação partilhada; participação em assembleias, encontros, reuniões e sérias discussões sobre o trabalho com e para a juventude.

No ano de 1991 (ainda na Universidade), após passar por algumas instâncias organizativas da Pastoral, fui escolhido, em reunião da Comissão Diocesana de Jovens da PJMP, como o representante da Pastoral para a Comissão Regional da PJMP NE II, composta, à época, pelos estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas. A minha representação se estendeu até o ano de 1993. Dois anos depois deixei a Pastoral de Juventude do Meio Popular, abrindo caminho para um “sangue novo”, e acreditando ter feito o melhor possível.

Os anos seguintes, após a formação acadêmica, trouxeram o trabalho como bolsista de Aperfeiçoamento de Pesquisa tipo B (APB) em projetos de pesquisa sobre cultura popular, orientados pela professora Dr^a Maria Ignez Novais Ayala. De 1994 a 1996 integrei o projeto *Representação do oprimido na Literatura Brasileira* e de 1996 a 1998 fui colaborador voluntário no projeto *Literatura e memória: fontes para o estudo da oralidade*. Parte disso se adequou à experiência pré-universitária com a PJMP e me estimulou a decidir pela pesquisa sobre ela, da qual passo a tratar.

CAPÍTULO 1 - REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

1.1 Sobre o Caminho Percorrido

Ao escolher a linha de pesquisa “Religião, Cultura e Produções Simbólicas”, do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB, proponho-me a discutir o processo histórico do surgimento da Pastora da Juventude do Meio Popular como movimento social cristão inserido nos quadros da Igreja Católica, especialmente na Paraíba, tendo como questão-norteadora sua mística.

A partir da bibliografia pesquisada, localizei obras que tratassem não só da Pastoral e dos movimentos de juventude da Igreja Católica da Paraíba, mas das lutas dos jovens antes, durante e depois da década de 1970. Os trabalhos disponíveis que abordam a história da Pastoral da Juventude do Meio Popular são escassos. Os de cunho acadêmico, ao menos no âmbito da Paraíba, inexistem, ressalvas feitas a Silva (2006), que desenvolveu o primeiro trabalho em nível de pós-graduação sobre a PJMP, no Mestrado em Educação.

As discussões em torno das pastorais e movimentos que trabalham com a juventude no âmbito da Igreja Católica no Brasil podem ser introduzidas a partir dos trabalhos de Amorim, 1986; Boran, 1986; Oliveira, 2002; Silva, 1993; Sofiati, 2004, no entanto, esses autores apresentam, cada um a seu modo, uma preocupação mais didática que analítica em relação ao trabalho com a juventude.

As outras fontes bibliográficas que tratam especificamente da Pastoral da Juventude do Meio Popular partem heroicamente dela; ou seja, na forma de subsídios e cadernos comemorativos de seus aniversários, quer sejam dos seus 20 ou 25 anos de existência – a exemplo do *PJMP – 25 anos* (2003) e *PJMP – Cadernos do Meio Popular* (n. 3, fev. 2002) – quer seja através da criação do site oficial da PJMP nacional. Tais obras são boas fontes históricas sobre a Pastoral e sua organização.

Resolvi, então, ir em busca de obras que abordassem a juventude e sua diversidade, e que dessem uma visão mais ampla sobre a questão, para tentar ampliar o estudo do tema. Nesta acepção, a obra *Políticas...* (2005) da Unesco é um ponto de referência sobre as juventudes no mundo; os trabalhos de Libânio (1983; 1986) sobre a definição de pastoral e a presença dos movimentos de juventude da Igreja são norteadores.

Por outro lado, a base histórica para este projeto foi facilmente encontrada em obras estimulantes referentes ao período da ditadura militar no Brasil. Encontramos relatos de testemunhas importantes para a história brasileira desse período, como Betto, 1982; Gorender,

1987; Lima; Arantes, 1984, todos apresentam em suas obras, com detalhes valiosos, os fatos ocorridos nos porões da ditadura.

O panorama mundial dos anos 60 a 80 do século XX é bem analisado contemporaneamente por Hobsbawm (2005). No âmbito de Brasil, a obra de Lopez (1991) introduz o tema de forma leve e objetiva. Já em Veja (1985) encontramos uma interessante matéria sobre a sucessão presidencial que culminou com a eleição de Tancredo Neves em 1985. Destaque para a análise da relação Igreja/Estado ditatorial nesse período, a partir das obras fundamentais de Matos (2003); Mainwaring (2004).

A discussão sobre mística; mística e espiritualidade e a mística da Pastoral vista por ela mesma, não foi difícil, pois há um material bastante pertinente e atual sobre essa discussão, entre os estudos teóricos e os subsídios elaborados pelos integrantes da PJMP, que sempre estiveram preocupados em aprofundar essa questão.⁶

1.2 Os Espaços da Memória: Algumas Considerações Metodológicas

Assim, este trabalho trata-se de uma pesquisa histórico-analítica, de abordagem qualitativa, uma vez que, segundo Richardson (2007, p. 80),

Os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem [...] compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos.

Nesse sentido, optou-se por recorrer à história oral como técnica a ser empregada nesta pesquisa. Nesse sentido, Meihy e Holanda (2007, p. 18) apresentam algumas definições para essa técnica, como a de que a “história oral é uma prática de apreensão de narrativas feita através do uso de meios eletrônicos e destinada a recolher testemunhos, promover análises de processos sociais do presente, e facilitar o conhecimento do meio imediato.” Essa técnica, no entanto, apresenta três tipos de gêneros distintos a serem trabalhados de acordo com cada especificidade de pesquisa: a história oral de vida; a história oral temática e a tradição oral.

⁶ A discussão sobre mística possui um farto material. Para ver a discussão sobre mística e espiritualidade, cf. Peloso (2009); Boff (1996); Betto; Boff (2005); Beozzo (1997). Sobre a mística dos movimentos populares, ver Okada *et al.* (1995); Surian *et al.* (1996); e Bogo (2002); além de Catalán (2008). Sobre a compreensão de mística pela PJMP, ver PJMP... (1992); e PJMP... (2008).

Nesta pesquisa, particularmente, onde a minha razão e estímulo de estudo, a PJMP, é uma instituição, que possui uma história de 30 anos de existência, mas que ainda foi pouco estudada, optou-se, ao analisá-la, pela história oral temática, devido à possibilidade de compreender sua história através da memória de seus ex-integrantes.

Aqui, o que nos interessa é a memória de um grupo sobre um determinado objeto, sobre um determinado tema. Por isso a história oral temática apresenta nuances específicas que a diferencia da história oral de vida, uma vez que a esta interessa particularmente a memória pessoal do entrevistado sobre sua vida em particular. A primeira mostra-se essencial como instrumento da pesquisa participativa, onde o entrevistado narra fatos importantes não só para si e para o pesquisador, mas para o coletivo, principalmente quando esse coletivo representa um grupo excluído, marginalizado de nossa sociedade. “Dado seu caráter específico, a história oral temática tem características bem diferentes da história oral de vida. Detalhes da história pessoal do narrador interessam apenas na medida em que revelam aspectos úteis à informação temática central.” (MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 40)

Acredito que, ao narrar, o sujeito rememora e revisita fatos de sua história e também de seu grupo que jamais encontraríamos em lugar algum, a não ser nos arquivos valiosos de sua memória.

Ao discutir o pensamento de Halbwachs sobre a memória, Bosi (2007, p. 63) destaca: “O que rege, em última instância, a atividade mnêmica é a função social exercida aqui e agora pelo sujeito que lembra”.

Isso foi comprovado durante as entrevistas. Alguns documentos simplesmente não conseguem nos dar certas respostas que procuramos com afinco. Um exemplo claro é a polêmica quanto à real data de fundação da PJMP na Arquidiocese da Paraíba. Os depoimentos não colocaram um ponto final nessa questão, é verdade, mas apontaram caminhos que antes não se apresentavam como alternativas quando da análise documental.

Esse me parece ser um ponto importante no trabalho com a história oral. A memória dos narradores, como chama Bosi (2007), ou colaboradores, como preferem Meihy e Holanda (2007) é de grande importância para o pesquisador no confronto com as fontes tradicionais, que por vezes se contradizem, como foi comprovado nesta pesquisa; tanto quanto uma lembrança pode, por vezes, parecer imprecisa com o passar dos anos. Isso, no entanto, não diminui sua utilização e importância como fonte de pesquisa, principalmente quando no trabalho com grupos socialmente excluídos, onde a história desses grupos, contada por eles mesmos, pode trazer luzes para quem se propuser estudá-la. Concordo com Gonçalves (1999, p. 14) quando afirma que

[...] neste oceano da memória, devemos ter a preocupação de procurar entender os mecanismos através dos quais ele brota. Caso contrário, a emergência dos excluídos enquanto objetos/sujeitos da história tornar-se-á irrelevante e seus efeitos, passageiros, por não implicarem em aprofundamento/ruptura da concepção hegemônica do conhecimento. Para que estas múltiplas vozes possam ter um efeito, de fato, transformador, é necessário que as conheçamos, bem como as condições de sua elaboração, de seu silenciamento e de sua emergência.

Esses fatos presentes na vida do narrador representam lembranças preciosas para si e ao mesmo tempo para o pesquisador, embora com dimensões diferentes para cada um. Surge aí uma cumplicidade, uma parceria que eleva, para ambos, o valor desse encontro. O narrador abre não só a caixa preciosa de sua memória, mas seus mais profundos momentos de vida, que lhe são caros, pois neles geralmente há muita afetividade, emoção; assim passamos a fazer parte dessa história, e por isso nossa responsabilidade aumenta ao manejar com essas lembranças. “O narrador conta o que ele extrai da experiência – sua própria ou aquela contada por outros. E, de volta, ele a torna experiência daqueles que ouvem a sua história”. (BENJAMIN *apud* BOSI, 2007, p. 14).

Sobre memória, é Le Goff quem discute detalhadamente os caminhos percorridos pelo que ele chama de “memória coletiva” e sua importância para as sociedades contemporâneas. Para Le Goff, a memória coletiva passou por grandes mudanças com o advento das ciências sociais, desempenhando um papel fundamental a partir da interdisciplinaridade que tende a surgir entre elas. (LE GOFF, 1994)

Para Le Goff:

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. (LE GOFF, 1994, p. 476. Grifo do autor.)

No trabalho com a construção da história de um determinado grupo, a partir da memória coletiva daqueles/as que o compuseram, torna-se fundamental que esta construção tenha um propósito maior do que apenas o “fazer acadêmico”, ele deve ser, antes de tudo, um instrumento de libertação social. “Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens”. (LE GOFF, 1994, p. 477)

1.3 As Fontes Pesquisadas: Esclarecimentos Necessários

A busca por fontes documentais sobre a PJMP na Paraíba foi realizada, basicamente, no Arquivo da Cúria Metropolitana de João Pessoa; em documentos e subsídios produzidos pela Pastoral, além dos arquivos on-line na página oficial da PJMP na internet.

A população em estudo foi composta por aqueles que, a partir da fundação da Pastoral, eram jovens militantes em suas diversas instâncias (áreas, zonais⁷ ou setores, dioceses, regionais) e pelos assessores dessa mesma estrutura entre as décadas de 1980 e 1990.

Para a amostra trabalhou-se com cinco participantes, desses, três são ex-integrantes da Pastoral e dois são ex-assessores.

O fato de ter feito parte do processo histórico da PJMP, se por um lado facilita o acesso, o diálogo e a compreensão do contexto pastoral, por outro traz, para o pesquisador, um grande desafio, o da análise dos dados da pesquisa de forma “apenas” apaixonada. Talvez esse tenha sido também o maior estímulo ao encampar esta pesquisa, já que fui/sou sujeito desse processo, como já foi dito anteriormente.

Para a coleta de dados foram utilizados dois questionários indiretos e dedutivos, sendo um para os ex-integrantes da Pastoral e outro para os ex-assessores.

O uso do questionário e do gravador durante as entrevistas apresenta-se de grande ajuda para o desenvolvimento da pesquisa, visto que os sujeitos entrevistados são, em sua maioria, contemporâneos e parceiros de caminhada na Pastoral, e isso se mostra positivo para este pesquisador, como atesta Richardson (2007, p. 208), “Deve estar claro que à medida que o pesquisador deseje impor suas perguntas a outras pessoas e/ou conheça bem a população que será entrevistada, o questionário é uma estratégia legítima.”

Os dados foram coletados a partir das informações garimpadas nos arquivos documentais e nas entrevistas e questionários colhidos, utilizando-se para isso a técnica de história oral temática proposta por Meihy e Holanda (2007), onde os resultados foram confrontados e analisados, comparativamente, tendo como fio condutor a trajetória da PJMP na Arquidiocese da Paraíba.

Este trabalho foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa para ser apreciado e, tendo sido aprovado, iniciou-se a coleta de dados, como preconiza a Resolução do Conselho Nacional de Saúde - CNS nº 196/96, que regula as pesquisas envolvendo seres humanos.

⁷ A denominação de zonal para as áreas de abrangência pastoral na Arquidiocese da Paraíba perdurou até a primeira metade da década de 1990. Atualmente denominam-se Regiões Pastorais, em detrimento aos antigos zonais, que assim estão representadas: Agreste, Centro, Conjuntos, Litoral, Praia Norte, Praia Sul, Urbana Sul Vale do Mamanguape e Várzea. Cf. Arquidiocese... (2009, p. 9); e Silva (2006, p. 107).

É preciso destacar que os(as) colaboradores(as) desta pesquisa foram minuciosamente esclarecidos/as quanto aos objetivos deste estudo através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinado por todos, e a importância de cada um/uma para a feitura deste trabalho, durante todo o processo das entrevistas, antes durante e depois delas. Devido o importante papel de cada sujeito na história da Pastoral, foi-lhes pedida autorização para citar seus nomes, o que foi concedido sem problema, e mais, todos/as fizeram questão de que seus nomes fossem divulgados (preservada uma ou outra fala).

Durante a transcrição das falas tentei primar pela fidelidade da narrativa, evitando ao máximo qualquer interferência pessoal desnecessária. Em alguns momentos, no entanto, será percebida a presença de colchetes [...] seguidos de reticências; eles, na verdade, aparecerão quando houver necessidade de indicar supressões, interpolações, comentários, ênfase ou destaque tidos como oportunos e necessários pelo pesquisador, para a melhor compreensão do leitor.

1.4 Os Sujeitos da Pesquisa e sua Importância

O primeiro colaborador a ser entrevistado foi Antonio Carlos Borges Martins, o Tunico, mineiro, “apaixonado pela Paraíba”, psicólogo e filósofo. Tunico foi ex-assessor da PJMP entre os anos de 1985 e 93/94 do século XX. Mais recentemente militou no Movimento Social de Luta Anti-Aids, através do trabalho de assistência às pessoas vivendo com HIV/Aids, visto que este movimento social estava entre o que Tunico chama de “pastoral de fonteira”, ou seja, aquela localizada entre o dentro/fora do espaço eclesial. Esse trabalho foi feito até o ano de 2004, quando se afastou para se dedicar aos estudos sobre a resignificação da vida pelos sujeitos acometidos pela Aids. Esses estudos, aliás, segundo Tunico, foram aperfeiçoados com a experiência com cultura popular, adquiridos, entre outros, com o tempo dedicado à Pastoral de Juventude do Meio Popular. Hoje Tunico é professor universitário e trabalha a temática da cultura popular nas disciplinas, a partir desses motes. Essa entrevista ocorreu em julho de 2008, na Universidade Federal de Juiz de Fora-MG.

A seguir entrevistei Douraci Vieira dos Santos, assistente social, educadora popular, ex-integrante e uma militante da PJMP, antes mesmo dessa denominação formal, já em 1975. Até o dia da entrevista, Douraci fazia parte da Coordenadoria de Políticas Públicas para as Mulheres, da Prefeitura de João Pessoa. Essa entrevista ocorreu no dia 1º de abril de 2009, no Paço Municipal, em João Pessoa.

A terceira entrevista ocorreu com Maria José Candido Barbosa, a Nena, pessoense, pedagoga, educadora, ex-integrante de grupo de base e ex-assessora da Pastoral entre 1984 e início dos anos 90. Ao longo de sua vida profissional, Nena tem procurado trabalhar numa perspectiva popular de educação, tendo como princípios o diálogo, a problematização e as relações de humanização (ou subjetivação, numa linguagem mais acadêmica) na tentativa de contribuir com a superação das relações de poder que perpassam a questão de classe, de gênero, de etnia, da sexualidade, e principalmente geracional. Elegeu como espaço de concretização dessa perspectiva a Educação em espaços formais e não-formais. E mais especialmente na Educação de Jovens e Adultos. A experiência de Nena com a educação popular se dá em vários espaços de ação profissional, no Projeto Escola Zé Peão (parceria da UFPB com o Sindicato dos trabalhadores da Construção Civil); na Prefeitura de João Pessoa, como professora e membro da equipe de Coordenação de Jovens e Adultos; na Prefeitura de Bayeux, também como coordenadora da EJA da Secretaria de Educação e como supervisora escolar da EMEF Flávio Ribeiro Coutinho. Atualmente Nena é coordenadora Pedagógica da unidade social Escola Marista Champagnat de João Pessoa, onde atua com jovens e adultos em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Conversei com Nena no dia 25 de abril de 2009, em seu apartamento.

Antonio Héilton de Santana foi meu outro entrevistado. Santarritense, Héilton é ator, autor e diretor de teatro popular e ex-integrante de grupos de base desde 1973, que mais tarde se ligaram à PJMP, sendo que sua participação em grupos de arte e cultura remonta ao ano de 1968. Além de ex-integrante da PJMP, foi também seu assessor e trabalha até hoje com juventude e arte fora dos quadros da Igreja. Estive em sua casa, em Santa Rita, no dia 23 de maio deste ano.

Entrevistei, por fim, Maria Suêlde Alves de Araújo, no dia 09 de junho de 2009, no Paço Municipal, em João Pessoa. Suelde integra, hoje, a Coordenadoria de Políticas Públicas para as Mulheres, da Prefeitura de João Pessoa, no combate à violência contra a mulher. Foi integrante de grupo de base em 1979 e saiu da Pastoral em 1986.

Dos cinco entrevistados, Nena e Tunico foram escolhidos para falar sobre a sua participação na assessoria da PJMP e seu trabalho com ela, pois no momento em que atuaram (segunda metade de 1980 e início dos anos 90), a Comissão Diocesana de Assessores já estava oficialmente configurada. Os demais narraram suas experiências como ex-integrantes, além de suas visões e opiniões sobre a Pastoral e sua trajetória na Arquidiocese da Paraíba, extremamente valiosas.

Devo esclarecer que, embora tenha sido elaborado um questionário com algumas questões norteadoras voltadas a contemplar os objetivos deste trabalho, nem todos os entrevistados discorreram sobre o mesmo assunto pontualmente, pois ficaram livres para narrar suas lembranças e experiências de vida com a PJMP, sem serem tolhidos em suas reflexões. Em alguns momentos foram percebidas falas preciosas, não esperadas, que em hipótese alguma deveriam ser interrompidas pela rigidez de um roteiro de perguntas. Em outros, surgiram questões que visavam a estimular a memória, e conseqüentemente o aflorar das valiosas informações guardadas nos arquivos das memórias desses/as militantes.

Alguns temas-chave foram postos aos(às) entrevistados(as), como o surgimento da PJMP na Arquidiocese da Paraíba; a participação e contribuição pessoal do(a) entrevistado(as) nesta Pastoral; a relação da PJMP com outros movimentos e pastorais da Igreja Católica; possíveis problemas e conflitos com o clero; identidade da PJMP, desafios; mística.

Alguns, devido ao período de militância na Pastoral, não puderam dar maiores informações sobre determinados questionamentos feitos. Por exemplo, no caso da celebração dos 15 anos da Pastoral, em 1993. Alguns entrevistados já não participavam mais na PJMP e não estiveram na Romaria, no entanto, quanto à mística presente e sentida na Pastoral, todos falaram abertamente e fartamente sobre ela. Essas falas serão vistas com mais detalhes nos capítulos seguintes.

É importante esclarecer, ainda, que, devido à riqueza das falas e de seu alcance na construção da memória histórica da PJMP, não foi pensado um capítulo à parte para a análise dessas falas, e sim em sua utilização durante todo o percurso do trabalho, tendo em vista que estas podem ser inseridas em cada capítulo, se assim for necessário, para explicar, reforçar ou contrapor o contexto analisado.

Assim, essa proposta de trabalho contribuirá – alicerçada na história oral temática e em fontes documentais, com parte dessa história – com a análise do período que vai da sua provável⁸ fundação em 1979 na Arquidiocese da Paraíba, até 1993, ano da comemoração dos seus 15 anos, em Recife-PE, que culminou com a Romaria da PJMP em direção ao Morro da Conceição naquela cidade, momento definido por muitos como um acontecimento memorável de mística e exemplo da espiritualidade do militante em uma ação concreta.

Como destacou d. Antônio Soares Costa, bispo responsável pelo setor juventude do regional Nordeste II, à época:

⁸ A discussão sobre a controvérsia quando ao ano de fundação da PJMP na Arquidiocese da Paraíba será feita no item 2.2 Gênese e Identidade da PJMP, do Capítulo 2.

Sem dúvida, a PJMP faz com esta Romaria uma experiência inovadora na vida da nossa Igreja do Regional NE II, tentando unir a riqueza da religiosidade popular nordestina e uma espiritualidade libertadora, comunitária e missionária, característica de uma Igreja que evangeliza a partir dos empobrecidos. (ROMARIA..., 1993, p. 1)

Dom Antônio, ao fazer a apresentação do subsídio de preparação para a Romaria da PJMP, exalta este acontecimento com grande ênfase à fé presente no jovem da PJMP. Como pastor dos movimentos e pastorais que faziam o Regional Nordeste II, não convida apenas o jovem da PJMP, mas amplia e conclama toda a juventude católica a essa romaria. Para isso, utiliza frases impactantes aos ouvidos e corações das juventudes do Regional. Define a romaria como uma “expressão profética da fé e da missão social da Igreja”, e uma “grande celebração de fé e libertação”. No dia 30 de outubro de 1993, essa expressão profética de fé, como vislumbrou d. Antônio, concretiza-se com a participação maciça e efetiva de centenas de jovens dos quatro estados que compõem o Regional Nordeste II (Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Alagoas) e que atenderam ao seu apelo.

Assim como d. Antônio, muitos dos presentes ouviram e sentiram esse mesmo chamado. “Quando vi o Parque 13 de maio sendo tomado por jovens de todo o Regional Nordeste II, não tive dúvidas: mais uma vez fizemos a coisa certa. Ao ver as pessoas chegando do sertão, do agreste, do brejo e do litoral dos quatro estados que compunham o Regional, senti um aperto no coração.” (TUNICO, 2008)

Esse misterioso “aperto no coração” sentido por Tunico, e que ele não consegue explicar, apenas sentir, é o mesmo sentimento narrado por todos os demais entrevistados, explicado apenas pela mística vivida e experienciada em momentos assim.

Existem razões e motivações que só quem caminha compreende, sem conseguir explicar. É como se uma força estivesse sendo gerada por uma máquina invisível e as luzes da consciência permanecem acesas mesmo passando por tormentas e vendavais. Essas luzes iluminam o caminho. É, portanto, um mistério que vira mística. (BOGO, 2002, p. 14)

Essa “força invisível” de que fala Bogo está presente em todos os momentos importantes da caminhada da PJMP, seja nos processos formativos, seja na luta diária de seus militantes. As “luzes” produzidas pela mística estão em toda parte, porque há uma preocupação constante em alimentá-la, cultivá-la. Isso será visto em detalhes nos capítulos a seguir.

Assim, esses capítulos foram pensados para traçar um panorama não só do tempo histórico da existência da PJMP, embora seja importante, mas principalmente sua contribuição sociopolítica para a juventude empobrecida brasileira, particularmente a inserida na Arquidiocese da Paraíba. Tomou-se como fio condutor, a mística que permeia sua ação pastoral, presente em seu trabalho de evangelização e luta.

Por isso, no primeiro capítulo discuto as questões teórico-metodológicas que norteiam esta pesquisa e que foram traçadas para melhor desenvolvê-la. Este, subdivide-se em quatro etapas que discutem o caminho percorrido para se chegar à temática; as teorias que sedimentaram a metodologia utilizada durante o processo da construção da pesquisa; as fontes pesquisadas; e os sujeitos da pesquisa.

No segundo capítulo, optei por discutir as origens da PJMP. Arbitariamente utilizei o tema do VI Encontro Nacional da Pastoral, “PJMP – Semente do Novo na Luta do Povo”, como fonte de inspiração para o título. Com isso objetivava traçar suas origens, por isso, este capítulo subdivide-se, assim, em três outras partes, onde apresento a conjuntura sociopolítica da época, no âmbito de América Latina e Brasil; a atuação da Igreja Católica e a ação dos movimentos leigos no Brasil durante o período militar; a gênese e a identidade da Pastoral; e por fim sua metodologia e um pouco de sua organização.

No terceiro e último capítulo, a proposta é analisar a mística da PJMP no contexto da fé e da luta do jovem que a fazia/faz. São apresentados quatro subcapítulos, onde o primeiro discute a formação trabalhada com o jovem na PJMP e sentida nesses momentos formativos; a discussão propriamente sobre qual a mística da Pastoral; a visão da mística como ânimo para a caminhada, na visão dos(das) colaboradores(as); e por fim a experiência da Romaria dos 15 Anos da PJMP, como uma importante celebração da luta e da fé do jovem que ajudou a construir toda essa história.

Neste último capítulo foram utilizadas especialmente as falas de Tunico, devido ao fato dele ter sido o único dos entrevistados a participar efetivamente da Romaria dos 15 Anos. Nena, à época, estava de resguardo, e não pôde participar. Os demais já estavam afastados da PJMP há muito tempo, com outras atribuições pessoais e profissionais, e não estavam acompanhando mais sua caminhada.

Tentei fazer com que as falas dos(das) colaboradores(as) estivessem presentes nos momentos-chave durante a feitura deste trabalho. Nem sempre isso foi possível, por questão de bom senso, limite e ética foram utilizadas aquelas falas que se coadunavam com o tema proposto no capítulo e/ou subcapítulos, respeitando a linha de raciocínio de cada participante e sua pertinência.

CAPÍTULO 2 – A PASTORAL DA JUVENTUDE DO MEIO POPULAR: SEMENTE DO NOVO NA LUTA DO POVO

2.1 Conjuntura Sociopolítica e Eclesiológica na América Latina e Brasil nos anos 1960 e 1970

A PJMP foi reflexo de anseios e conflitos vivenciados por agentes sociais no âmbito da conjuntura sociopolítica e eclesiológica das décadas de 1960 e 1970, especialmente na América Latina e Brasil, as quais representaram, para as sociedades organizadas, um momento de mudanças profundas em quase todas as instâncias do mundo contemporâneo. Eram momentos de crises políticas, sociais, culturais, econômicas e ideológicas. A Guerra Fria, instituída no pós-guerra, polarizou o mundo em dois grandes blocos político-econômicos, o capitalista, liderado pelos EUA, e o socialista, tendo à frente a União Soviética.

O “perigo vermelho” era algo real a ser enfrentado a todo custo e seu combate não deveria conhecer fronteiras. Como bem destaca Hobsbawm (2005, p. 422),

Quase desde o início da Guerra Fria, os EUA partiram para combater esse perigo por todos os meios, desde ajuda econômica e a propaganda ideológica até a guerra maior, passando pela subversão militar oficial e não oficial; de preferência em aliança com um regime local amigo ou comprado, mas, se necessário, sem apoio local.

Assim, sob a influência dos EUA, em vários países da África e principalmente da América Latina despontavam governos ditatoriais. A guerra ao comunismo, que povoava as cabeças da juventude latino-americana com ideais socialistas, justificaria as ações e intervenções nas políticas locais dos países abaixo da linha do Equador.

O regime militar brasileiro foi o precursor dos regimes militares latino-americanos daquele período (descontados o caudilhismo militar, tipo Stroessner ou Somoza, ou o golpismo militar continuado, tipo El Salvador ou Guatemala). [...] Em prazo curto, houve muitos golpes que instalaram regimes militares na América Latina (Brasil, 1964; Argentina, 1966; Peru e Panamá, 1968; Equador, 1972; Chile, 1973; Argentina, novamente, e Uruguai, 1976 – para citar apenas alguns). (SOARES; D’ARAUJO, 2009, p. 13)

Os regimes militares instituídos na América Latina, do Brasil na década de 1960 ao Uruguai na década de 1970 trouxeram um mar de retrocesso aos movimentos sociais organizados, no sentido de persegui-los, dismantelá-los ou mesmo extingui-los. Muitos

governos militares, aliados dos Estados Unidos, viveram, como no Brasil, um *boom* econômico que tentou mascarar por quase uma década as reais condições sociopolíticas dos povos da América Latina.

No Brasil, a resistência armada idealizada pelos jovens estudantes, personificada pelas guerrilhas urbanas, havia sido desmantelada no final do governo Médici, entre 1973/74 (LOPEZ, 1991). O quadro sociopolítico e econômico apresentava-se, na década de 1970, bastante peculiar, comparado às experiências vividas na década anterior, quando o regime militar se estabelece. Era o início do governo Médici; o chamado “milagre econômico” havia trazido a falsa ilusão de prosperidade à custa do endividamento da nação frente ao capital estrangeiro e à pauperização da maioria da população.

O período mais sombrio da ditadura no Brasil deu-se entre os anos de 1968-1974, ano da criação do AI-5. Centenas de assassinatos e torturas de estudantes, intelectuais, religiosos, operários e camponeses eram uma constante nesse período. No entanto, o regime gozava de um considerável apoio da sociedade civil (MAINWARING, 2004). O “perigo vermelho” ainda rondava as mentes dos jovens, suas principais “vítimas”, e havia boas notícias no campo econômico, que faziam do Brasil um forte candidato ao status de potência.

No segundo semestre de 1973, vários fatores contraditórios favoreciam a abertura política. O mais importante era a percepção por parte dos militares de que tal nível de repressão já não era mais necessário. A guerrilha fora dizimada, os movimentos populares estavam abafados e a oposição em geral fora reduzida a tímidas críticas. [...] Dentro desse contexto, o regime começou a promover uma abertura ‘lenta e gradual’ em 1974. (MAINWARING, 2004, p. 170)

Após esse período o país vive um ressurgir dos movimentos populares. Há um pulsar constante e gradual dos grupos sociais organizados, principalmente àqueles de pastoral, nesse momento, ligados à Igreja Católica. Em 1971 surge o Movimento das Pastorais de Periferia Urbana em S. Paulo, estimulado pelo cardeal dom Paulo Evaristo Arns. “[...] As pastorais irão trabalhar com um público carente, cheio de necessidades, e num momento de total cerceamento dos canais tradicionais de participação política e social” (GOHN, 2001, p. 110). Em 1972 surge o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), ligado à Igreja Católica; e em 1975, sob o estímulo de Dom Pedro Casaldáliga, nasce a Comissão Pastoral da Terra (CPT). (MATOS, 2003)

O governo sai enfraquecido das eleições de 1974, visto que o partido oficial, a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), perde espaço para o então partido de oposição, o Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Em 1976 surge o movimento de luta pela

Anistia; as greves do ABC paulista paralisam o país em 1978 (GOHN, 2001). “As eleições de 1974 significaram um vigoroso ‘não’ da população ao regime político vigente, fazendo do partido da oposição, o MDB, o vitorioso das urnas.” (GOHN, 2001, 114)

Em abril de 1977 Geisel, utilizando os poderes que o ainda AI-5 lhe dava, resolve fechar novamente o Congresso e editar o famoso “Pacote de Abril”, que lhe dava autonomia para criar emendas constitucionais, intervindo arbitrariamente na vida política do país, preocupado com as eleições em 78 para o Senado. Mais uma vez viu-se a ação dos estudantes que protestavam contra uma série de abusos cometidos pelo governo, e resolvem sair às ruas pela primeira vez após 1968.

Depois do ‘Pacote de Abril’, o ronco dos estudantes fez-se ouvir novamente. Pediam a libertação dos presos políticos, o restabelecimento das liberdades democráticas, e distribuíam uma carta aberta à população: ‘Hoje, consente quem cala’. Na primeira semana de maio a Universidade de São Paulo iniciou uma greve que tirou 60 mil jovens das salas de aula, levando 10 mil às ruas, onde se viram aplaudidos pela população. Quando começou a chuva de papel picado, os jovens se abraçavam. Alguns choravam. (GASPARI, 2004, p. 407)

As manifestações estudantis espalharam-se pelas principais capitais do país. Em maio de 1977 são presos, em São Paulo, oito manifestantes da Liga Operária, e oitenta mil estudantes entram em greve em todo o país em solidariedade. Na tentativa de recriar a União Nacional dos Estudantes (UNE), em setembro do mesmo ano, estudantes invadem a PUC de São Paulo e 1700 são detidos. (GASPARI, 2004, p. 494)

Sobre este episódio, Gaspari (2004, p. 398) comenta:

Os jovens deixaram a PUC-SP de mãos dadas. Na rua, a polícia deteve 1700 estudantes. Quinhentos foram para um quartel. Eles queriam o fim do regime. Entre os 693 presos de 1968 no arrastão do Congresso da UNE, em Ibiúna, havia centenas de militantes de organizações esquerdistas convencidos de que a lua armada derrubaria os generais. Entre os detidos da PUC é provável que não houvesse nenhum defensor de guerrilhas urbanas ou rurais. A cena da PUC foi coisa que só acontece de vez em quando: aquela garotada era elite e vanguarda. Em 1968, em Ibiúna, os estudantes eram a desordem. Em 1977, na PUC de São Paulo, a desordem era a polícia.

O quadro geral era desfavorável ao governo. Sem o lume ofuscante do outrora milagre econômico, o Brasil via-se agora numa política econômica de arrocho salarial, inflação galopante, dívida externa exorbitante, desemprego e violência institucional. Longe do apoio da sociedade como outrora, o governo agora representava um regime agonizante. As greves

do operariado, a movimentação estudantil e as organizações sociais da Igreja Católica protagonizadas pela juventude dos anos 70 aceleram esse quadro sociopolítico. Como afirma Gohn (2001 p. 171),

[...] embora a abertura não se tenha iniciado devido às pressões populares, os movimentos de base se tornaram um fator importante na luta política em 1978. Durante o período inicial (1974-1978) os setores liberais da sociedade foram os mais beneficiados pela abertura, mas, a partir de 1978, os movimentos populares também se encontravam num período de ascensão.

Em 1979 tem início o governo Figueiredo, num contexto extremamente desfavorável do que seria o último representante da ditadura militar no país. Dívida externa escandalosa – 39 bilhões de dólares, a maior do mundo subdesenvolvido – (GASPARI, 2004); inflação de 250% ao ano; greves; denúncias de corrupção representavam o quadro nacional, que perduraria até a redemocratização definitiva em 1985. Em toda a década de 70 “o povo é vítima de uma política que beneficia uns poucos privilegiados. Arrocho salarial e carestia marcam a realidade de amplos setores da população brasileira. Aumentam de forma assustadora o desemprego e a violência.” (MATOS, 2003, p. 197).

Entre os anos de 1983 e 1984, o Brasil viveu um período agitado de campanhas em favor das eleições diretas para presidente em 1985, que acabaram não ocorrendo. A derrota da Emenda Dante de Oliveira, que previa eleições diretas para presidente, frustrou a expectativa da luta encampada pelo movimento ‘Diretas Já!’, tido como o movimento popular que mais mobilizou o povo brasileiro em toda sua história.

Toda a sociedade civil, reorganizada, sai às ruas numa mobilização inédita. Organizações sociais, como a UNE, a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), a Associação Brasileira de Imprensa (ABI); e religiosas, como a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e todos os movimentos e pastorais populares ligados à Igreja Católica e de outras denominações religiosas e leigas, principalmente os de juventude, exigiram dos poderes políticos o direito ao voto democrático, que infelizmente não aconteceu.

Embora a eleição indireta para presidente, articulada pelo Colégio Eleitoral, tenha feito de Tancredo Neves o primeiro civil após os longos anos de ditadura militar, o povo brasileiro, ainda frustrado, queria mudanças, mesmo que não fosse como havia sido sonhado. Tancredo foi aceito, pois não representava o senil regime militar. Como destacou Veja (UM CIVIL..., 1985, p. 22): “Pela primeira vez desde que dom Pedro I proclamou a Independência, um regime caduco sai de cena sem que as garrafas de champanhe da nova ordem tenham de ser abertas com a ajuda das baionetas.”

Nesse contexto, destacamos o protagonismo da juventude brasileira na luta pela igualdade social e a (re)distribuição de renda entre os trabalhadores, através da organização de movimentos sociais e grupos populares de reivindicação, como o Movimento Estudantil que ressurgia com novo fôlego. A juventude estava presente nos mais diversos segmentos da sociedade, no campo e na cidade, nas fábricas, nas escolas, nos sindicatos ressurgentes, nas associações de bairros, na igreja popular.

Com a luta pela redemocratização, a década de 1980 foi bastante frutífera para os movimentos sociais no Brasil. Como diz Gohn (2001, p. 126):

A década de 80 foi extremamente rica do ponto de vista das experiências político-sociais. A luta pelas Diretas-Já em 1984 e pela implantação de um calendário político que trouxesse de volta as eleições para a Presidência do país, a luta pela redução do mandato presidencial, o processo Constituinte, o surgimento das Centrais Sindicais (CONCLAT, CGT, CUT, USIS, FORÇA SINDICAL), a criação de entidades organizativas amplas do movimento popular (ANAMPOS, CONAM, PRO-CENTRAL), o surgimento de inúmeros movimentos sociais em todo o território nacional, abrangendo diversas e diferentes temáticas e problemáticas, como das mulheres, negros, crianças, meio ambiente, saúde, transportes, moradia, estudantes, idosos, aposentados, desempregados, ambulantes, escolas, creche etc., todos, em seu conjunto, revelavam a face de sujeitos até então ocultos ou com as vozes sufocadas nas últimas décadas. Os anos 80 são fundamentais para a compreensão da construção da cidadania dos pobres no Brasil, em novos parâmetros.

2.1.1 Movimentos leigos e Igreja Católica no período militar

O surgimento da PJMP também foi oportunizado por novas configurações e posturas eclesiológicas historicamente assimiladas pelo segmento mais progressista do clero. A Igreja Católica havia repensado suas práticas e representações sobre as formas de intervenção social e a participação dos leigos no “reino de Deus”.

Com o final da I Grande Guerra (1914-1918) ocorreram fortes mudanças no cenário mundial: redefinições no mapa político, social, econômico, cultural e religioso são apresentadas ao mundo do pós-guerra. O capitalismo se consolidou com a crescente industrialização das nações vencedoras do conflito. Por outro lado, a Revolução Russa, surgida em plena guerra, assustava a essas mesmas nações poderosas.

Nesse contexto, uma velha instituição, bem mais antiga que os emergentes sistemas políticos e econômicos se atemorizava com os ideais socialistas advindos da Revolução

Russa: a Igreja Católica. Nesses tempos de pós-guerra, “a Igreja continuou insistindo na mediação do poder governamental para assegurar sua presença na sociedade”. (MATOS, 2003, p. 133).

O mundo havia mudado e a Igreja pouco havia feito de concreto para se inserir no novo contexto mundial. Desse modo, aos poucos, ela lançou as bases do que seria conhecida como a “sociologia religiosa” da Igreja, uma tentativa de inserção e valorização do leigo em seu trabalho pastoral, antes privilégio apenas dos seus pastores.

Assim, a Ação Católica, precursora das pastorais sociais, idealizada e pregada pelo Papa Pio XI (1922-1939), iniciou uma nova visão pastoral. A autonomia do leigo começa a ganhar espaço lentamente. Como bem destaca Libânio (1986, p. 90), “[...] na mente de Pio XI, a Ação Católica devia ser o braço estendido da hierarquia, a presença da Igreja Oficial, onde ela não podia estar”.

Após o Concílio Vaticano II (1962-1965), o trabalho desenvolvido pela Ação Católica encontra grande respaldo teológico e institucional. O Concílio incentivou uma ação mais efetiva da Igreja nos setores específicos da sociedade e assim conclamou a juventude dos efervescentes anos 60 para tal desafio.

Nesta perspectiva, surgem no Brasil os primeiros cinco movimentos de juventude voltados para essa evangelização social. Era a Ação Católica Especializada, no caso do Brasil, a Ação Católica Brasileira (ACB). O primeiro movimento a surgir foi a Juventude Operária Católica (JOC) e, a seguir, vieram os demais: Juventude Universitária Católica (JUC), Juventude Agrária Católica (JAC), Juventude Estudantil Católica (JEC) e Juventude Independente Católica (JIC). “A partir de 1950 a JUC e a JEC [...] obtêm uma posição independente na ACB. Intensifica-se a preocupação para com a realidade social do país.” (MATOS, 2003, p. 141). Eles teriam a delicada missão de evangelizar o jovem a partir de seu meio, da sua realidade, pois já não era suficiente conclamar a juventude a participar do seio da Igreja. Libânio (1986, p. 72-73) define bem esse desafio:

Não se retira o fiel de seu mundo para conduzi-lo à paragem segura, não se faz vir à igreja oficial, como reduto de salvação, as ovelhas tresmalhadas, mas vai-se ao mundo, para inserir-se dentro dele, como levedura na massa. Nesse sentido, o testemunho torna-se uma das formas mais autênticas de pastoral, mesmo com o simples silêncio da presença.

Desses movimentos de juventude ligados à Igreja Católica, a JUC e a JOC possuíam em seus programas objetivos políticos mais definidos quanto à ação com a juventude. No entanto, devido à ação política intensa da JUC no Movimento Estudantil (vários presidentes

líderes da JUC chegaram a presidir a UNE), há um racha entre a hierarquia católica e este segmento da juventude católica.

Assim, “quando começaram a surgir sérias e ameaçadoras desavenças entre a JUC e o episcopado (1961), foi criada a Ação Popular (AP). Tratava-se originalmente de um movimento autônomo inspirado no cristianismo, mas fora dos quadros oficiais da instituição eclesiástica.” (MATOS, 2003, p. 180)

O terreno em que surge a AP no Brasil estava germinado pelas mudanças sofridas pela Igreja Católica a partir do pontificado de João XXIII, pelas lutas de classe e ao mesmo tempo pelos limites sofridos pela JUC em relação ao clero católico, tendo em vista sua ação política. “Nasceu por isso, a ideia de criar outro veículo de ação política que permitisse liberdade de atuação e não envolvesse a hierarquia católica hostil à politização esquerdizante. Em junho de 1962, fez-se o lançamento solene da AP”. (GORENDER, 1987, p. 36-37)

A questão da JUC vem corroborar a discussão de que não se pode compreender a ação dos movimentos leigos única e exclusivamente a partir da Igreja institucional. A hierarquia católica, mesmo quando cria e estimula determinados grupos leigos em seu seio, nem sempre detém o controle rígido de suas ações, a exemplo da JUC. Como destaca Mainwaring (2004, p. 83)

Os católicos também fazem parte da estrutura social e, como tal, participam da política enquanto estudantes universitários, camponeses, trabalhadores, médicos. Interagem com a sociedade e são influenciados pelas tendências da sociedade como um todo e, em particular, pelos movimentos sociais dentro de sua própria classe.

No contexto mais amplo de América Latina, os golpes militares proliferavam. No Brasil, a experiência frutífera da Ação Católica, da JUC e posteriormente da Ação Popular é sufocada pelo regime ditatorial que desmantela e persegue todo e qualquer vestígio de grupo social ideológico, mesmo pertencendo à Igreja.

Num primeiro momento, acreditando realmente nas ações de combate à “ameaça comunista” que pregavam os militares golpistas no Brasil, a Igreja Católica, em declaração oficial de 2 de junho de 1964, através da Comissão Central da CNBB, após o golpe: “[...] agradecemos aos militares que, com grave risco de suas vidas, se levantaram em nome dos supremos interesses da nação, e gratos somos a quantos concorreram para libertarem-na do abismo iminente.” Porém, neste mesmo comunicado, os bispos fazem igualmente reservas ao movimento militar: “[...] Insistimos na necessidade e na urgência da restauração da ordem

social, em bases cristãs e democráticas. [...]” (MATOS, 2003, p. 171). Mais tarde esse quadro muda drasticamente.

O panorama político-eclesiológico vivido pela Igreja nesse momento era *sui generes*. A Igreja Católica respirava os novos ares trazidos pelo Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965), que pede uma ação mais concreta da Igreja no meio do povo e uma valorização maior do leigo nas ações pastorais. Como define Libânio (1986, p. 22), “Pastoral é a ação do Pastor”. Num sentido mais subjetivo, pastoral pode ser compreendida como “a ideia de autoridade de desvelo, de companhia, de relação interpessoal e finalmente de entrega de si até o dom total da vida àqueles que se serve”. (LIBÂNIO, 1986, p. 22.)

Os documentos do Concílio alertam: “[...] Os nossos tempos exigem não menor zelo dos leigos; pelo contrário, as circunstâncias atuais reclamam da parte destes, um apostolado mais fecundo e absolutamente mais vasto”. (DOCUMENTOS..., 1997, p. 370). Sobre os jovens, completa, “Os jovens exercem uma influência da máxima importância na sociedade atual (DOCUMENTOS..., 1997, p. 38). E as encíclicas de João XXIII, notadamente a *Mater et Magistra*, chamam atenção para a situação desigual e desumana no mundo do trabalho.

Assim, no início da década de 70 surgem as chamadas “pastorais sociais”, estimuladas por essa Igreja renovada, à luz dos compromissos firmados nas históricas conferências episcopais na América Latina.

A partir da realização da II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (CELAM) em Medellín, Colômbia, em 1968, a Igreja da América Latina passa por uma nova fase. Os bispos, ali reunidos, assumem o compromisso com os oprimidos da sociedade latino-americana e denunciam veementemente o que eles chamam de “violência institucionalizada” (CONCLUSÕES..., 2004).

É nesta Conferência também que a Igreja faz uma “opção preferencial pelos jovens”, destacando sua importância para o continente como o grupo populacional mais numeroso e pedindo a participação de todo o clero no apoio às articulações de grupos jovens, pois “a tendência a reunir-se em grupos ou comunidades juvenis mostra-se cada vez mais forte dentro da dinâmica dos movimentos de juventude na América Latina”. (CONCLUSÕES..., 2004, p. 100)

No Brasil, nesse mesmo ano, institui-se o período mais feroz da ditadura militar. Com o AI-5 o governo instala uma época de terror. Todos os movimentos sociais populares ou não são reprimidos, perseguidos ou desmantelados.

As medidas repressivas do regime de exceção, que eliminava as oposições e os partidos políticos, não deixavam outra opção aos movimentos populares, aos intelectuais e aos políticos senão a de ‘buscar abrigo’ no seio da Igreja Católica, que restava como um dos poucos bastiões sólidos na resistência à prepotência da ditadura instaurada com o AI-5. (MATOS, 2003, p. 203)

Na Conferência de Puebla, no México, onze anos depois, em 1979, os bispos reafirmam esse compromisso e reconhecem a importância dos jovens para a construção de uma nova sociedade, quando falam: “Convidamos de coração os jovens a vencer os obstáculos que ameaçam seu direito de participação, consciente e responsável, na construção de um mundo melhor”. (CONCLUSÕES..., 1979, p. 79)

Em Puebla, os bispos assumem seu compromisso com os oprimidos, a partir de uma “opção preferencial pelos pobres”, pois estes constituem o eixo do documento e seu princípio animador (CONCLUSÕES..., 1979). Nesta assembleia, os bispos elegem sete prioridades como os setores mais necessitados de cuidado e evangelização: a família (a mulher); a juventude; os indígenas; os camponeses; o mundo operário; os afro-americanos; os meios de comunicação social. A partir desse incentivo, surgem diversas pastorais sociais, de acordo com as emergências locais e o apoio recebido pela Igreja. Pastoral do índio, do negro, da terra, da mulher, da criança, da juventude. Neste sentido,

As Pastorais Sociais sentem a clara incumbência de garantir a presença da Igreja em nossa sociedade. Uma presença lúcida, consciente, organizada, articulada com a Igreja e com a sociedade, para garantir a missão plena da Igreja. Esta presença se ilumina com a atitude de serviço. Assim as Pastorais Sociais querem ajudar a Igreja a ter uma presença de serviço na sociedade. (VALENTINI *apud* MATOS, 2003, p. 203).

Nos anos 60 e 70 havia duas grandes vertentes que eram maioria no Brasil: a Igreja Católica e a juventude. Com a repressão, os grupos organizados sociais tinham nos jovens um celeiro farto e ávido por participar da vida política nacional. O idealismo os levou à luta armada e o poder golpista aparelhado sob a égide do estado nacionalista anticomunista não via obstáculos para suas ações. Milhares de jovens, entre tantos brasileiros, dos mais diversos segmentos sociais foram presos, torturados, assassinados, muitos desaparecidos. Estudantes, operários, camponeses, padres, freiras, leigos/as aumentava o número de desaparecidos misteriosamente nos mais diversos recantos do país.

A Igreja Católica, no início do golpe, como já foi dito, surpresa diante da ação truculenta dos militares ante a deposição do presidente João Goulart, mas convencida de suas intenções pelo discurso anticomunista, apoia o golpe. Mais tarde, reconhece o engodo e, na

ação da chamada “ala progressista” da Igreja, vê-se uma posição firme e determinante na oposição ao regime ditatorial.

Depois de 1968, a situação fica mais difícil para a sociedade brasileira. As únicas ações concretas de movimentos populares ligados à Igreja que ainda resistiam à ação implacável do governo militar foram a Ação Popular, o Movimento de Educação de Base (MEB) e o movimento Paulo Freire (MAINWARING, 2004).

Após a perseguição e o dismantelamento desses grupos, a Igreja passa a assumir uma posição cada vez mais contundente frente aos abusos cometidos pela ditadura e, muitas vezes, pela omissão e apoio de parte do clero católico conservador. A sociedade tem na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil umas das poucas instituições capazes de enfrentar com legitimidade a hierarquia militar. “A Igreja, desfrutando de uma estrutura internacional poderosa e de grande legitimidade moral, era a única instituição com autonomia suficiente para defender os direitos humanos”. (MAINWARING, 2004, p. 125)

Assim, em 1973, a Igreja Católica lança simultaneamente três documentos contundentes e reveladores vindos dos bispos do Norte e Nordeste. Uma espécie de *mea culpa* diante dos erros do passado e das omissões do presente, mas antes de tudo uma denúncia à violação dos direitos humanos. O primeiro, “Eu ouvi os clamores do meu povo”, foi escrito por dezoito bispos e superiores religiosos do Nordeste; o segundo e o terceiro, “Marginalização de um povo: grito das Igrejas” e “Y-Juca Pirama – O índio: aquele que deve morrer”, respectivamente, foram assinados pelos bispos do Amazonas entre maio e dezembro de 1973. Os três documentos possuem um conteúdo, que mesmo hoje, seria algo impensado de se ouvir da hierarquia católica. Eles são duros em suas análises, implacáveis em suas acusações e ironicamente socialista em seus discursos. O primeiro diz em um de seus pontos:

[...] Quantas vezes, envolvida nas malhas da iniquidade, que está também neste mundo, a Igreja tem feito o jogo dos opressores, tem favorecido os poderosos do dinheiro e da política contra o bem comum, sob máscaras enganadoras, por ingenuidade ou cavilação, numa triste deformação da mensagem evangélica. [...] (MATOS, 2003, p. 213).

O segundo é contundente:

É preciso vencer o capitalismo. É ele o mal maior, o pecado acumulado, a raiz estragada, a árvore que produz esses frutos que nós conhecemos: a pobreza, a fome, a doença, a morte da grande maioria. Por isso é preciso que a propriedade dos meios de produção [das fábricas, da terra, do comércio, dos bancos, fontes de crédito] seja superada. (MATOS, 2003, p. 216)

O terceiro denuncia a situação dos índios do Brasil e sua exploração constante: “[...] Temos clara consciência de que a *causa* real e verdadeira [dos males] está na própria formulação global da política do ‘modelo brasileiro’. [...] O trabalho a ser feito será decidido *com* os índios e nunca *para* os índios.”⁹; e a ineficácia da Funai: “[...] Sem esta modificação global, não poderá a Funai ou outro organismo passar dos limites de um assistencialismo barato e farisaico aos condenados à morte, para camuflar o inconfessado apoio aos grandes proprietários e exploradores das riquezas nacionais”. (MATOS, 2003, p. 218-19).

Esses documentos trouxeram confiança e ânimo à luta social pela democracia no Brasil e deram maior credibilidade à Igreja como instituição. Embora não tenham sido escritos pelo conjunto dos bispos, representam um importante segmento do clero brasileiro se manifestando e se posicionando claramente contra o regime ditatorial no país. Nesse período, os bispos das Igrejas do Norte e do Nordeste representavam os mais progressistas do Brasil. Era deles que provinham as mais retumbantes críticas ao governo.

Mas não era só isso. O desejo de participação democrática era intenso no meio da massa jovem. Imbuídos pela visão de uma igreja popular, pregada e defendida pela Teologia da Libertação, essas ideias serviram, para esses jovens, de adubo nesse terreno já fértil.

As maiores contribuições para a construção desse ideário de participação popular na PJMP foram dadas pelo surgimento das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), na década de 70, o chamado “jeito novo de ser Igreja”. As CEBs, comunidades leigas de fé, representavam grupos mistos de católicos (mulheres, homens, jovens ou idosos, agricultores, donas-de-casa etc.) do meio popular, que viviam sua fé à luz do evangelho, em comunhão com o próximo. No entanto, é Boff (1982, p. 199) quem melhor define essas comunidades de fé:

A comunidade eclesial de base não é apenas um meio de evangelização em meios populares. É muito mais; é uma maneira nova de ser Igreja e de concretizar o mistério da salvação vivido comunitariamente. [...] Muitas vezes o grupo se reúne debaixo de uma grande árvore que todos conhecem. Semanalmente se encontram aí, leem os textos sagrados, compartilham os comentários, rezam, falam da vida e decidem as tarefas comuns. Aí se realiza, como acontecimento, a Igreja de Jesus e do Espírito Santo.

A relação das CEBs com a PJMP será vista mais especificamente adiante, quando da análise da convivência da PJMP com os demais movimentos e pastorais populares da Igreja Católica na Arquidiocese da Paraíba.

⁹ Grifos do autor.

O protagonismo juvenil, aqui estudado, quer em movimentos ou pastorais, reveste-se de grande importância para a compreensão da contribuição dessa categoria para a história dos movimentos sociais no Brasil, mais ainda quando esse grupo é católico e possui uma proposta de ação popular a partir do evangelho, algo desafiador, como é a proposta de trabalho da Pastoral da Juventude do Meio Popular.

No Norte e no Nordeste, sob a liderança de bispos progressistas como d. Pedro Casaldáliga (São Félix do Araguaia), d. Hélder Câmara (Recife e Olinda), d. José Maria Pires (João Pessoa) e d. José Távora (Aracaju), a força jovem e leiga dá vida nova à ação pastoral da Igreja, numa mística militante e popular. Na década seguinte (1980), com o (re)surgimento das pastorais e movimentos populares ligados à Igreja Católica, os jovens tentam se organizar para evangelizar outros jovens, mas numa perspectiva de libertação, de participação efetiva dos rumos políticos e sociais do país, sonhando com uma sociedade mais justa e fraterna, à luz do evangelho do “Cristo Jovem”. É nesse cenário que nasce a Pastoral de Juventude do Meio Popular.

Passado o período ditatorial, os desafios se multiplicavam. A luta agora era contra a exclusão do jovem pobre, que, na década de 80, era maioria no Brasil e não tinha muita perspectiva de trabalho e inserção na sociedade. Daí a importância de um movimento social – neste caso, a Pastoral – congregar, organizar e conscientizar a juventude pobre espalhada pelas periferias do Brasil, surgida no seio da Igreja, mas que propunha uma ação preferencial por esses jovens, pois era formada majoritariamente por eles. Assim, a proposta de ação da PJMP para a juventude lhe trouxe grandes desafios, pois

[...] o trabalho daqueles que atuam na área da criança e da juventude pobres reveste-se de enorme importância. É necessário entender que os discursos/ações do capital – muitas vezes microscópicos, invisíveis e apresentados como desinteressados e naturais – provocam poderosos efeitos: excluem, estigmatizam e tentam destruir a pobreza, notadamente sua juventude. (FRAGA; LULIANELLI, 2003, p. 35).

A juventude brasileira, herdeira dos anos de “chumbo”, preparava-se agora para viver novos desafios. Não mais contra armas, perseguições políticas ou torturas, mas as mazelas deixadas pelo antigo regime como uma herança macabra. Lutava-se agora para exercer uma cidadania plena, em uma democracia adormecida que clamava por participação popular consciente. Exigia-se eleição direta para presidente; lutava-se por trabalho, comida, educação, saúde... bens universais que agora lhe eram negados. Para tanto, era preciso que os grupos

sociais se organizassem, e a Igreja, instituição “sobrevivente” ao regime militar dos anos 1960, parceira e ao mesmo tempo opositora da ditadura, se transformasse num espaço renovado para as ações das pastorais populares na nova sociedade desejada pelos brasileiros.

2.2 Gênese e Identidade da PJMP

A história do surgimento da Pastoral da Juventude do Meio Popular ainda não é um consenso entre os autores que já pesquisaram sobre suas origens¹⁰. No entanto, todas as fontes documentais produzidas pela própria pastoral atestam categoricamente o ano de 1978 como ano-marco de sua fundação em Recife, além de se encontrar também referências no meio acadêmico¹¹ – muito embora ela tenha surgido inicialmente como Movimento da Juventude do Meio Popular. Isso ocorreu em 9 de julho daquele ano, a partir do 1º Encontro de Animadores dos Jovens.

Posteriormente ocorreram vários encontros regionais e inter-regionais que definiram o “rosto” de uma pastoral mais específica e menos genérica, a exemplo do I Encontro Inter-regional de Animadores de Pastoral de Juventude, em janeiro de 1978, em João Pessoa, que questionou a existência de uma Pastoral de Juventude Geral, ao invés de se pensar em uma pastoral que levasse em conta o meio específico do jovem oprimido: era a chamada Pastoral Orgânica; no III Encontro, em janeiro de 1979, essa característica é levada em consideração e definida como a marca da PJMP.

Essa visão é endossada por um importante bispo incentivador da organização da Pastoral da Juventude do Meio Popular, d. Marcelo Pinto Carvalheira, bispo da diocese de Guarabira-PB à época, na apresentação das conclusões desse III Encontro:

Precisamos levar até as últimas consequências a distinção dos meios, para que se passe de uma Pastoral de Juventude genérica, vaga e indefinida, para um a Pastoral de Juventude específica de cada meio social, definida pelas características peculiares a cada meio e marcada pela ótica do oprimido. (APRESENTAÇÃO..., 1980 *apud* AMORIM, 1986, p. 37).

¹⁰Sobre a divergência de datas quanto ao ano de fundação e a partir de que fato relevante a PJMP foi criada, ver Silva (2006, p. 96), e Oliveira (2002, p. 89). Silva afirma que a fundação da PJMP se deu no ano de 1978, como atestam todos os documentos produzidos pela própria pastoral; já Oliveira sustenta a data de 1979 como a correta.

¹¹ Sobre o ano de 1978 como marco de criação da PJMP, ver PJMP... (2002, p. 39); PJMP... (2003, p. 7); GRUPO... (1988, p. 3); O Nascimento... (2008, p. 1); A PJMP... (2009, p. 1) e Sofiatti (2004, p. 122).

As discussões acerca de uma pastoral de ação específica, voltada ao jovem empobrecido das grandes cidades e do campo tomam corpo para além do Nordeste e chegam ao âmbito nacional, a partir dos Encontros Nacionais, cuja primeira experiência ocorre em julho de 1979, em Olinda-PE, sob o título “1º Encontro Nacional de Animadores Jovens/Adultos do Meio Popular”. (O NASCIMENTO..., 2008, p. 1).

No entanto, só em julho de 1980, em São Paulo, no II Encontro Nacional, é que se define uma identidade de pastoral de juventude popular e não mais um movimento, muito embora o ano de 1978 seja considerado mesmo como marco de seu nascimento como uma pastoral da juventude do meio popular. A semente estava lançada. (O NASCIMENTO..., 2008, p. 1).

Tendo seu germen surgido em Recife, sob os auspícios do bispo progressista d. Hélder Câmara, e a partir das discussões surgidas no I Encontro Iterregional ocorrido em João Pessoa, a PJMP brota e frutifica também na Arquidiocese da Paraíba.

Mas se a data de surgimento da PJMP em Recife ainda suscita controvérsias, aqui na Arquidiocese, então, isso está longe de ser um consenso. Não há um ano exato de quando a PJMP foi fundada na capital paraibana e as datas por vezes são contraditórias. Silva (2006, p. 99), por exemplo, diz que “aqui, na diocese de João Pessoa, a PJMP nasceu em 1981, a partir das motivações do I Encontro Regional da PJMP, realizado em João Pessoa, em janeiro de 1980.”; porém cita a fala de um entrevistado datando o surgimento da PJMP na Arquidiocese entre 74/75; e por fim cita um relatório da equipe diocesana de PJMP de 1979, coincidindo esta data com a fala de um segundo entrevistado, mas por fim encerra a discussão adotando o ano de 1981 para sua análise.

Realmente, há muita controvérsia. Inclusive nas fontes citadas. De acordo com um subsídio produzido pela Comissão Regional NE II de PJMP, sob o título de *PJMP – Aos quatro ventos* (2002), o 1º Encontro Regional de Pastoral de Jovens do Meio Popular teria ocorrido em João Pessoa em 1979. Ao menos duas outras citam o ano de 1980¹², como atestou Silva (2006).

Vê-se que, já naquela época, havia na Arquidiocese uma discussão sobre a PJMP e/ou a necessidade de se criar uma Pastoral de Juventude que levasse em conta o meio em que estava inserida ou pretendia atuar. Alguns(as) colaboradores(as) fazem determinadas considerações sobre o início da PJMP em João Pessoa e atestam a proximidade com Recife

¹² Cf. Romaria... (1993, p. 20); e Fazendo História... (1988, p. 5).

como um dos fatores para a sua possível fundação na Arquidiocese. Isso foi destacado por Tunico em sua fala:

[...] provavelmente Héilton e Marta¹³ já tivessem contato com o pessoal do Recife, como o Regional a nível de Igreja, os quatro estados, tinham uma ligação forte entre eles. Então eu penso que essa discussão que inicialmente ela segue no Recife, segue para outros estados. E o estado da Paraíba, pela proximidade... pelos contatos. Se a fundação é em 79, penso que Luiz Couto tenha um pouco de responsabilidade nisso aí, porque ele vem logo em seguida, como assessor. Provavelmente ele tenha participado desse início de discussão. [...] Acredito que pela proximidade, não só geográfica, mais a proximidade de discussões, de linha de trabalho, isso deva ser acontecido nas discussões iniciais, logo após a fundação em Recife. (TUNICO, 2008)

De fato, dois fatores citados por Tunico podem ter facilitado a articulação da PJMP na Arquidiocese da Paraíba, a proximidade entre os estados e os contatos estreitos com lideranças jovens, como Jairo Umberto; e do clero paraibano, como é o caso do padre Luiz Couto, um dos nomes mais citados pelos(as) colaboradores(as). No entanto, antes disso, já havia grupos de jovens nas paróquias das periferias da Grande João Pessoa; grupos de jovens atuando no meio popular, como relatam Douraci e o próprio Héilton.

A Pastoral da Juventude do Meio Popular, pra nós aqui ela... reflexalizada pelo seu nome, e digamos, reconhecida pelo Regional Nordeste II, que tinha sede no Recife, ela já acontecia aqui. Eu sou uma participante ativa desde os anos 1975. [...] E eu cheguei aqui na universidade, encontrei o movimento estudantil, que me acolheu, e participando do movimento estudantil começamos a discutir as pastorais, e aí como uma católica vim procurar os grupos de igreja... nisso encontrei o Luiz Couto, Anastácio, e frei Hemano. Foram três pessoas dentro da Igreja que imediatamente recebiam e abriam as portas para qualquer jovem que procurasse participar da Pastoral de Juventude, e com isso nós começamos a fazer grupos de reflexão sobre esse lugar da Pastoral, o significado dela nas lutas que já se travavam naquele tempo, né, da Teologia da Libertação, e os outros grupos da Igreja que estavam nascendo muito fortemente nos movimentos carismáticos etc. [...] a conjuntura do Recife teve muita influência na conjuntura daqui [...]. (DOURACI, 2009)

Douraci começou o seu trabalho como jovem de grupo de jovens da Igreja Católica muito provavelmente em uma instância da Pastoral de Juventude Genérica, pois ainda não existia formalmente uma “PJMP”, já que ao nascer em Recife em 1978, a PJMP ainda tinha a denominação de Movimento de Juventude do Meio Popular (MJMP).

¹³ Héilton e Marta foram dois ex-integrantes da PJMP, ligados ao Zonal Várzea, na Arquidiocese da Paraíba. Héilton é um dos colaboradores desta pesquisa e foi também, em um segundo momento, assessor da PJMP na segunda metade dos anos 1980.

Héliton fala de um período mais remoto ainda quando lembra do início de sua participação em grupos de jovens em Santa Rita, a partir do teatro popular feito por jovens e de uma visão de vanguarda na interpretação do Evangelho.

Em 1968, um grupo aqui em Santa Rita era um grupo que tinha jovens ... era chamado Grêmio de ... Socioculturais. Aí esse Gresc, e aí nesse período a gente trabalhou ... tava muito na questão da arte. Então nós trabalhamos com a Semana de Arte, então tinha toda a semana, e uma ... pela manhã, de cinema de arte. [...]Aí fizemos também, festival de música... conversou com os grupinhos, as cenas que a gente ia fazer, e como tinha menino negro, menino branco, aí foi perguntando: “– Qual o menino mais branco daqui?”, “– Ah, é fulano.” Todos conheciam. “– Qual é o mais negro daqui?”, “– É fulano.” “E qual é o que tem mais jeito de índio assim, com esse olho assim repuxado e esse cabelo liso?”, “– Esse daqui.” Então a gente dizia ser três Jesus. Um Jesus branco, um Jesus preto e um índio. Então em cada momento... agora é a atuação de Jesus nessa cena... e foi muito interessante que depois era um outro espetáculo sobre a questão da terra. E a terra a partir dos de hoje, mas a partir dos indígenas. Aí foi bom. Foi seguindo o grupo. (HÉLITON, 2009)

Na fala de Douraci, um fato importante é que ela participou de um momento histórico da fundação da PJMP na Arquidiocese da Paraíba, as discussões que definiram sua identidade, seu “rosto”. Os questionamentos com pessoas das mais variadas vertentes sociais no Conselho Pastoral diocesano, foram iniciativas que serviram de chão para o surgimento da PJMP aqui, e aos poucos foi definindo as ações de diversas pastorais populares que estavam se instalando naquele momento.

Então aí tinha uma pastoral de juventude instalada e nela tinha uma presença forte de grupos de classe média, de grupos que cantavam nas igrejas, nas missas, então a gente começou a sentir necessidade de ir mais para a periferia da cidade, e promover um debate mais da realidade, e fazer uma ação mais presente para modificar essa realidade, que era o que a Teologia da Libertação nos chamava. Então começou a ter um processo de reuniões interessantes, que reunia pessoas trabalhadoras da... operários, gente de universidade, do movimento estudantil secundarista, e lideranças populares que faziam algum tipo de trabalho nas igrejas locais. E isso tomou um rumo muito bom. Foi criando uma organização importante, nós estruturamos um grupo de reflexão dentro da pastoral e começou a haver as... as divergências começaram a aparecer e começou a haver uma separação a nível organizacional. Então um grupo ficou mais junto com Luiz Couto; Anastácio e frei Hermano eram mais na área rural, e Cleto com os operários. E lá também os operários, organizando a pastoral operária, tinha também jovens operários, só que num trabalho conjunto, os jovens operários também participavam do processo com a pastoral da juventude. (DOURACI, 2009)

Em um documento do Conselho Pastoral diocesano, num relatório datado de 1969, o padre José Augusto Trindade já reclamava a ausência de uma pastoral de juventude eficiente

na Arquidiocese da Paraíba, que “refletissem com os jovens, à luz do evangelho, os fatores relacionados com sua vida”¹⁴. E numa carta de dom José Maria Pires, arcebispo da Paraíba, na época, nove anos depois, dirigida às escolas de João Pessoa, ele fala da abertura da Campanha da Fraternidade de 1978 e conclama os estudantes para uma assembleia de jovens organizada pela Pastoral de Juventude do Zonal Suburbano¹⁵. Isso denota uma preocupação do clero com a necessidade de uma necessária organização da juventude na Arquidiocese. O fato é que havia grupos de jovens que não estavam ainda organizados e articulados. Isso parece ocorrer mesmo só no final da década de 70, ao menos com os movimentos e pastorais populares.

As falas atestam um processo típico que geralmente circunda o surgimento dos movimentos e pastorais populares ligados à Igreja Católica. Eles surgem por uma necessidade urgente dos leigos engajados no trabalho comunitário, antes mesmo de uma oficialização e/ou reconhecimento institucional. No caso dos jovens integrantes de grupos das periferias da Arquidiocese, inseridos em comunidades carentes de uma determinada paróquia, essa identidade do meio popular foi se construindo a partir da própria realidade local.

Isto foi percebido também por Suêldes, uma das colaboradoras desta pesquisa, na época em que participava de grupo de jovens na cidade de Santa Rita-PB. Suêldes admite uma organização de PJMP anterior, vinda inclusive de Recife e de outras regiões já articuladas, mas faz questão de destacar o protagonismo do jovem paraibano que se autodefinia como do “meio popular”.

Eu entrei em 1979, num grupo de jovens, um grupo de jovens que tinha características próprias, porque era acompanhado por uma congregação de irmãs. A partir da articulação que a gente foi construindo localmente, a gente já tinha essa visão de identidade popular. Até porque um dos compromissos era trabalhar na periferia de onde vinha nossa própria origem. E essa identificação ela foi se dando e foi se consolidando como jovem do meio popular. Eu não tenho visão, por exemplo, de ter sido criada [a PJMP] num determinado lugar e vindo pra outro, claro que tinha pessoas que tinham outras articulações e tinham um caminho já maior. Vinha gente de Recife, vinha gente de Itabaiana, vinha gente de Guarabira, então tinha pessoas que já assessoravam outros grupos em outros estados. E esse debate em Santa Rita começou a ser construído e cada jovem foi... se identificavam como classe, como meio popular, e tinha outras tendências na época; tava a expansão do movimento carismático na cidade; a própria Juventude Estudantil; a Pastoral Operária. Então localmente a gente se organizou, fez encontros, se autodefiniu como meio popular, e fez uma coordenação da área, onde tinha representantes dos diversos grupos de coordenação pra poder a gente desenvolver os trabalhos articulados (SUÊLDES, 2009)

¹⁴ Cf. Relatório do Conselho Pastoral de 08/04/1969.

¹⁵ Cf. Carta de d. José às Escolas, de 24/02/1978.

A princípio, um grupo de base surge sem maiores pretensões. De forma espontânea, pela necessidade dos jovens inseridos numa determinada paróquia ou comunidade, ou mesmo num bairro da periferia, formava-se um grupo, onde amigos chamavam outros amigos para participar do grupo, e os laços de amizade são fortalecidos nas reuniões, nos encontros, nos momentos celebrativos e festivos.

Durante as reuniões dos grupos há jovens que tocam violões, cantam hinos, há partilhas de vida onde a individualidade e a subjetividade de cada um/uma é valorizada, há os momentos de oração cuidadosamente preparados por uma equipe, e uma pauta é feita para discutir as questões mais importantes eleitas pelos jovens. Posteriormente há uma necessidade de uma definição maior do grupo, de uma ação mais efetiva, onde ele próprio se questiona e passa a discutir como ser “fermento” no Reino de Deus.

Assim quando a PJMP surge na Arquidiocese muitos grupos já existiam, porém sem muita organização e identidade definidos; o trabalho de nucleação da Pastoral é muito importante nesse momento, percebe-se que ela mostra sua proposta para esse jovem do meio popular e há uma adesão desses grupos. Nessa maré, dezenas de grupos de jovens surgem sob a ação da PJMP na Arquidiocese.

Na visão de todos(as) os(as) colaboradores(as) que viveram esse surgimento da PJMP, o ano-marco de sua fundação parece ter uma importância secundária, sendo bem mais relevante a participação e a ação dos jovens e os frutos que dela surgiram para a juventude do meio popular na Paraíba.

Três grandes eventos fazem da Paraíba palco das discussões da emergente PJMP. Em janeiro de 1978 ocorre em João Pessoa o 1º Encontro Inter-regional de Animadores de Pastoral de Juventude, que questionava a existência da Pastoral de Juventude Genérica e propunha uma Pastoral de Juventude que levasse em conta o meio específico (O NASCIMENTO..., 2008). Também em janeiro de 1980, na Capital paraibana, ocorre o 1º Encontro Regional da PJMP, preparado e coordenado pelos jovens, tendo a participação de 8 dioceses do Regional (Paraíba: João Pessoa, Cajazeiras, Campina Grande e Patos; Rio Grande do Norte: Natal e Mossoró; Alagoas: Penedo e São Miguel dos Campos; Pernambuco: Olinda e Recife). (ROMARIA..., 1993). Por último, em novembro de 1981, ocorre ainda em João Pessoa o 2º Encontro Estadual de Pastoral de Juventude do Meio Popular. (LUTA..., 1981)

Assim, tendo em vista os acontecimentos que precederam a fundação da PJMP citados acima, e as falas dos ex-participantes, optei por trabalhar com a data de 1979, como ano de sua fundação na Arquidiocese da Paraíba, por acreditar que essas discussões fizeram da Paraíba campo fértil para a ação da PJMP, muito embora isso não represente uma posição

estanque, visto a ausência de maiores comprovações documentais e as contradições das fontes já analisadas. Esta posição diverge da opção tomada por Silva (2006), que prefere adotar o ano de 1981 para a fundação da PJMP na Paraíba.

Na Arquidiocese da Paraíba os grupos de jovens do meio popular já existiam desde a segunda metade da década de 1970, como destacou Douraci em sua fala. A PJMP, ao surgir na Paraíba, vinda sob a influência de Recife, articula-se com esses grupos, através de sua proposta de trabalho de evangelização renovadora. Há articulações nas áreas de ação pastoral na Arquidiocese, composta pelas paróquias inseridas nos grandes bairros da periferia da Grande João Pessoa e do interior; nos zonais, e posteriormente se estrutura em uma comissão diocesana de juventude.

A PJMP, em busca de construir sua identidade junto ao jovem dos grupos de base, realizou uma série de encontros regionais e nacionais, tentando uma articulação com as dioceses do Brasil. Desse modo, “Em muitos lugares aconteciam experiências com jovens do meio popular. Fazia-se um esforço de se discutir a proposta em vários recantos do regional e do Brasil [...]” (ROMARIA..., 1993, p. 17-18), como podemos observar na foto a seguir:



Foto 1 - Chegada dos jovens participantes ao 1º Congresso Nacional da PJMP, que ocorreu em João Pessoa, em janeiro de 1999.

Fonte: PJMP, 2009.

Esses encontros, que possuíam caráter deliberativo, passaram a assumir essa característica de assembleia a partir do oitavo, em 1992. Eles serviram para discutir os rumos da Pastoral, suas características que a diferenciavam dos demais movimentos e pastorais que trabalhavam com juventude na Igreja Católica, seus objetivos, metodologia e sua mística.

Como já foi dito anteriormente, foi em seu 2º Encontro Nacional, em São Paulo, em julho de 1980, que a PJMP definiu sua característica de Pastoral de Juventude do Meio Popular, e não mais um Movimento. Foi nesse segundo encontro, também, onde foram discutidas e apresentadas as primeiras características que definiriam essa Pastoral, que seria

- formada exclusivamente pelos jovens das classes populares;
- uma pastoral que ajuda os jovens pobres a se reconhecerem como membros da classe explorada e como força importante na caminhada do povo de Deus pela libertação;
- uma pastoral que favorece a atuação dos jovens do meio popular nos bairros, nas escolas e nos locais de trabalho. (PJMP..., 2003, p. 32)

No ano seguinte, em seu 3º Encontro Nacional, ocorrido em Juazeiro (BA), a PJMP retoma a discussão sobre sua identidade, tendo como eixo-temático: “PJMP: o que somos? O que fazemos? O que queremos?”. Essas três perguntas mostram a preocupação em definir, junto aos jovens presentes naquele encontro, o “rosto” jovem da PJMP. No relatório final havia avanços quanto aos questionamentos levantados nesse encontro.

Definiu-se, por exemplo, que as coordenações seriam sempre compostas por jovens do meio popular; haveria a preocupação com a distinção dos meios em todos os regionais; o estímulo ao engajamento nas lutas populares e partidos políticos comprometidos com as causas populares; a preocupação com os valores humanos; a ligação fé-vida; a abertura dos grupos para a comunidade e a integração dos jovens que não fossem do meio popular nas lutas da Pastoral. Foi destaque também a necessidade de se valorizar mais os aspectos afetivos da vida dos jovens como sexo, namoro e amizade; além de mudar a prática assistencialista ainda presente em muitos dos grupos através de uma metodologia libertadora. (PJMP..., 2003)

Essas decisões eram trazidas para os grupos de base como algo que havia contemplado o que os jovens dos grupos espalhados pelo Brasil propunham como discussão, a partir de suas dúvidas, anseios, necessidades. Isso era algo novo, diferente do que acontecia em outros organismos sociais dentro da própria Igreja, onde havia gestores, líderes que decidiam pelo conjunto. Por isso, tudo o que era discutido nos encontros nacionais geralmente era fruto das

discussões já iniciadas nos grupos de base, e não o contrário. Esse era o protagonismo¹⁶ juvenil em ação que caracterizava a PJMP, esse era o seu diferencial destacado pelos ex-integrantes entrevistados.



Foto 2 - Representantes de dois grupos de base, o Grupo de Amigos do Meio Popular (Camp) e o Missionários, ambos da área de Cruz das Armas, Zonal Suburbano, unidos num ato público no Dia do Trabalhador.

Fonte: NASCIMENTO, 1990?

Tunico, por exemplo, fala de sua experiência com a Pastoral de Juventude (PJ) em Juiz de Fora (MG), e quais as diferenças desse protagonismo juvenil diante da realidade vivenciada em João Pessoa, com a PJMP:

[...] na diocese de Juiz de Fora tudo tinha que ser visto a partir dos padres, então lia-se isso ou aquilo porque era indicado pelos padres. [...] E lá na PJMP, na experiência mais local, em João Pessoa, eu pude ver que as escolhas eram de padres que vinham da nucleação, da base mesmo, às vezes se discutia alguma coisa dessa indicação. Mas errando ou acertando era uma escolha dos jovens, dos participantes dessa pastoral, assim como as decisões nas reuniões das comissões, também, sempre que possível era dentro... frutos daquilo que foi discutido na base ou em assembleia. Então isso sempre foi o que me entusiasmou. Porque embora a gente, enquanto

¹⁶ Entende-se aqui por protagonismo juvenil a ação concreta do(a) jovem sobre seu próprio destino em todas as esferas da dimensão humana: política, social, cultural, econômica ou religiosa. Na PJMP, vê-se, a partir das falas dos colaboradores e dos seus documentos, um protagonismo real da juventude, que decide o quê e como fazer dentro da Pastoral, assumindo as consequências por seus eventuais erros e acertos.

assessor adulto [...] tinha um papel de quem deveria estar colaborando para que fossem respeitadas essas decisões das bases, dos grupos, lá no seu bairro, na comunidade e que isso viessem nas várias escalas, nos zonais, na arquidioceses, no regional, sempre estava se retomando aquilo que havia sido discutido nas assembleias o que havia sido discutido com os jovens lá na base. Era interessante porque às vezes isso, eu tinha uma atuação no sindicato, e isso às vezes era lido pelo sindicato como bairrismo. Tudo tem que vir, até adiar, fazendo uma escolha porque tinha que ter essa discussão lá na base. Vir uma discussão lá da base. Mas eu, desde o início, ao contrário dos colegas do sindicato, eu via com muitos bons olhos e achava que era o certo, o melhor pra pastoral. E realmente acho que foi onde a gente aprendeu muito com isso, a gente conversa e isso sempre vem à tona. (TUNICO, 2008)

As palavras de Tunico são reforçadas por Corcione (1982, p. 53), quando trata do protagonismo juvenil na PJMP:

Na Pastoral de Juventude do Meio Popular – organizada com sua estrutura e sua forma autônoma – os jovens que assumem a prática pastoral-política são os próprios jovens do Meio Popular. São eles a decidir, tomar iniciativa e conduzir o processo. Aprendem a se descobrirem em sua dupla identidade de explorados e de crentes. Percebem que, como classe explorada, são chamados a ser os forjadores de uma sociedade nova, sem exploradores e sem explorados. Percebem que, como crentes no mesmo Deus e Cristo Libertador, são os prediletos do Senhor, sujeitos e destinatários prioritários da evangelização e da transformação da sociedade.

Corcione (1982, p. 53) também destaca os campos de ação dos jovens da PJMP na sociedade desigual da qual fazem parte:

Aprendem a explicitar sua fé não apenas na oração, mas na luta através dos órgãos de sua classe explorada; comprometem-se em seu bairro lutando nos conselhos de moradores; lutam na cidade e no campo através dos sindicatos; se engajam naqueles partidos políticos onde os interesses da classe explorada são favorecidos e onde esta mesma classe pode se organizar com seus próprios recursos, sem esquecer que “a salvação não vem fora da classe”. Dessa forma a Pastoral de Juventude do Meio Popular não contribui com a manutenção das relações de dominação, mas caminha para a superação de tais relações. Ela não recusa as contribuições daqueles jovens que, mesmo não sendo do Meio Popular, vão querer se comprometer no próprio trabalho pastoral dos Jovens do Meio Popular; mas sempre deixa claro a tais jovens que o papel deles é auxiliar; quem deve conduzir o processo da prática pastoral, são os próprios jovens do Meio Popular.

Essa característica da ação política da PJMP dentro e fora da Igreja, por sua vez, também é destacada por Tunico quando afirma que “[...] vários desses jovens atuaram no Movimento Estudantil, vários foram para sindicatos, as categorias que se colocaram, foram para o Movimento dos Sem Terra, foram para partidos políticos”.

Sobre a questão da militância política na sociedade, a PJMP produziu em quase todos os seus documentos e subsídios de orientação ao trabalho com a juventude do meio popular, esse compromisso com a militância inserida na sociedade, com vistas a uma mudança radical das velhas desigualdades que oprimiam/oprimem os jovens.¹⁷

Não menos reveladora é a letra do hino da PJMP, que retrata fielmente sua identidade.



Foto 3 - Imagem estilizada de jovem segurando faixa com o título do hino oficial da PJMP.

Fonte: PJMP, 2009.

**Ileaô, ileaô, a juventude é a bandeira do amor
Com o coração, com as duas mãos
Com todo o povo a gente faz um mundo novo**

1. Pelos campos, cidades e vilas
No trabalho ou então desempregado
Nas caatingas, nas fábricas, nas filas
Com muita raça e vontade de lutar
É a juventude do meio popular

2. Somos filhos de trabalhadores
A nossa classe é a classe popular
Nós temos sonhos e também muitos amores
Também queremos trabalhar, participar

¹⁷ Sobre a questão da militância da PJMP na sociedade, em seus mais diversos segmentos, ver Juventude (1990, p. 14); PJMP... (1988, p. 23); PJMP... (2002, p. 09), entre outros.

É a juventude do meio popular

3. Nossa luta é pelo engajamento
No nosso bairro e também no sindicato
Nós precisamos ficar todos unidos
Pra conquistar nosso direito que é negado
É a juventude do meio popular

4. A política partidária é outra coisa
Que não pode ser deixada de lado
Nós precisamos mudar esse sistema
Que faz o pobre viver sempre massacrado
É a juventude do meio popular

5. Nossa força quem nos dá é Jesus Cristo
Que nos empurra e ilumina o caminho
Pois ele é o nosso companheiro
Que pelos pobres sempre tem muito carinho
É a juventude do Meio Popular. (PJMP..., 1989, p. 32-33).

Este hino da PJMP é o retrato fiel dessa Pastoral e do jovem que dela participa. Já na primeira estrofe, ele mostra de onde vem este jovem do meio popular, que se encontra nos mais diversos rincões do país, seja no campo ou cidade, no sertão ou nas periferias das grandes metrópolis. A ação da Pastoral, através desse jovem comprometido com a luta popular, é feita a partir dos sonhos e sentimentos que lhe são caros, pois querem exercer sua cidadania. Essa cidadania pode e deve ser praticada em todos os lugares: no bairro, no sindicato, no partido político, enfim, onde haja espaço para o engajamento popular.

No entanto, tudo isso não podia estar desligado da fé em Jesus Cristo, o “Cristo Jovem”, que “empurra [os jovens] e ilumina o caminho”. Segundo o padre Antônio Murilo de Paiva, ex-assessor regional da PJMP, “Jesus Cristo foi uma pessoa que teve uma mística fortíssima”. Sua vida seria o exemplo para o jovem militante. Essa militância, no entanto, deveria ser animada pela mística alimentada pela fé em Jesus; a força que dá ânimo à caminhada. “Na vida nossa de cada dia, é preciso ter a mística da animação. Entre uma reunião e outra, entre uma ação e outra junto à caminhada, entre uma luta e outra, no movimento sindical, no centro cívico, no partido político é necessário contemplar o que se faz”. (PAIVA, 1987, p. 6).

Uma série de fatores ajudou a forjar a gênese e a identidade da PJMP durante toda a sua ação pastoral. Fatores históricos e conjunturais no Brasil e na América Latina, como já foi destacado. A opção de Puebla (em 1979) pelos jovens; a visão de uma igreja comprometida com a causa do povo de Deus defendida pela Teologia da Libertação; a situação de exclusão em que se encontrava o jovem brasileiro no período pós-ditadura; o surgimento de

movimentos populares fortes surgidos no seio da “Igreja Renovada”, como as CEBs, que representaram uma força importante na luta da Pastoral. Mas antes de tudo, essa identidade comprometida com a causa do jovem empobrecido deve-se principalmente ao autorreconhecimento desse mesmo jovem que se vê como “do meio popular”. Sendo católico, opta por militar dentro da Igreja Católica, mas dessa igreja renovada, popular, através de uma pastoral em que ele crê e ajuda a construir. Nela, é o jovem quem fala e age:

Queremos com nossa ação pastoral ajudar a construir uma Igreja sempre mais fiel ao Evangelho, uma Igreja de comunhão e participação que evangeliza a partir da perspectiva do empobrecido, que seja profética e onde possamos experimentar uma espiritualidade libertadora, comunitária e missionária. Uma Igreja com maior participação dos leigos (homens e mulheres) na missão e nos organismos de decisão. (ROMARIA..., 1993, p. 37).

Em sua missão explicitada em seus documentos, subsídios e resultados de encontros e assembleias, a PJMP é enfática: pretende ser Igreja, mas uma igreja nova, de rosto jovem, prioritariamente do jovem empobrecido, com vistas a uma transformação da sociedade a partir do “projeto libertador de Jesus Cristo”.

Essa visão tece a espinha dorsal dessa Pastoral, que assim define seus objetivos:

Evangelizar os jovens da classe popular no meio em que eles vivem e atuam, anunciando a pessoa e o projeto de Jesus Cristo Libertador com vista a uma prática libertadora na Igreja, na sociedade, na família e em todos os momentos de sua vida.

Esta evangelização acontece:

A nível de caminhada interna da Pastoral de Juventude do Meio Popular contribuindo para:

- a) O crescimento na fé pessoal e comunitária encarnada na vida.
- b) O conhecimento e denúncia das causas de morte e de nossa pobreza.
- c) O compromisso com a nossa classe oprimida.
- d) A militância na sociedade e na Igreja, anunciando o Reino de Deus como sinal e fermento de transformação.
- e) Uma relação de igual para igual, como verdadeiros filhos de Deus, acabando com as formas de dominação e exploração do outro.
- f) Uma formação que sirva de alicerce, ilumine a nossa prática e atinja todos os aspectos da vida.
- g) Trabalhar em articulação com outras pastorais populares (Comissão Pastoral da Terra – CPT, Comunidades Eclesiais de Base – CEBs, Pastoral Operária – PO, etc.), no sentido de unir esforços na transformação da sociedade. (PJMP..., 1988, p. 9-10).

Embora discuta-se constantemente a questão de classe dentro da Pastoral, sua identidade eclesial não é esquecida em momento algum. O verbo que define seu maior objetivo é “evangelizar”.

No entanto, essa evangelização não é feita a esmo, sem compromissos maiores com a juventude que compõe a Pastoral. A evangelização só alcançará seus objetivos se atrelada a ela estiverem outros compromissos: o estímulo a uma fé pessoal e comunitária; a denúncia constante dos males sociais; o compromisso com os excluídos da sociedade; uma militância consciente e comprometida com a mudança dessa sociedade; o desenvolvimento de uma relação interpessoal fraterna, sem a exploração do capital; uma formação continuada e efetiva que estimule a uma consciência plena; e a união entre pastorais e movimentos populares da Igreja, com vistas a uma transformação social efetiva.

Nesses objetivos elaborados pela Pastoral, percebe-se a influência determinante das conclusões da Conferência de Puebla, em 1979. Palavras-chave como “evangelização” (p. 365), “classe oprimida... dominação e exploração do outro” (p. 57), “fermento de transformação”, “formação” (p. 367), “pastorais populares... CEBs” (p. 53) estão presentes nesse documento episcopal. (CONCLUSÕES..., 1979).

E o jovem da Pastoral a ser atingido na Arquidiocese da Paraíba era aquele citado pelo seu objetivo, de um rosto jovem empobrecido, do campo e da cidade, das favelas, dos bairros da periferia dos grandes centros urbanos. Atingir esses objetivos era um desafio; na verdade seria bastante difícil. No entanto essa era uma proposta de vida. Não devemos esquecer que esses objetivos, assim como todos os caminhos percorridos pela Pastoral, “errando ou acertando”, como disse Tunico, partiram dos próprios jovens.

Mas o que de fato fazia o jovem participar dessa Pastoral? O que o levava a assumir esse desafio ao comprometer-se em evangelizar outros jovens à luz do “projeto libertador do Cristo Jovem”? A questão da definição de uma identidade do meio popular parece não ser suficientemente autoexplicativa para esse fenômeno. Havia outros organismos populares dentro da Igreja que trabalhavam e acolhiam as juventudes; havia a Pastoral do Menor, a Pastoral da Criança, o Movimento de Crianças e Adolescentes (MAC), a Comissão Pastoral da Terra (CPT), a Pastoral Operária (PO), havia as CEBs.

As reuniões dos grupos de jovens geralmente ocorriam nos finais de semana, principalmente nos domingos, pois era nesses dias que a paróquia, igreja ou comunidade abria suas portas ao povo e aos grupos que dela faziam parte para o trabalho pastoral. Para o jovem, era um desafio, pois os finais de semana são reservados para as atividades sociais como lazer/diversão, namoro, amigos, família. Muitas vezes era preciso conciliar os estudos, trabalho (quando havia) e vida pessoal com a vida pastoral, sem remuneração, sem muito reconhecimento por parte da sociedade adulta. Sobre essa questão, Suêlde, falando de sua experiência no seu grupo de jovens em Santa Rita, é quem nos dá a resposta.

Olhe, uma coisa que acho que era importante, era a construção dos vínculos entre as pessoas. Tinha uma articulação... por exemplo, tinha quem acompanhava e tinha quem participava. A gente gostava de tá junto. A gente tinha vontade de ficar junto. A gente se gostava. A gente tinha todo um... e tinha uma aceitação do jeito que a gente era. Trazia o jeito de ser. Então, primeira coisa era isso. A gente tinha o desejo de tá com o grupo, depois tinha um... o grupo favorecia a reflexão e o compromisso. Então, eu não namorava dia de sábado de noite, não. Eu ia é para o grupo! Era prioritária a participação. Eu ia pros encontros de forma prioritária. Era... porque era um compromisso afetivo que a gente... que despertava na gente. Que sustentava tudo. Porque o difícil é você juntar pessoas, depois que você junta, aí a coisa acontece. (SUÊLDES, 2009)

Douraci vê também um outro aspecto ao falar sobre a importância da PJMP para a juventude paraibana e o seu papel na Arquidiocese.

Primeira coisa eu acho é que ela ajuda a construir projeto de vida. Pra mim isso é ponto fundamental. Quando a gente entrava na Pastoral, a gente se sentia acolhido e convidado a pensar sobre sua vida, seu projeto de vida. Então, traçando um projeto de vida que ajudava a gente seguir um caminho que ia ser bom pra nós, então a gente... podia vir o resto, do mal, que a gente se preparava pra enfrentar, entendeu?; então isso era a coisa mais importante. Com isso agregavam-se todos os valores importantes, o valor da religião na nossa vida, o valor do ator social, que era ser agrupado, a presença do coletivo na nossa vida, a gente não deixava se sentir sozinho – o jovem sozinho tinha que se virar – nós éramos agrupados, então no coletivo, isso era muito forte [...]. (DOURACI, 2009)

Percebe-se, a partir dessas falas, que dois fatores podem explicar esse diferencial exercido pela PJMP no jovem que escolhia fazer parte de seus quadros. Um elemento é o afetivo. Os laços de amizade, carinho, respeito e afinidade estabelecidos nos grupos de base eram “alimentados” diariamente nas reuniões, encontros, assembleias, congressos e repassados para todas as instâncias da Pastoral, inclusive na própria Comissão de Assessores, muitas vezes composta por adultos que já tinham participado dos grupos de base na juventude.



Foto 4 – “Abraço da Lagoa”, no 1º Congresso, em comemoração aos 20 Anos da PJMP ocorrido em janeiro de 1999, em João Pessoa.

Fonte: PJMP, 2009.

Como vemos na foto, os encontros eram repletos de simbolismo e ritualística, mística, onde o afeto pelo outro, respeito às diferenças, partilhas de vida, representavam o “alimento” ao embate diário por um mundo melhor. Sem isso, os frutos dessa luta estariam comprometidos.



Foto 5 - Momento de mística da PJMP, onde os objetos de maior representatividade para os jovens dessa Pastoral estão presentes.

Fonte: PJMP, 2009.

O segundo elemento era a indicação de um caminho alternativo a seguir, diferente do que a sociedade até então apresentava ao jovem empobrecido. É o que Douraci chama de “projeto de vida”. Para isso havia um investimento muito grande da Pastoral em uma formação continuada e comprometida com a libertação do indivíduo, dos grilhões que o sistema capitalista impunha ao povo brasileiro, principalmente aos jovens, suas maiores “vítimas”. Consciente de seu papel na sociedade, sabedora de seus direitos como cidadã, a juventude do meio popular passa de uma mera expectadora, a protagonista de seu próprio destino. Era a semente lançada dando frutos.

2.3 Da JOC à PJMP: uma Metodologia Diferente

Para implementar uma metodologia aplicável à realidade da juventude brasileira, especificamente a juventude nordestina, a PJMP utiliza o método Ver, Julgar e Agir, da

Juventude Operária Católica (JOC), criado pelo padre Joseph Cardijn (1882-1967) e também idealizador do movimento de juventude operária surgido em 1924, na Bélgica. (MATOS, 2003, p. 138)

O maior mérito de Cardijn foi acreditar que para a Igreja chegar até o jovem operário seria necessário a ação de outros jovens operários no processo de evangelização. “O jovem trabalhador deveria ser apóstolo dentro do seu meio.” (BORAN, 1986, p. 25)

A ideia era fazer com que o jovem leigo pudesse ter uma formação séria, desenvolvida a partir de uma consciência crítica diante da realidade em que estava inserido. A JOC, à época, propunha “criar” uma consciência no jovem operário a partir do evangelho. “Seu método consistia em conhecer o meio-ambiente do jovem trabalhador, indo às causas dos problemas, estudar os fatos à luz da doutrina cristã e atuar eficazmente na transformação do meio.” (MATOS, 2003, p. 144). Eis a essência do método Ver-Julgar-Agir.

No início da década de 1980, quando a PJMP procura definir sua identidade, o método jocista há muito havia sido absorvido por grande parte das pastorais e movimentos de juventude da Igreja Católica, pois no Brasil, a JOC se estabelece na segunda metade dos anos 30, mas o seu apogeu se dá a partir dos anos 40 do século XX. São quarenta anos de método e aplicabilidade, muito embora a Igreja daquela época seja paternalista e assistencialista, só iniciando uma mudança em fins dos anos 50. (MATOS, 2003).

Para o padre Jorge Boran, assessor nacional da Pastoral de Juventude, em seu livro *Juventude: o grande desafio*, o método pode ser assim compreendido: VER, a partir dos fatos, causas e consequências, os problemas que afligem e aprisionam a juventude; JULGAR, à luz dos critérios cristãos, a melhor forma de combater esses entraves; e AGIR, numa ação conjunta e eficaz no meio. (BORAN, 1986).

O sucesso de aplicabilidade desse método leva o papa João XXIII (CARTA..., 1961) a exaltá-lo e recomendá-lo em sua encíclica *Mater et magistra*, quarta parte, nas “sugestões práticas” (235), como forma metodológica no trabalho com a juventude católica.

Para levar a realizações concretas os princípios e as diretrizes sociais, passa-se ordinariamente por três fases: estudo da situação; apreciação da mesma à luz desses princípios e diretrizes; exame e determinação do que se pode e deve fazer para aplicar os princípios e as diretrizes à prática, segundo o modo e no grau que a situação permite ou reclama. São os três momentos que habitualmente se exprimem com as palavras seguintes: “ver, julgar e agir”. Convém, hoje mais que nunca, convidar com freqüência os jovens a refletir sobre estes três momentos e a realizá-los praticamente, na medida do possível.

No entanto, o método jocista surgido aos moldes da realidade européia, e tendo em vista o período em que foi criado, não se aplicaria integralmente à realidade brasileira, especificamente a nordestina, sem algumas adaptações, principalmente na realidade específica da PJMP-Paraíba.

Assim, a própria Pastoral, após longos debates e propostas, acrescenta alguns elementos que considera importantes ao método cardijnista, com a inclusão dos verbos Celebrar-Avaliar-Festejar ao já existente método Ver-Julgar-Agir, e que a partir daí adota como a metodologia da PJMP, tendo em vista as necessidades metodológicas sentidas pela Pastoral, no trabalho com a juventude do meio popular.

Num importante subsídio elaborado em fins dos anos 80, intitulado *Grupo de jovens a caminho da libertação*, em comemoração aos 10 anos de sua fundação, a PJMP, numa linguagem simples e direta, esmiúça questões cruciais para a juventude, como fé, amizade, namoro, sexualidade, trabalho, organizações políticas, drogas, gênero, negritude, etc., tudo isto discutido à luz do método Ver-Julgar-Agir, agora também Celebrar-Avaliar-Festejar. Era o rosto do jovem empobrecido brasileiro que urgia mudanças. (GRUPO..., 1988).

O método foi bem aceito pela juventude do meio popular, tanto que até hoje o Ver-Julgar-Agir... ainda é aplicado pela Pastoral. Na Arquidiocese, essa metodologia foi empregada pelos zonais e pela Comissão Diocesana no trabalho com os jovens da base e também com o militante no processo formativo. Outras instância da Igreja Católica que trabalhavam com juventude também utilizaram o método adotado e adaptado pela PJMP, como os grupos de crisma. Nena lembra desse fato quando começou a participar da PJMP em 1984, em Bayeux:

[...] eu comecei a participar de grupo de jovens da Igreja, em Bayeux [...], na época, na escola, eu tinha uma amiga que era de lá e ela participava do crisma lá em Bayeux, e ela contava muita coisa interessante, que tinha se organizado o crisma, aí eu... então já era nessa perspectiva da Pastoral de Juventude, os jovens eram de grupos de crisma já participavam de pastoral, e eles eram animadores de crisma, então a dinâmica que eles colocavam nas reuniões do crisma era muito daquela metodologia que também se usava na Pastoral de Juventude do Meio Popular. (NENA, 2009)

Essa metodologia, aplicada na Arquidiocese da Paraíba ou em qualquer outra onde a PJMP tivesse articulação, seguia critérios distintos para o trabalho com a nucleação (incentivo ao surgimento de grupos de base) e para a militância. Na nucleação, o trabalho é feito tendo por base a consciência de classe, a fundamentação bíblica, a identificação cultural e a amizade. (PJMP..., 1988).

Isso é bastante interessante porque retrata bem a identidade da PJMP. O autoreconhecimento de saber-se do meio popular; a fé do jovem da Pastoral, que tinha na Bíblia um “alimento”; a atenção dada à cultura de cada grupo/região; e a afetividade presente no reconhecimento e valorização da amizade. Esses pilares pareciam “sustentar” o grupo.

No entanto, essa nucleação não era voltada apenas ao jovem “de igreja”, mas também para os não-católicos, pois cada jovem era visto como um sujeito no processo de libertação de outros jovens. Para isso, a formação continuada e o investimento na cultura/arte eram mecanismos eficazes da Pastoral, propostos por sua metodologia.

Um exemplo da ação com grupos culturais dentro da Pastoral pode ser visto a partir da experiência de Héilton, como ex-integrante de grupo de jovem que trabalhava com arte e cultura em Santa Rita, da Arquidiocese da Paraíba.

O movimento cultural era o seguinte, esses grupos, grupos de jovens, grupos de teatro, então a gente começou a descobrir o seguinte, o vazio que tinha de cultura nessa cidade. Quer dizer, a cultura existe, mas ela precisa ser revelada. E fazer uma cultura a partir da realidade do povo, mas uma cultura que resista, que questione, e que dê esperança. Então trabalhar essa história. Então a gente cria um movimento, com diferentes grupos. A gente tinha um movimento chamado Baú Aberto. Aí o compromisso era, todo mês a gente tinha que fazer um show. E todo mês a gente escolhia um tema. Então os poetas tinham que fazer seus poemas, escolher seus temas; os compositores tinham que pensar a letra, então era muito interessante. “Porque o tema desse mês é esse”, e independente, não tinha nenhuma orientação da Igreja, não tinha isso não. Nós é que decidíamos o que íamos fazer. Aí começamos a fazer no centro social [...], mas depois a gente começou a ir a outros centros sociais. Então tinha uma festa lá, então chama a gente, e a gente ia pra dar o recado com música, com poesia, com teatro; mas é interessante que... não sei, não lembro a data, mas aí, um dos grupos que se destacava muito era o TELL¹⁸. (HÉLITON, 2009)

O trabalho com arte e cultura era uma constante nos grupos de jovens que faziam a Pastoral. Era uma forma de, através da arte, chamar a atenção da juventude espalhada por toda a Arquidiocese para os problemas sociais. O movimento Baú Aberto, feito por jovens comprometidos com essa visão libertadora, assim se autodefine:

Foi uma ideia que a gente teve, se juntando com algumas pessoas que faziam alguma coisa de arte popular, como: teatro, música, poesia e dança. A gente se juntou e sentiu a necessidade de mostrar para o povo a cultura do próprio povo, a nossa cultura. Daí então, surgiu este baú, que agora está sendo aberto, e tem uma proposta de fazer serem vistos todos os tipos de

¹⁸ O TELL – Teatro Luta e Libertação era um grupo de teatro popular criado em Santa Rita por Héilton e outros amigos ligados à PJMP.

opressão, lutas e esperanças que a gente sente e faz, expressados em artes cênica, canta e recitada e até mesmo dançada. Isto é que é o Baú Aberto. (BAÚ ABERTO, 1981, p. 2).



Foto 6 – Jovens do grupo Camp, do Zonal Suburbano, representando uma peça de teatro popular sobre a temática da prostituição.

Fonte: NASCIMENTO, 1980?

A utilização da arte como meio para atingir a massa jovem foi um dos caminhos utilizados por diversos grupos de base da PJMP, como está representado na foto acima.

Héliton vê nas ações da juventude do meio popular através do binômio arte/fé uma mística típica da Pastoral, onde só pode ser explicada pelo grande amor por um ideal de sociedade, de vida, que fosse para todos. Para isso, vivia-se os momentos importantes para o povo, de forma criativa, dinâmica e renovada. Héliton cita como exemplo um auto de Natal, onde seu grupo mais uma vez inovou:

Aí a gente foi apresentar o espetáculo ‘Cristo Nasceu’, onde a gente fazia uma... o espetáculo mostrava o nascimento de Cristo, mas como ele tivesse nascido no Nordeste. E a gente não tinha berço, não tinha colcha, não tinha nada, tinha era um fundo de rede, a Maria era uma menina que mora aqui na frente, que é negra e arranjamos uma santa para ele e era a Maria com uma roupa de chita, uma coisa estampadinha. A gente tinha violeiros pra contar essa história; nós colocamos um pedaço da Nau Catarineta. Então foi tendo assim a questão dessa expressão da cultura popular e do folclore e ia contando. E na hora de levar os presentes para o Menino, então ao invés de dar essa coisa de ouro, mirra e incenso, então o que... a gente trazia abacaxi, porque a gente aqui ainda tem muito abacaxi desde aquela época [...]. então era isso que levava, então pelo menos esse rei, que não era rei né, era o povo mesmo levando, né, era um teatro diferente. [...] Então a mística começou a surgir nessa pastoral de juventude [...] mas uma mística diferente [...], que me leva a me comprometer cada vez mais com o que pode ser transformado pro bem de todos. (HÉLITON, 2009)

A metodologia aplicada ao trabalho com o militante, por sua vez, ocorria em duas esferas, na esfera eclesial e nos meios chamados específicos. No meio eclesial, ocorria através do acompanhamento de grupos de jovens, conselho pastoral, CEBs “desde que sejam numa linha renovada”. E nos meios específicos a partir do engajamento nas lutas das organizações sociais como as associações de bairros, movimento sindical, partidos políticos comprometidos com a causa popular, pois acreditava-se que só através dessa inserção na luta popular a sociedade desigual seria transformada em um lugar melhor para todos. (PJMP..., 1988)

A implementação dessa metodologia exigiu da Pastoral uma organização representativa relativamente complexa, à medida que esse corpo organizativo ia se expandindo para fora da estrutura local, como as instâncias regionais e nacional de representação juvenil.

Desde a sua fundação, a PJMP se organizava em equipes e comissões compostas por jovens da cidade e do campo. Mas a partir de 1983, os jovens do campo refletiram que poderiam contribuir mais com a Pastoral se estivessem organizados a partir da sua própria realidade, e nesse mesmo ano, num encontro regional em João Pessoa, eles discutiram essa questão de forma mais ampla. Em 1985 passaram a constituir a Pastoral da Juventude do Meio Popular – Rural, a PJMP-R, muito embora algumas atividades conjuntas tenham sido preservadas. Nesse mesmo ano, criou-se uma comissão provisória com jovens das dioceses de Garanhuns e Nazaré da Mata (PE), e Campina Grande (PB). (ROMARIA..., 1993).

A estrutura organizacional da PJMP, por estar presente em quase todo o país, foi nucleada por regionais. Ou seja, Nordeste I (Ceará), Nordeste II (Rio Grande do Norte, Pernambuco, Paraíba e Alagoas) e Nordeste III (Bahia e Sergipe), Centro-Oeste (Goiás),

Leste I (Rio de Janeiro) e Leste II (Minas Gerais), Sul I (São Paulo), Sul II (Paraná), Sul III (Rio Grande do Sul) e Sul IV (Santa Catarina).¹⁹ Para comportar tal estrutura, a Pastoral criou comissões jovens representativas e outras adultas, de assessoria, em todas as instâncias. Uma de suas maiores características, no entanto, era o fato de que quase todas as instâncias da pastoral eram compostas por jovens.



Fotos 7 e 8 - Jovens do Regional Norte I da PJMP, no primeiro encontro de formação em Manaus, ocorrido em 2007, após sua primeira articulação.

Fonte: PJMP, 2009.

Mesmo a comissão de assessores, composta por adultos com mais experiência, já tinham passado pelos quadros da pastoral, ou seja, tinham sido jovens militantes da PJMP e por isso eram escolhidos pelos jovens, em reuniões de assembleias, para compor a comissão de assessores.

Respeitando as especificidades de cada região/localidade, a PJMP se organiza a partir de uma Comissão Nacional de Pastoral da Juventude do Meio Popular (CNPJMP) e Comissão Nacional de Assessores da PJMP (CNAPJMP); das Comissões Regionais de Pastoral da Juventude do Meio Popular (CRPJMP) e de Assessores Regionais (CRAPJMP); das Comissões Diocesanas de Pastoral de Juventude do Meio Popular (CDPJMP) e as Comissões Diocesanas de Assessores de Pastoral de Juventude do Meio Popular (CDAPJMP); dos zonais ou setores (que abrangem grandes bairros, cidades ou microrregiões) e, por fim, dos grupos de base, que davam origem e sustentabilidade à Pastoral.

Para uma melhor compreensão dessa organização, veja-se o esquema abaixo.

¹⁹ Até o período estudado, a PJMP ainda não possuía uma articulação com a Região Norte. Isso só ocorreria a partir de 2004, quando a Pastoral passa a articular os grupos de jovens de Manaus (AM) e Boa Vista (RR). O primeiro encontro de formação ocorreu em Manaus entre os dias 20 e 22/04/2007, após quatro meses de caminhada, tendo a participação de 70 jovens. Cf. A PJMP... (2009, p. 1).

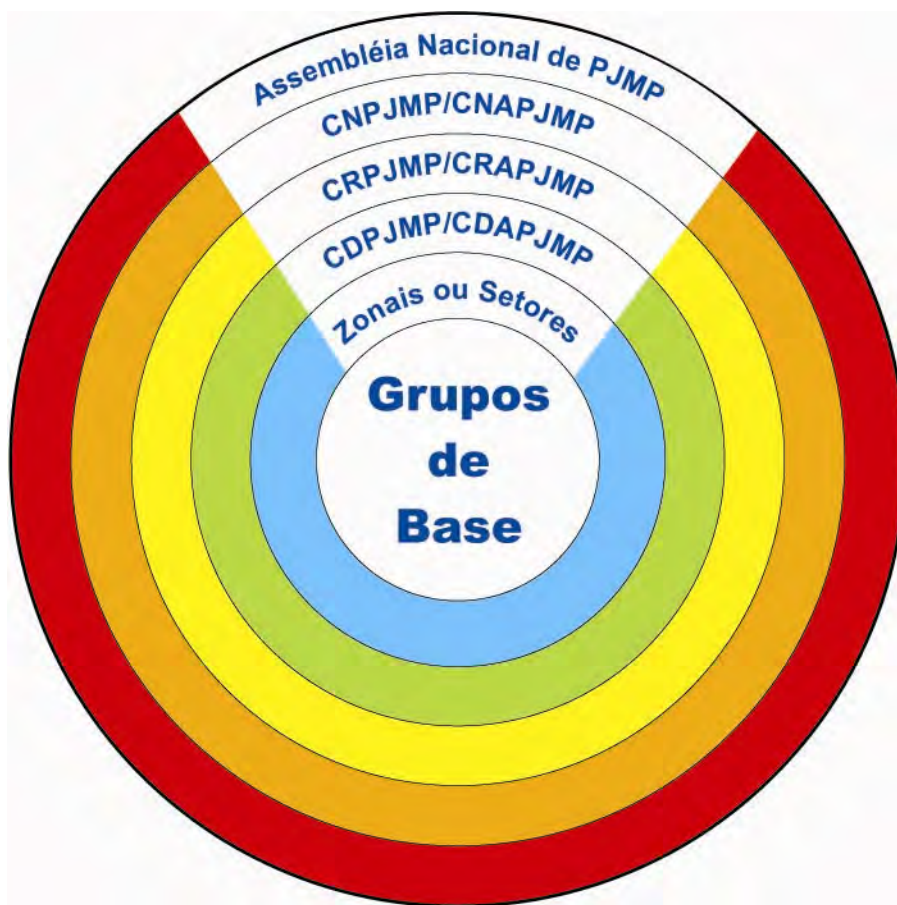


Figura 1 - Organograma da organização da PJMP em âmbito nacional.
Fonte: NASCIMENTO; SOARES, 2009.

Na Arquidiocese da Paraíba, os grupos de base enviavam representantes aos zonais (que abrangiam grandes bairros ou mesmo cidades). Na Arquidiocese havia, à época, os zonais urbano, suburbano, litoral, agreste, brejo e várzea. Bairros como os de Cruz das Armas, Mangabeira, Valentina, Mandacaru, Ilha do Bispo, entre outros, e cidades como Bayeux, citados por Tunico e Nena, faziam parte do Zonal Suburbano; Santa Rita, por exemplo, bastante citada por Héilton e Suêlde, fazia parte do Zonal Várzea.

Aqui não será feita uma análise detalhada da estrutura organizativa da PJMP e de seu funcionamento, pois não é este o objetivo deste trabalho, tendo em vista este ponto ter sido abordado por Silva (2006) em sua dissertação.

No entanto, um fator deve ser destacado na escolha dos representantes dos jovens na Pastoral, essa escolha era feita de forma livre e democrática, após longa discussão e da anuência do(a) escolhido(a) para tal responsabilidade. Elencavam critérios, como disponibilidade (tempo); preparo, no sentido de compreensão e capacidade para representar e defender as posições de seu grupo; e acima de tudo vontade em contribuir com a Pastoral, participando de suas esferas representativas.

Em um importante relatório feito em 1982, pela Comissão Diocesana de Jovens do Meio Popular, recém-criada, os jovens em reunião fazem um relatório de nome sugestivo: “Retrato da Pastoral de Juventude do Meio Popular – Arquidiocese da Paraíba” (Apêndice B), com o intuito de compreender melhor as questões fundamentais que permeavam a vida dos grupos naquele momento, como: quais os zonais que estavam articulados ou não; quantos grupos existiam em cada um; quais eram suas dificuldades, que trabalho desempenhavam, o que estavam fazendo para superar as dificuldades e em que a PJMP poderia ajudar.

Este relatório é extremamente importante porque mostra realmente um “retrato” da PJMP nos primeiros anos de sua fundação na Arquidiocese da Paraíba. Dele podemos perceber a criação da primeira Equipe Diocesana de Jovens do Meio Popular, muito embora o relatório faça referência à Pastoral da Juventude do Meio Popular, curioso é que em sua primeira coordenação diocesana não consta o nome “pastoral”.

É nela também que se define decisão de se escolher dois jovens de cada zonal para compor a Equipe Diocesana, mais tarde chamada de Comissão Diocesana. Aqui percebe-se também a gênese da característica do protagonismo juvenil dentro da Pastoral, quando em um item do relatório consta uma observação rigorosa: “A Equipe existe, como já foi percebido, não para ditar as regras do jogo, mas para ajudar na caminhada libertadora de nossos jovens do meio popular.” (RETRATO..., 1982, p. 1).

À época, a Arquidiocese possuía mais de mil e quinhentos jovens articulados em aproximadamente 65 grupos de jovens espalhados nos quatro zonais, posteriormente surgirão os zonais Litoral e Urbano.

Percebe-se também, que, enquanto em determinados zonais há desarticulação e até algum desânimo, como é o caso do Brejo, noutros há uma efervescência juvenil em ação. Em alguns zonais também há uma certa discrepância no tipo de trabalho feito pelos grupos de jovens de um mesmo zonal. Enquanto uns trabalham com catequese (ajuda nas liturgias, assistência aos doentes, etc.), outros já mostram um trabalho mais efetivo, do que seria o trabalho pastoral da PJMP, como o teatro libertador, ação nas CEBs, “shows para o povo mostrando a situação”, etc., como é o caso do zonal Várzea.

Desde sua fundação até quando define o seu “rosto” jovem, a PJMP segue enfrentando desafios, já que se propõe a evangelizar jovens do meio popular a partir da sua realidade social. Não apenas evangelizar o jovem “empobrecido”, mas lhe oferecer como proposta algo novo e ao mesmo tempo diferente do que a Igreja vinha fazendo até o momento, ou seja, discutir fé e consciência de classe, Bíblia e política, afetividade e sexualidade, mística do militante e cultura; tudo isso em consonância com o projeto libertador do “Cristo Jovem”.

Para tanto, era necessário investir em uma formação que unisse o binômio : fé e ação – base da proposta dessa Pastoral Social. É o que vamos analisar a seguir.

CAPÍTULO 3 – A MÍSTICA NA FÉ E NA LUTA DA PASTORAL DA JUVENTUDE DO MEIO POPULAR

3.1 Na Formação, um Projeto de Vida

A PJMP, criada e pensada para evangelizar o jovem empobrecido da sociedade brasileira à luz do evangelho vê, nesse mesmo jovem, o instrumento de Deus como fonte de libertação da sociedade desigual e opressora. Para tanto, fazia-se necessário não só evangelizar a juventude do meio popular, mas formá-la, dar-lhe consciência de classe, a partir de, e em seu próprio meio, para que se reconheça como parte fundamental do “projeto libertador” de Cristo.

É a Conferência episcopal de Medellín (1968), dez anos antes da fundação da PJMP, quem mostra aos jovens o seu maior papel na Igreja e na sociedade, sob grandes responsabilidades: “A Igreja vê na juventude a constante renovação da vida da humanidade e descobre nela um sinal de si mesma: ‘a Igreja é a verdadeira juventude do mundo’”. E mais, atribui à juventude um sentido transcendente, espiritual e místico quando afirma que “ela tem a tarefa de reintroduzir constantemente o ‘sentido da vida’”. (CONCLUSÕES..., 2004, p. 101-102). Os jovens entenderam o recado. Após dez anos da Conferência de Medellín, nascia a PJMP no Nordeste brasileiro.

Os grupos de base representam, efetivamente, esse “sentido da vida” prática dentro da PJMP. Eles, organizados nas comunidades e paróquias, nos bairros da periferia, reúnem-se nos finais de semana e, sob orientação de líderes jovens militantes, discutem, à luz do Evangelho, as ações de sua libertação na sociedade; recebem formação das mais diversas temáticas sugeridas pelos próprios jovens e se propõem a conscientizar outros do seu papel e da sua importância na sociedade e no mundo.

Desses grupos de base, após uma formação continuada e sistemática, surgiram líderes que construíram uma vida sociopolítica nos demais organismos populares de luta da sociedade.

Os jovens desses grupos de base que compõem a PJMP passaram antes por uma série de conflitos até serem aceitos por um grupo que lhes desse atenção, espaço para se expressar e voz para dizer quais suas necessidades, sonhos e desejos. Entre esses problemas estão os embates dos conflitos de gerações na família, a autoaceitação, as dúvidas afetivosexuais, os problemas socioeconômicos que se apresentam aos jovens, como o desemprego, as drogas, entre tantos outros. Encontrar um espaço onde essas dimensões que

circundam a juventude do meio popular sejam vistas e tratadas com o devido cuidado, é o grande desafio para o próprio jovem e para quem se propõe a acolhê-lo(a) em seu meio.

A necessidade de se encontrar, de agir em grupo, de se sentir aceito(a) faz do(a) jovem uma categoria de idade fértil para ações sociais de resultado. Na fase da adolescência há um turbilhão de dúvidas que povoam a mente do(a) jovem, assim como uma fonte de energia inesgotável a ser canalizada para ações construtivas e que produzam bons frutos no futuro de cada um/uma. Como afirma Becker (1992, p. 43)

Nesse momento há também uma enorme necessidade de pertencer a um grupo [...]. O grupo, então, ajuda o indivíduo a encontrar a própria identidade num contexto social. No grupo existe uma certa uniformidade de comportamento, de pensamento, de hábitos.

[...]

Um serve de modelo para o outro. Sofrem de angústias semelhantes, e o grupo funciona como protetor perante elas. Curtem as mesmas experiências e descobertas, e as vivenciam juntos.

Há uma busca constante de aceitação por esse grupo, de valorização, de convergência de pensamentos por pares com problemas parecidos, angústias e também de desejos semelhantes. Isso, durante muito tempo foi o que se propôs a fazer a Pastoral da Juventude do Meio Popular.

Efetivamente, a formação na PJMP representava um de seus pilares na evangelização da juventude do meio popular, pois ela “deve ajudar os jovens a ter consciência crítica e consciência de classe que os leva à militância” (PJMP..., 1988, p. 28). Essa formação deveria ser integral, abrangendo as dimensões política, psicológica, teológica e o despertar da capacidade técnica.

Devido aos diferentes estratos na composição orgânica da Pastoral, ou seja, para contemplar o jovem iniciante, o jovem militante e os assessores, pois todos precisavam de formação, pensou-se em uma formação diferenciada. No entanto, essa formação se estruturava em apenas um eixo, deveria seguir a “pedagogia de Jesus Cristo”. Ele seria o maior exemplo. O Cristo vivido e defendido pela Pastoral era aquele libertador, solidário, contrário às injustiças de toda espécie, amigo e orante. Esse Cristo Jovem era também alguém extremamente místico, pois conseguia unir uma ação política militante junto ao povo, com o amor incondicional por este mesmo povo.

Os militantes da Pastoral acreditam, que

É a mística de Jesus que alimenta sua prática e o leva a assumir a missão até as últimas consequências; mística esta que é alimentada no diálogo permanente com o Pai e pelo amor apaixonado por seu povo oprimido. [...] essa mística, essa maneira de ser de Jesus Cristo, anima nossa militância, ao mesmo tempo que nos arranca de um mundo alienado, para sermos agentes fortes e decididos, guerreiros ágeis e combatentes, embandeirando seu projeto evangélico libertador. (PJMP..., 1988, p. 39-40).

Essa visão ajudou aos militantes e assessores da PJMP a traçarem um perfil formativo que tentava suprir as necessidades dos jovens a partir das dimensões acima citadas. Vários temas eram propostos a partir dos encontros, assembleias, congressos e reuniões da Pastoral. As temáticas presentes nos encontros formativos abordavam questões que abrangiam da conjuntura política à Bíblia.

Essa formação vivida na Pastoral foi lembrada por todos(as) os(as) entrevistados(as) desta pesquisa. Destacaram a sua importância no processo de conscientização do jovem que integrava a PJMP, não só no despertar da consciência de classe, mas também no despertar dos valores éticos que permearam a vida de muitos dos jovens, militantes e também assessores que passaram pela Pastoral.

Ao falar da época como integrante da Comissão Diocesana de Assessores da PJMP na Arquidiocese da Paraíba, Tunico lembra desse importante papel da Comissão.

Uma coisa muito forte nessa Comissão, já que para o assessor era pouco provável dele dar conta, sozinho, era de ter realmente um projeto de formação para os jovens. Seja um projeto de formação a nível arquidiocesano, seja um projeto para funcionar em cada zonal. Porque dentro do zonal ele poderia trazer os grupos de base. Inicialmente a gente pensou que esse projeto precisaria ter dois braços fortes. Um que contemplasse os núcleos de base, os grupos que estavam se formando, e um outro que seria um braço de formação e aprofundamento com os militantes. Pessoas que já estavam militando nos movimentos da Igreja, no movimento social, sindical, no partido, então pensar uma formação que desse conta de colaborar com essas pessoas. Então a Comissão começou a se debruçar mais nesse aspecto. Também, é claro, procurava estar presente na articulação dos grupos, mas tentou se firmar mais nesse pensamento de articulação. Em projetos. (TUNICO, 2008)

Esta fala de Tunico corrobora o que foi dito anteriormente sobre a formação diferenciada para os variados grupos representativos que constituíam o corpo da Pastoral, escolhido pela PJMP como metodologia aplicável ao desenvolvimento desse trabalho.

Suêldes vê na formação recebida da Pastoral algo de muito importante para a sua formação pessoal e mais tarde profissional, já como adulta, no trabalho com mulheres. Mas

não sem rupturas, conflitos no próprio grupo quando se refletia sobre o que se estava discutindo.

Eu fico pensando... assim, imaginar, o tempo... como a gente viveu coisas de promoção profundas, profundas mesmo. De mapear a história da Bíblia e as figuras que tinham. Discutir a questão de gênero, eu descobri na PJMP. Formamos um grupo de mulheres em 86, mais ou menos, 85, a gente criou o primeiro grupo de mulheres de Santa Rita que não tá registrado em história nenhuma, ele tá... ele ficou no anonimato, a gente fez muita coisa, inclusive pública, mas a gente descobriu as questões de gênero num encontro da PJMP. Passamos a noite com raiva dos meninos porque descobrimos que todos poderiam utilizar inclusive a Bíblia pra nos oprimir, e a gente tinha que fazer na época, Luiz Couto que coordenou, era o júri popular, a gente fez: “Quem é melhor, o homem ou a mulher?”, e a gente fez a defesa baseada nos preceitos bíblicos e em todo o senso comum que a gente tinha da época. Foi assim, muito bacana, mas também muito sofrimento a gente ver que o machismo imperava inclusive na argumentação dos meninos. (SUÊLDES, 2009)

O papel do assessor era extremamente importante nesses momentos, por ter mais experiência, por ter uma visão de conjunto da Pastoral e por ter como uma de suas principais funções pensar uma formação integral para o jovem, para a Pastoral, muito embora ele/ela nem sempre fosse a pessoa responsável por passar essa formação. Havia muita gente que era convidada para isso, dependendo da temática em questão e da clientela. Muitos grupos de base, por exemplo, solicitavam aos seus representantes dos zonais, a partir dos temas sugeridos, estudos formativos, e estes por sua vez encaminhavam essas solicitações às reuniões da Comissão Diocesana.

Nena, como ex-assessora, faz uma análise consciente do papel desse assessor e dos problemas do processo formativo aplicado na Pastoral, que nem sempre estavam isento de críticas.

[...] a questão pedagógica da Pastoral da Juventude do Meio Popular era muito forte, apesar de não ser sistematizada. O que pra mim chamava muito a atenção era a falta de sistematização. Às vezes corriam vários encontros, todos os anos, e era mesma história, e a isso era uma das coisas que começou muito a me incomodar. [...] Então eu comecei a participar assim, a participar dos eventos, organizando, coordenando alguns encontros, momentos formativos, eu também coordenava. E a partir daí foi que a gente foi pensando como é que a gente sistematizaria essas ações. Que eram muito... não eram estáveis não. Se for pra usar um termo pedagógico, elas não tinham uma intencionalidade, né. É como dizer assim por ser um processo educativo, e era um processo educativo, porque eu lembro que a gente tinha análise de conjuntura, espiritualidade, sexualidade, a formação... bíblia, então a formação envolvia sempre esses eixos, mas não tinha uma intencionalidade, às vezes você considerava que aqueles jovens já tinham participado daquele processo, né, não digo que seria uma preocupação, mas

não se percebia, não se percebia que tinha que fazer uma coisa diferenciada. E talvez por ser num espaço formal; tinha essa dificuldade. Eu lembro que quando a gente começou a pensar realmente, por exemplo, a gente era a equipe de assessoria, que era eu Tunico, aqui em João Pessoa [...] a gente pesava muito por aí, ele também era da área de educação, eu também, então a gente ficava muito angustiado, “e aquele jovem, que já tinha participado daquela formação, no ano seguinte, no anterior, ele acabava...” Ele terminava saindo. Era como se a gente não tivesse outra coisa pra dar. Eu acho que a assessoria foi muito pensada não para negar o que já existia, mas para tentar organizar o que já existia. A gente teve muitos encontros para pensar o processo formativo da Pastoral da Juventude do Meio Popular. Pra pensar isso. (NENA, 2009)

Nena destaca que a questão pedagógica/formativa dentro da PJMP era “muito forte”, mas admite também seus limites, como a falta de uma sistematização, ou melhor, um maior planejamento das ações formativas que gerassem uma conectividade com os jovens, com o tempo em que estariam sendo aplicados esse estudos e com as necessidades de cada grupo.

3.1.1 Os entraves no processo formativo: questões da subjetividade

Outro problema vivido dentro da Pastoral e que envolvia seu processo formativo era a discussão e o trabalho com temas considerados ainda tabus, como sexualidade, afetividade, namoro, homossexualismo, aborto, entre outros, que levavam a Pastoral a se preocupar com a questão de como tratar a esfera subjetiva dos jovens dentro da PJMP.

Por vezes, muitos consideravam que esses temas eram relegados a segundo plano, visto que alguns acreditavam ser urgente discutir os problemas sociais e políticos que faziam com que a juventude do meio popular fosse um segmento excluído da sociedade e a função da PJMP seria conscientizá-la de seu papel e protagonismo. Héilton faz uma crítica à insistência da Pastoral em priorizar a questão social e relegar a segundo plano as questões mais pessoais, que geravam dúvida e conflitos internos nos jovens, onde os integrantes da PJMP poderiam trabalhar com mais cuidado e atenção. Sua fala retrata essa situação:

[...] a gente via a lacuna e a gente sentia na pele, porque é danado! a gente discutir o tempo todo as questões sociais e parece que você não existe. É. Isso é coisa muito séria. Porque parece que você tem que ocupar o tempo todo com a luta social. Agora, e como fica... a grande questão era: “E como fica a minha identidade? Como fico eu nessa história?” Porque termina num desencontro infeliz, da pessoa nos encontros, né, termina batendo com a cabeça na parede, porque não precisava bater com a cabeça na parede. Mas como a preocupação era exclusivamente com o social, então as pessoas vão ficando fundidos, até que um dia a gente descobre que não aguenta mais.

Ou a gente refletia ou então tinha essa história, a pessoa abandona e vai pra outra onde a pessoa se encontra. (HÉLITON, 2009)

Como destacou Héilton, muitos jovens saíam da Pastoral por não se sentirem “olhados”, atendidos em suas necessidades urgentes, que necessariamente não tinham que ser materiais. Essa situação levou a muitos jovens, militantes e também assessores a fazerem uma espécie de autocrítica necessária. Isso também era uma característica da PJMP.

Um de seus maiores críticos nas discussões que envolviam a subjetividade do jovem era o militante Jairo Umberto. Jairo despontou cedo na PJMP, estudante de psicologia à época, escreveu dezenas de artigos sobre a questão da afetividade e sexualidade para o jovem da Pastoral, e durante muito tempo foi uma voz respeitada e ouvida. Vários de seus artigos foram publicados no jornal *Fazendo História*, da PJMP.

Em um de seus trabalhos, intitulado “O corpo na experiência do militante”, Jairo fala como foi recebida sua ideia de escrever algo sobre a sexualidade do jovem militante.

Tratar dessa questão dentro da pastoral, que poderia dar? Um assessor chegou pra mim meio assustado e confessou: “você veja o que vai escrever. Falar de sexo é sempre uma questão delicada”. Outras pessoas incentivavam, gostavam da ideia, mas ninguém resolvia abri o jogo e sugerir o que deveria ser o texto. (AMORIM, 1985?, p. 1).

As formações sobre questões como a sexualidade e a afetividade, por exemplo, não eram ausentes dos processos formativos na Pastoral, elas existiam como pauta. Mas apresentavam-se na maioria das vezes superficiais e insatisfatórias para os jovens. O fato do atrelamento à esfera eclesial parecia tolher o aprofundamento dessas discussões. Para Jairo, isso representava um problema.

Tenho notícias de que em vários lugares a turma tem se encontrado para discutir afetividade e sexualidade. Às minhas mãos tem chegado alguns relatórios e os tenho lido com atenção e verificado que há um nível razoável no levantamento de problemas, só que as discussões acabam muitas vezes em cima do que se pode ou não fazer, em suma, em cima da questão moral. Pode ser que o ambiente da Igreja favoreça esse tipo de comportamento, até como forma de protesto ao tabu com que se trata essa questão na Igreja, no entanto, tenho dúvidas no que isso ajuda as pessoas em suas dificuldades, nem que seja para tomar consciência delas, e saber que estão presente em suas vidas. ((AMORIM, 1985?, p. 03)

Essa questão da autorepressão por “viver” na Igreja Católica era bastante forte quando das discussões da esfera subjetiva do ser humano, muito embora nem todos os jovens se moldassem a essa condição. Nena nos dá mais detalhes como foi essa experiência.

Eu vejo que a dimensão da sexualidade era uma coisa muito complicada. Porque eu acho que a gente não sabia lidar muito bem com isso, nem pra tá discutindo isso teoricamente; até que a gente tentava, “ó, vamos chamar um especialista da área”. Mas eu acho que a vivência era séria, porque a gente queria mudar o mundo, e assim... eu acho que essa dimensão mais individual era deixada de lado. Acho que teve um momento assim, muita gente saiu por causa disso, a gente tá mudando o mundo, mas continua do mesmo jeito, né, aprisionado, aborrecido, reprimido, então eu acho que foi uma coisa muito... enquanto a gente tentava tá contribuindo num projeto pra sociedade, a gente tava vivendo numa época... projetos sociais. E muitas vezes a gente não conseguia chegar junto. Projetos sociais, mais coletivos, projetos de transformação da sociedade, e acho que isso também... é isso. (NENA, 2009)

As dificuldades sentidas por Nena ao falar de como os militantes da Pastoral administravam a questão subjetiva em relação à juventude do meio popular, com quem trabalhava, passa da constatação à surpresa, ao verificar que enquanto os jovens se reprimiam quanto à vivência de sua sexualidade no mundo laico, dentro da própria Igreja isso não era uma regra.

[...] o fortalecimento da assessoria foi o quê?, já 90, né, 90, 92... 92 não, mais 90... 91, então as pessoas que estavam na... éramos todos jovens, a gente tava querendo também namorar, viver experiências sexuais, principalmente, e a gente com mais de 20 anos começou a viver, vivenciar experiências sexuais naquele período mesmo, da repressão que a gente via na Igreja, e era muito forte, tá na Igreja, às vezes a gente era mais celibatário do que o próprio clero; era, e eles viviam isso com mais intensidade, inclusive porque não era divulgado... vai colocar isso? [risos]. Por exemplo, pra mim eu ficava muito chocada, ‘pô! eu aqui fazendo esse voto de castidade’ [risos]... eu via estudantes, seminaristas, jesuítas, explicitamente que viviam essa dimensão de uma forma muito tranquila, ou senão tranquila, muito descarada. Então assim, eu vejo que essa dimensão da subjetividade, a gente não pode negar a questão; essa foi uma dimensão muito forte. Demais naquele processo. Então essa dimensão era muito forte. (NENA, 2009)

No entanto, devido a sua singularidade, a PJMP era um espaço democrático onde os jovens criavam os seus próprios espaços de formação, nem sempre esperando que a Pastoral viesse aplicá-la. Em um grupo de jovens do bairro da Rua do Rio, da área de Cruz das Armas, chamado Grupo de Amigos do Meio Popular (Gamp), os próprios jovens providenciaram um

estudo sobre sexualidade, onde um sexólogo foi convidado para tratar dos mais diversos temas que traziam dúvidas aos jovens.

Na visão de Héilton, por sua vez, o ser humano deve ser visto a partir da sua integralidade, jamais separado. Ele vê nas discussões sobre a mística e como ela agia no espírito do jovem durante os encontros, uma característica inerente daqueles/daquelas que compunham a Pastoral. Ele dá um outro exemplo de iniciativa própria quando o assunto era a formação, a partir da ação dessa mística trazida pelo jovem. E nos conta um caso muito interessante.

[...] a gente começa a ver o certo não mais como coisa pecaminosa, e aí a gente começa a ver, como necessidade da vida, e cada um faz opção que quiser, e a orientação, as outras coisas determinam, mas tinha uma coisa muito séria que a gente fez e houve bastante encontro sobre isso, a partir dessa história da mística, aí você vai descobrindo que é bem maior, a vida tem essa coisa social que a mística nos mostra, mas também a gente não pode esquecer da pessoa. Fulano é fulano e ele é a pessoa integral. Ela não é espírito pra um lado, sexo pra outro, corpo pra outro. É o todo. Então eu me lembro que houve alguns encontros... regional, mas também outros encontros de diocese; chamavam a gente pra conversar sobre isso e ajudar o pessoal a refletir, um desses momentos que a gente teve, e achei extremamente ousado, foi de... num desses encontro, a gente poder rezar o desejo e os estratos sexuais, a partir de símbolos. Foi muito interessante, cada um traz um símbolo pra gente rezar sobre isso, discutir sobre isso. É interessante pra discutir isso, eu falo isso hoje, mas pra algumas pessoas, é um escândalo. Teve gente que trouxe cueca. Pois é! Mas a gente tá falando, tem coisa mais forte, mais próxima do que a cueca? [risos] Então, era interessante conversar sobre sexo a partir da cueca. E isso misturado com a fé! Agora isso era muito novo, e antes de criar esses espaços, o que a gente fez? A gente via que todo mundo tava muito [inaudível], parecia que era assim, um bando de eunuco, ou então um bando de padres e freiras. Então, aí o que a gente fez? À revelia da Igreja, oficialmente a Igreja não sabia, mas aí começamos a nos encontrar. Tinha jovens e tinha adultos também, tinha gente de toda idade, tinha muitos jovens. A gente disse, não, essa história a Igreja não está cuidando, a Igreja enquanto instituição. Então, se ela não cuida, então nós cuidamos, nós cuidamos de nós. Aí começamos a fazer encontros específicos sobre afetividade e sexualidade, sob responsabilidade da gente, responsabilidade econômica, e a responsabilidade também da formação. Então ficava, quem é que vai estudar isso, quem é que vai estudar aquilo, quem é que pega o material, então era nessa base, e ficava muito claro. (HÉLITON, 2009)

Essa posição criativa, inovadora, inesperada e atípica para a maioria, mostra essa face mística da juventude militante da PJMP. Desafiadora, essa mesma juventude enfrenta as contradições presentes na própria Pastoral; corre riscos, mas age, pois o discurso pastoral de libertação do jovem do meio popular não combina com a apatia pessoal quando o campo de ação era a esfera subjetiva juvenil. Como dizem Betto; Boff (2005, p. 51)

Não há militância sem paixão e mística, não importando a natureza da causa, seja religiosa, humanista ou política. O militante vive no mundo das excelências e dos valores em função dos quais vale gastar tempo, arrostar riscos e empenhar a própria vida. Trata-se aqui não de ter ideias, mas de viver convicções.

Mesmo diante dessas contradições, mesmo havendo limites em sua metodologia no trabalho formativo, percebe-se uma vontade profunda dos que faziam a Pastoral em contribuir para uma condição de vida mais digna e cidadã da juventude presente em toda a Arquidiocese.

No Capítulo 2, vimos na fala de Douraci, quando ela trata da importância da PJMP para a juventude, onde há um destaque para o que ela considera essencial na Pastoral: “ela ajuda a construir um projeto de vida”. Para Douraci, esse projeto de vida, incentivado pela Pastoral, passa efetivamente pela formação recebida dela, onde essa ação transformaria as vidas de quem passou por esse processo, na aquisição desse conhecimento libertador, a partir de uma mística militante, que seria um legado para toda a vida.

Então os momentos de formação, as atividades que a gente fazia, e nós tínhamos um planejamento do trabalho que ia pra essas comunidades organizar grupos de jovens na comunidade. Começamos a tentar ajudar os grupos que faziam os corais na igreja pra ir fazendo ações concretas na comunidade, e fazendo esse processo de formação com a juventude; então foi um tempo de muita movimentação, isso 75 a 79, foram assim 4 anos de muita participação. Eu lembro que tinha alguns grupos que dava mesmo pra a gente sinalizar: o grupo da Macaíba, por exemplo, lá na Rua do Rio, né, foi um grupo que deixou de ser apenas um coral na igreja, e passou a ser um grupo ativo das comunidades religiosas assim... Foi um dos primeiros que foi à luta, discutindo com a população a questão da água, da luz, do bairro... Fizemos a primeira passeata do bairro e o grupo tava à frente disso. Agora, o tempo inteiro a gente trazia essa reflexão pra dentro das missas, pra dentro do ciclo bíblico do bairro, fazia essa reflexão sobre a fé e as obras, então a gente tinha um trabalho muito fincado na Bíblia. Havia quem nos acusavam que aquilo era uma pastoral social que não pensava e não vivia a religião; e a gente conhecia, porque a gente estudava isso, [Pe.] Luiz Couto fazia muita questão de estudar conosco esse lugar, e a gente fazia trabalhos sociais importantes.

[...]

eu encontro hoje pessoas como eu, nos vários lugares, eu estou na Rede dos Educadores do Nordeste, e nessa Rede nos fizemos um levantamento de um encontro com mais de 200 pessoas reunidas, pouquíssimos não tinham vindo da Igreja, grande parte tinha vindo da Pastoral da Juventude do Meio Popular, grande parte do Nordeste, era, jovens do Nordeste, e toda a história fincada na Teologia da Libertação. De quem hoje tá nas lutas populares, de quem está trabalhando pras organizações, nos movimentos sociais, quem tá trabalhando contra esse sistema capitalista, esse sistema de opressão, contra essa violência, todos nós temos uma formação, muitos de nós tem essa

formação de dentro da Igreja, então eu considero que essa mística que veio pra dentro de nós, ela acolheu o que a gente é, era, e a partir daí trabalhou com os elementos da realidade, da nossa vida, e com os elementos da religião, e a gente passou a gostar da religião. (DOURACI, 2009)

Sueldes parece completar a fala de Douraci, quando fala desse legado hoje:

E a gente pôde avaliar já com a presença dos filhos e tudo, todas as pessoas que passaram pelo processo de formação, ou tiveram algum engajamento político, social, nesse período, têm uma vida hoje... uma certa militância. [...] Então a gente viu que todo mundo que passou por essa formação ficou diferente, é diferente, vê a vida diferente, tem a visão diferenciada, enxerga mais... e no geral tem uma ação forte. (SUÊLDES, 2009)

Essa “herança” recebida da PJMP desde 1978, parece realmente revestir-se hoje de uma importância singular para todas as pessoas que ajudaram na sua construção identitária. Independente dos erros e acertos nesse percurso formativo, o que efetivamente importou ao final de tudo, foram os frutos colhidos durante a vivência mística desenvolvida, partilhada e disseminada por cada um/uma dentro da Pastoral da Juventude do Meio Popular.

3.2 Qual a Mística da PJMP

Em um subsídio criado pela Assessoria Regional NE II da PJMP em 1992, o padre Antônio Murilo, assessor regional, faz esta inquietante pergunta: “Qual a mística da PJMP?” Esse subsídio tinha por objetivo trazer a discussão sobre a mística da Pastoral no meio jovem, a partir dos grupos populares, através de textos de dois grandes teólogos e estudiosos dessa temática, a Irmã Ivone Gebara e Frei Betto.

As discussões sobre mística dentro da Pastoral eram frequentes; quer nas reuniões, quer nas assembleias e encontros formativos a questão era ponto de pauta, pois tentava-se explicá-la, compreendê-la. No entanto, bem cedo a Pastoral percebeu algo óbvio, porque simples, “mística não se explica, se vivencia”, como disse Nena.

Assim, a mística da PJMP foi se configurando a partir dessa vivência do próprio jovem do meio popular, que buscava definir sua identidade junto à Pastoral, e ao mesmo tempo configurar esse “rosto” jovem que caracterizaria a PJMP em sua caminhada.

Padre Murilo provoca:

Qual a mística da PJMP? Mística de luta? Mística do enfrentamento do conflito? Mística da alegria? Mística do homem novo e da mulher nova?

Mística da ternura? Mística do ser ‘fermento na massa’? Mística dos empobrecidos? Mística dos dominados? Afinal de contas, qual é a nossa mística? (PJMP..., 1992, p. 1).

A mística da PJMP pode ser um pouco de tudo isso, ou muito mais. Ela parece se coadunar mais com aquele sopro de ânimo vindo daqueles e daquelas que têm muita paixão pelo ideal de vida que acreditaram e escolheram para defender.

O que faz um(a) jovem doar seu tempo precioso, seus finais de semana, para participar de reuniões muitas vezes cansativas, cujos objetivos eram pensar em como transformar uma sociedade injusta em uma sociedade mais humana e fraterna? O que animava essa juventude a continuar nessa luta, muitas vezes enfrentando incompreensões, barreiras materiais e desgastes emocionais quando nem sempre havia frutos a colher? A resposta, segundo aqueles e aquelas que fizeram parte da PJMP, é a experiência única da mística vivenciada dentro da Pastoral. Só ela poderia ser a resposta a essas questões que fogem à razão.

Num determinado encontro Intereclesial, realizado no Centro de Treinamento de Miramar (Centremar), local de encontros e formação ligado à Arquidiocese, a Irmã Agostinha, assessora e coordenadora do Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos (CEBI), teóloga que assessorava grupos de CEBs e pastorais populares da Arquidiocese, contou à assembleia a história de dona Maria, uma líder de comunidade de base, idosa, que há muito participava da vida da Igreja junto a seu povo, e lhe fez a seguinte pergunta: “– Dona Maria, o que faz a senhora percorrer esse chão, visitando tanta gente, participar de reuniões sem fim, cuidar dos companheiros e companheiras e se doar tanto por tanto tempo, e ainda ser feliz? De onde a senhora tira tanta força?”

Dona Maria sorri, e em sua simplicidade, responde rápido: “– É um bem querer quente que não me faz virar din-din!” Irmã Agostinha ficou extasiada de tanta emoção; nunca tinha ouvido algo tão transcendente, tão místico, dito por alguém do povo, que como ninguém compreendia e vivia a grandeza dos sentimentos humanos em sua plenitude.

As palavras de dona Maria, por virem do seu mais íntimo, representam a essência de sua mística, de seu amor pelo outro, por um “acreditar-se no mundo”. Surian et al (1996, p. 64) tratam disso e falam sobre a essência da pessoa mística, como dona Maria:

O místico é uma pessoa inteira, autêntica, plena, integrada, que trabalha em si todas as dimensões humanas. Por isso é sábia, vigorosa, lutadora incansável. Pensa a vida a partir da globalidade. Vive na Terra mas já não pertence mais só à Terra. Toca o céu. Por isso, seu testemunho é incomparável.

Talvez essa mística sentida por dona Maria explique o que faz o jovem do meio popular, presente na PJMP, enfrentar todos os obstáculos e desafios nessa “luta incansável” na busca da construção de um mundo melhor.

Para o militante da PJMP, sua mística era revolucionária, vivida a partir da Igreja renovada de Medellín e Puebla, comprometida com a causa do jovem empobrecido, e alicerçada na Teologia da Libertação; uma mística militante, mas antes de tudo cristã, pois a luta era alimentada pelo evangelho libertador de Jesus Cristo, em quem o jovem se espelhava para continuar na luta. Nena comenta como ela vê essa mística:

Eu acho que a mística da PJMP era a mística da igreja de Puebla, era a mística de d. Oscar Romero, de d. Pedro Casaldáliga, né, acho que era essa mística, que hoje a gente fica dizendo que não teve, e aí eu me sinto muito triste com algumas coisas que se passaram naquele período, a gente pode negar a estrutura, mas não dá pra negar essas pessoas que são Igreja, que tinham uma missão. Quando eu digo que sou cristã, eu penso nessas pessoas, e dizer hoje que eu não sou e negar esse momento na minha vida, pra mim é negar essas pessoas. É tanto, que dia 24 de março foi 29 anos da morte de Oscar Romero. Eu recebi, tava lendo uma mensagem na internet, em que assim... muito forte o que Oscar Romero fez, né. O que é a Igreja? É a Igreja essa coisa encarnada, é a igreja que está do lado dos empobrecidos, essa é a igreja cristã, essa é a igreja de Cristo. Então, eu acho que era essa a mística da PJMP, de tá encarnada no meio do povo. É isso. A gente conseguir ver Jesus Cristo, não piedoso – piedoso no sentido de pieguice – mas de a gente conseguir ver Jesus Cristo no rosto do empobrecido. Mas no sentido de tentar mudar, na possibilidade da mudança, de que todo mundo pode ter uma outra vida, pode ter uma outra perspectiva. Não sei se consegui explicar, porque mística não se explica, se vivencia. (NENA, 2009)

A mística da PJMP sentida por Nena é uma mística forjada a partir das experiências de uma igreja renovada, uma igreja que tem em seus símbolos de luta, mártires, pessoas que doaram suas vidas a serviço de um ideal maior de vida, baseados em Jesus Cristo, mas também em gente comum, gente anônima, homens, mulheres, jovens, Marias. Essa igreja que renasce, “que está do lado dos empobrecidos”, como disse Nena, é a “Igreja encarnada no meio do povo”.

Essa mística militante cristã era alimentada não só pela paixão pela luta, mas diariamente no exercício da espiritualidade. Os momentos de oração em grupo, na base ou nas demais instâncias da PJMP, nos encontros, congressos, assembléias, ou simplesmente em reuniões dos grupos de jovens, eram sempre precedidos por momentos de oração, de reflexão da Palavra, carregados de muito simbolismo. Diferente dos grupos espiritualistas da Igreja,

como os carismáticos, bastante criticados pela “falta de ação” social, por pensarem exclusivamente num Deus distante e impessoal, a PJMP exercia o que padre Murilo chama de “espiritualidade do conflito”. “É uma espiritualidade que compreende o que faz. Não é algo alienado, mas ao contrário, é encarnada dentro da realidade, dentro desse mundo de conflito”. (PAIVA, 1986, p. 4)

Para o padre Murilo, essa espiritualidade deveria estar inserida na luta diária no tempo presente, pois a mudança para uma sociedade melhor, mais solidária, viria a partir da união da fé inserida na vida do ser humano. Mas não era algo fácil. Murilo reconhece que isso geraria conflitos sociais e pessoais.

É preciso partir do ponto de vista do mundo em que estamos metidos, da época, das relações sociais entre as pessoas. Hoje, a sociedade que aí está é profundamente conflitiva. A nossa espiritualidade deve passar por tudo isso. DEVE SER, PORTANTO, UMA ESPIRITUALIDADE DO CONFLITO, UMA ESPIRITUALIDADE A PARTIR DO CONFLITO.

É uma Espiritualidade que vai alimentar a todos nós dentro da luta, da organização dos Jovens do Meio Popular. ESPIRITUALIDADE ESTA, QUE DEVE NOS SUSTENTAR E FAZER O PEQUENO ACREDITAR NO OUTRO, TAMBÉM PEQUENO: no trabalhador, estudante, agricultor, desempregado, biscateiro, no negro marginalizado, na mulher explorada pelo machismo dos homens e das mulheres. Não é mais uma espiritualidade parada. É algo que acontece dentro daquilo que fazemos, sentimos, curtimos, sofremos, etc. (PAIVA, 1986, p. 4. Grifos do autor)

Para os militantes da PJMP, “abraçar” essa espiritualidade do conflito deveria ser uma opção consciente, pois traria embates, já que integravam uma luta pela libertação do jovem oprimido. “Este projeto se resume em levar os homens a uma libertação integral, pessoal e social, através da construção do Reino de Deus, que passa necessariamente pela construção de uma sociedade igualitária e fraterna onde não haja explorados nem exploradores”. (PJMP..., 1988, p. 39).

Para o jovem cristão do meio popular havia dois caminhos para o encontro com Deus, o chamado “caminho do seguimento” e o “caminho da mística”. O primeiro referia-se ao caminho de Jesus, comprometido com a causa dos oprimidos, dos mais pobres, marginalizados, numa prática política libertadora. O segundo, o caminho da mística, possibilita a unidade, que é fonte de alimentação dos sonhos dos jovens do meio popular. (ROMARIA, 1993).

Para essa vivência, o jovem da PJMP vive sua mística reforçando-a no dia-a-dia, através dos símbolos da caminhadas que lhes são caros e cheios de representatividade. Neles, a subjetividade dessa paixão juvenil se transfigura e tomava corpo. Assim, numa reunião do

grupo de jovem tinha sempre no centro, dentro de um círculo, a Bíblia, representando a Palavra, o Evangelho libertador; a vela, a luz que ilumina o caminho; e dependendo da ocasião, terra; água; camiseta; sandálias; carteira de trabalho vazia; e o que mais fosse representativo para o jovem. As celebrações eram festivas, do jeito do jovem. Douraci lembra de como eram:

E nós tínhamos, por exemplo, o mês da Bíblia, o mês de setembro, ah, era um mês de muito ciclo bíblico, de muita reflexão, e de muita mística, era uma coisa muito bacana; cada encontro que a gente fazia era uma procissão no próprio local do encontro. A gente fazia nosso altar, com as simbologias, da terra do jeito da juventude dançar. E a gente... de botar o boné no chão... do boné à vela. Então tinha um pouco de tudo. E era com isso que a gente juntava a juventude [...]. (DOURACI, 2009)

Essa mística, vivida a partir da vida, da subjetividade, da realidade dos jovens do meio popular, revestia-se de uma importância sem igual para essa juventude, que se identificava com essa luta, produzindo uma vivência coletiva única que caracterizava a PJMP. Suêlde também vê no simbolismo espontâneo dos jovens da Pastoral sua maior característica.

Era uma mística vivida a partir da vida da gente. Baseada nos elementos trazidos, os elementos da vida existencial das pessoas. Ela se utilizava dos elementos da natureza, então a gente usava muita simbologia, as folhas, a areia, o grão, a vassoura, o que tivesse do contexto que a gente vivia; daquilo que a gente vivia. A água, o fogo, a panela de barro, a roupa rasgada, o chinelo que tivesse arrancado... engalhado num prego..., tudo a gente utilizava como elementos de que essas coisas que faziam parte da gente, da vida da gente, tinham tanto um fundo místico como existencial. A gente vivia muito isso, porque era muito forte, porque mexia muito com o subjetivo. E também havia muita expressão do subjetivo. Eu lembro de coisas que a gente riscava no chão, que a gente desenhava, que a gente trabalhava... Teve um momento, por exemplo, que a gente trabalhou um desenho, e a partir do desenho a gente foi percebendo as nossas relações com o mundo e com as pessoas; um desenho extremamente subjetivo. E dentro do grupo, depois a gente foi ver que as cores que cada um tinha utilizado, quem usava determinadas cores, o que é que tinha a ver da sua simbologia pessoal daquele desenho. (SUÊLDES, 2009)

Compreendo bem esse sentimento de Suêlde. Aos quinze anos, após ser convidado por uma amiga para participar de uma reunião num grupo de jovens de nome sugestivo, Missionários, cheguei na igreja temeroso, tímido e preocupado com a recepção que teria. Os outros jovens, ao me verem, pareciam me conhecer há tempos, eram alegres, acolhedores e simples. Falavam dos problemas da comunidade, e do que poderíamos fazer por ela, pelo bairro, por nós mesmos. Ao iniciar a reunião, rezamos um Pai-Nosso, uma Ave Maria e um

Santo Anjo. Depois houve uma partilha de vida. Saí com uma garota que eu nunca tinha visto para conversarmos sobre nós mesmos. A recomendação era de que deveríamos trazer algo que simbolizasse aquele momento. Levei uma pequena pedra e ela uma flor. Todos/as colocamos nossos símbolos ao centro e começamos a falar dessa nova experiência, que era conhecer o(a) outro(a). Aqueles símbolos passaram a ter uma importância incrível em minha vida, pois do contrário não entenderia por que tenho guardada até hoje aquela flor dentro da minha primeira agenda de luta.

Essa simbologia mística toma, em sua simplicidade, dimensões espirituais profundas, pois provoca no(a) jovem que a vivencia, sentimentos de pura paixão pelo outro, pela causa maior, pelo Evangelho libertador. Esses símbolos evocam os sentimentos maiores, as emoções mais íntimas que perduram, em muitos, por toda a vida, como um alimento que sacia, como energia que dá ânimo e força para caminhar.

3.3 Mística: “Combustível” e “Alimento” para a Juventude do Meio Popular

Em dois relatos dos colaboradores é possível sentir essa força incontida que a mística provoca no jovem do meio popular presente na PJMP. A mística da Pastoral da Juventude do Meio Popular é considerada pelos seus integrantes como uma mística que liberta. Essa libertação, no entanto, não é restrita apenas à esfera social, mas apresenta-se numa mística que liberta o jovem integralmente. Além do ânimo para a luta, traz na vontade de aprender, de conhecer, uma consciência maior de classe, mas também de igreja. Suas mazelas são apontadas, o jovem se sente mais confiante em sua classe para poder “pensar” numa igreja comprometida com a causa desse jovem do meio popular, pois agora ele/ela se vê “do” grupo, e não apenas “no” grupo.

Um desses relatos é o de Héilton. Ele vê na figura do Jesus revolucionário, um Cristo jovem comprometido com a causa do povo, do oprimido, isso para ele é a ação da mística dentro de cada um/uma, sentida na PJMP.

[...] A motivação era essa fé, em Jesus Cristo. Mas uma mística que começou a ser diferente, porque não era essa história de uma fé que me faz ter uma paixão muito grande por Jesus e que fica só ele e eu. Então a mística começou a surgir nessa pastoral de juventude, era... a minha relação com Jesus é profunda, agora uma relação que me leva a me comprometer cada vez mais com o que pode ser transformado pro bem de todos. Isso é o que a gente vai descobrindo com o tempo. E aí, a imagem de Jesus que a

gente tinha ela vai sendo refeita. A gente vai redescobrimdo que aquele que nos apresentaram era uma imagem que não corresponde à realidade bíblica. Então era assim... um homem bom, e pronto; mas aí a gente começa a ver um homem bom, mas um homem que tem um jeito novo de lidar com as pessoas. [...] Então, é interessante esse método de Jesus entre os pobres. E isso dá uma força muito grande. Você vê, fica tudo misturado. Não se dá a isso o nome de mística, mas é esse jeito novo de se relacionar com os outros, de se resolver os problemas, esse novo de Jesus de colocar no centro todos aqueles que são marginalizados. [...] (HÉLITON, 2009)

Para Héilton, é nessa mística espelhada em Jesus Cristo que se busca um lugar melhor para se viver. É ela quem dá a força para continuar na luta por uma sociedade melhor, ela é o “combustível”.

Essa sociedade que a gente quer, do mundo que a gente quer, essa mística que a gente tá descobrindo, essa força que a gente tá descobrindo, que a gente vai proporcionar esse período que a gente vai trabalhar, ... é o **combustível**, é a nossa **gasolina**. Porque verdadeiramente é o combustível. Se a gente não tem esse combustível, a partir dessa prática diferente de Jesus, então a gente não tem como caminhar, não tem força suficiente. (HÉLITON, 2009. Grifos meus.)

A própria PJMP reconhece isso, ao dizer que “como Jesus fazemos parte da classe pobre e oprimida e temos anseios de libertação. Por isso nos identificamos com sua pessoa e projeto. É isto que fundamenta nossa caminhada”. (PJMP..., 1988, p. 39)

Em uma das questões feitas aos entrevistados, uma dizia respeito à visão da mística da PJMP e como ela servia de ânimo para a luta dos jovens. Essa questão feita a Suêlde, por exemplo, teve uma resposta imediata. A palavra-chave que para ela definia a mística da PJMP era “alimento”. Sendo assim essa força vinda da fé em Jesus e gestada no meio do jovem, pelo próprio jovem trazia força e ânimo para a caminhada, segundo Suêlde.

Olhe, a mística pra mim era um alimento. A gente se encontrava nela. Porque ela ao mesmo tempo que era uma mística, ela era da gente, era parte de nós, então servia de alimento, a gente se identificava nesse processo do fazer, e além disso porque não era uma mística preparada por alguém para gente, era uma coisa que a gente preparava junto, era coletivamente, e ela era muito vivencial, então era a vida.. Tinha um pouco de cada um, e ao mesmo tempo que tinha um pouco de cada um, esse cada um que não era nós mesmos, alimentava junto, retroalimentava. (SUÊLDES, 2009)

Suêlde vê nessa forma diferente de vivenciar a mística dentro da PJMP como algo extremamente do grupo, característico, próprio, onde cada um/uma tinha algo a contribuir a partir de sua vivência, de sua experiência de vida, forjada no meio popular, daí o uso do termo “alimento” como alegoria para a mística da Pastoral. Essa mística consciente, comprometida e

renovada traz a visão do novo para quem a vivencia. Traz a crítica aos antigos ritos no exercício da espiritualidade. Para este jovem, não é mais possível aceitar uma espiritualidade passiva, não inserida na vida da comunidade e apática diante de seus problemas. Esse compromisso faz desse jovem um questionador.

Então, é tanto, que a gente dizia, às vezes se fazia críticas. Eu ainda faço. Eu não gosto de missa. Eu dizia missota, eu digo hoje “eu não vou para uma missota”. A missa ou uma celebração mística, ela precisaria ter outros elementos que não são os rituais repetitivos. Precisaria ter coisas novas, que a gente pudesse... aí a gente copiava a celebração, mesmo que fosse num privado, já que não era tão aceito socialmente, a gente fazia uma celebração, uma festa, e até a dança, o atabaque que não era usado na missa naquela época, ele era um instrumento também de resgate das culturas e tudo, dessa mística dos indígenas, das raças. A gente utilizava isso como elemento da história da vida da humanidade e da vida da gente. Isso me marcou demais, demais, porque eu sou muito simbólica, e eu aprendi essa simbologia nessa experiência de juventude do meio popular. Pra mim foi fundamental esse momento. (SUÊLDES, 2009)

Este(a) jovem criativo(a) e crítico(a), como Suêlde foi em sua época, avesso(a) às velhas formas de celebrar a palavra, a vida, passa a romper com esse formato tradicionalista de Igreja e cria seu jeito próprio de comungar com o Cristo na pessoa do/da jovem companheiro(a) de caminhada, de luta. Inventava, inovava, como no “Pai Nosso da Educação” criado pelos grupos TELL e Baú Aberto, de arte popular de Santa Rita, do qual Héilton e Douraci faziam parte.

Pai Nosso da Educação

Pai Nosso que estais nos céus,
mas que não estais na escola,
e muito menos na consciência da maioria dos
alunos e professores.

Santificado seja o vosso nome
noutro lugar, pois,
por enquanto, não é possível aqui.

Venha a nós o vosso Reino por meio de:

- professores com consciência crítica,
- ensino democrático,
- livros que falam a verdade,
- professores com conhecimento da matéria,
- ensino gratuito,
- mais verba para a educação,
- ensino a partir da realidade do aluno e da sociedade.

Seja feita a vossa vontade
na terra do Brasil, assim:
com uma organização política, social e
econômica

- voltada para o sistema educacional,
- não vise fins eleitoreiros,
- nem a fabricação de robôs humanos
- e nem alunos como carimbos dos professores.

No céu está tudo bem.

O pão nosso de cada dia,
que nos foi roubado,
nos dai hoje em forma de
salário justo para os nossos pais e professores
para que eles possam trabalhar com gosto e
dedicação

e para que nós tenhamos mais disposição para estudar
e mais aproveitamento nos estudos.

Perdoai-nos a nossa acomodação diante da realidade educacional
assim como nós perdoaremos àqueles que nos devolverem
aquilo que eles nos roubaram.

Não nos deixeis cair na tentação

de ficarmos calados diante desta situação.

Livrai-nos do mal de estudarmos
em função do poder, do prestígio e do salário
invés de colocar o estudo a serviço do outro
Na caminhada da libertação.

Assim é o vosso desejo,
assim sejam as nossas ações.

(PAI NOSSO..., [1981?], p.9).

Esse Pai Nosso da Educação, feito por jovens comprometidos com a causa da educação no país, retrata esse jeito novo de ser igreja. Incontido, inconformado e denunciador, o jovem da PJMP utiliza da arte popular, revestida na mais antiga oração cristã, para denunciar a situação de crise e sucateamento da educação no Brasil dos anos 80.

Quem viveu os ensinamentos de Boff (1982) e Gutierrez (1985), em suas obras marcantes para as pastorais e movimentos populares da Igreja Católica, a partir da Teologia da Libertação, não poderia aceitar os velhos formatos da Igreja conservadora aos moldes do clero romano. Principalmente o jovem.

A Igreja da América Latina mostra-se renovada a partir do Vaticano II e dos encontros históricos da CELAM, como já vimos. Prioriza-se a juventude, e melhor, reconhece-a como agente transformador da sociedade desigual, incentivando-a a ser “fermento na massa” e “luz do mundo”.

Até hoje, os ex-participantes da PJMP lembram do jeito novo de ser igreja, dos momentos de fé, espiritualidade e mística que eram o sustentáculo da luta diária do leigo. Do uso dos simbolismos, que eram a expressão da criatividade da juventude. Esse jeito novo de viver a espiritualidade parece ter seguido todos/todas que viveram integralmente os momentos de mística na Pastoral. Douraci nos conta como foi o seu casamento e em que ele era diferente de um casamento tradicional, feito dentro de uma igreja católica, por um padre católico.

[...] o meu casamento foi um casamento... que foi um casamento muito místico dentro dessa reflexão. Eu fui... entrei na igreja levada pelas jovens mulheres, o meu noivo entrou pelos jovens homens, ele era da Pastoral Operária e da Pastoral da Juventude ao mesmo tempo, que ele era operário de fábrica. E ficamos sentados na igreja, eu com as mulheres do lado e ele com os homens do outro, e hoje se a gente fosse ver gênero talvez... mas na época isso era parte da mística, pra dizer assim eu sou mulher, eu sou homem e tô sendo acolhida, e esse é um pedaço da minha família. Depois a gente... as alianças foram botadas também por amigos, eu não convidei nenhum testemunho, na hora [padre] Luiz [Couto] perguntou os nomes dos noivos, perguntou quem queria testemunhar esse casamento, o nosso

casamento foi feito dizendo... o nosso compromisso público era de mesmo casado a gente não continuar em nossa célula familiar e continuar o nosso trabalho da Pastoral, esse foi o nosso compromisso público diante de Deus, e aí: “quem quer testemunhar esse compromisso desses dois”, e aí fez uma fila na igreja quem quis assinar o livro de testemunha. Nós casamos assim como andamos, agora ele tinha flores na mão e eu também. Então assim, o casamento foi Luiz Couto quem fez, então era um pouco... a gente trabalhava essa idéia, de fazer coisas diferentes não para inovar, para cantar pulando, não sei quê, mas que se revelava aquilo era de dentro para fora, e a gente tinha os elementos bíblicos que se assemelhavam e era a partir deles que a gente trabalhava a nossa vida, viver a nossa cultura, então a gente tinha uma mistura da nossa cultura, dos elementos da nossa realidade, os elementos da nossa vida; nos nossos sentimentos a gente procurava a simbologia, os gestos de comunhão, os gestos de solidariedade, os gestos de partilha, era impressionante como era, a gente fazia tudo com partilha [...]. (DOURACI, 2009)

Interessante como Douraci vê, sente e vive, ainda hoje, o que experienciou durante o tempo em que fez parte da PJMP. Esse sentimento de pertença que todos/as exteriorizam, parece inalterado, mesmo após as vidas dessas pessoas tomarem outros rumos, outros caminhos. Mas o que se viveu, nota-se pelos discursos, ficou, neles e nelas.

Suêlde, sem que se peça, sugira ou influencie, nos mostra um outro exemplo dessa mística herdada da vivência na Pastoral, semelhante à vivida por Douraci, experienciada em tempos recentes.

Eu, por exemplo, utilizo o misticismo em tudo que faço, e trabalho essa coisa da espiritualidade, da simbologia na minha casa, nas reuniões que tem, né!. Por exemplo, meu companheiro fez vinte anos que deixou de beber, e a gente fez um ritual da água, da água mesmo, até porque ele trabalha na Cagepa²⁰, então a gente fez um banho de água, brindou com água, resgatou a importância da água, fez a ligação com a questão do meio ambiente, da importância da gente tá inserido nisso. (SUÊLDES, 2009)

3.3.1 A convivência com as pastorais e movimentos: iguais e diferentes

Essa Igreja renovada, também chamada de Igreja na Base²¹, trouxe uma nova visão de igreja para a juventude, particularmente na Arquidiocese da Paraíba, a qual analiso. Porém, sem os movimentos e pastorais leigos, sem seu compromisso e paixão pela causa dos excluídos – sua própria causa, não haveria uma igreja renovada.

²⁰ Cagepa, a Companhia de Água e Esgoto da Paraíba.

²¹ Cf. Silva (2006).

D. José Maria Pires, arcebispo da Paraíba, participante ativo em Puebla (em 1979), ratifica, nesta assembléia de bispos da América Latina, o compromisso da Igreja da Paraíba diante desse povo.

As Orientações para nossa Igreja da Paraíba nos ordenam: “ficar com os pequenos do Evangelho, os desprezados do mundo: o marginalizado, o biscateiro, o trabalhador do campo e da cidade, o pescador, a doméstica, a vítima da prostituição, o índio, a professora, o velho, o jovem, a criança, o oprimido de toda sorte”.

“Ajudar os pequenos a se unirem e a perderem o medo, unir-se a eles na luta em defesa de seus direitos e denunciar a falta de respeito aos direitos humanos, à justiça e à caridade”. (PIRES, 1980, p. 213. Grifo do autor)

Esse compromisso do bispo da Paraíba foi muito importante para que a juventude se organizasse nos diversos segmentos populares que foram surgindo com o tempo dentro da Arquidiocese. O apoio institucional, que nem sempre havia em outras dioceses, deu segurança aos movimentos dentro da Igreja da Paraíba, e a PJMP fez-se participante e soube aproveitar a oportunidade nesses tempos de relativa liberdade eclesial. Diz-se relativa, pois nem todo o clero apoiava e estava afinado com as pastorais e movimentos populares na Igreja da Paraíba.

A partir das mudanças sofridas pela Igreja nas décadas de 60 e 70 viu-se uma polarização entre progressistas e conservadores que ia do clero ao laicato envolvido nos mais diversos grupos da Igreja Católica. Sobre isso, Mainwaring (2004, p. 146) comenta:

As mudanças dentro da Igreja também incentivaram um envolvimento político mais profundo e progressista. Não que a Igreja como um todo houvesse optado a favor das classes populares; pelo contrário, parte da instituição continuava aliada ao Estado e às classes dominantes. Mas o Concílio Vaticano II promoveu uma visão de fé mais progressista, e um número mais expressivo de pessoas dentro da Igreja brasileira optou por posições pastorais progressistas.

Vários bispos se alinharam a este segmento mais progressista da Igreja, pois viam no povo de Deus o sinal vivo do Evangelho do Cristo encarnado. Dom José na Arquidiocese da Paraíba foi um dos que se alinhou a este grupo e que estimulou a participação efetiva da juventude na Arquidiocese.

Quase todos os(as) colaboradores(as) falam do apoio recebido do bispo para o trabalho da Pastoral com a juventude do meio popular. Não só para a PJMP, mas para todos os movimentos e pastorais do meio popular naquela época. “Era uma relação boa, era uma

relação de aproximação; era uma relação de comprometimento [...]. [...] ele era receptivo, garantia a participação, quando ele falava... escutava o jovem [...]" (SUÊLDES, 2009).

Sobre a opinião de d. José quanto às pastorais populares de juventude e seu trabalho, Douraci comenta: "Era importante para, d. José muito aberto nessa área, era que as pastorais agregassem, agregassem aos poucos essa reflexão e que fizessem uma boa prática, a partir da diocese. Isso para ele era muito importante, ele valorizava muito, muito mesmo". (DOURACI, 2009).

Nena também vê na figura carismática de d. José um bispo que apóia a juventude do meio popular: "[...] a gente tava com todo o apoio da Igreja através de d. José Maria Pires, então era o sopro que tava presente naquele momento, estávamos todos... a gente tinha a graça de tá na Igreja com todas as possibilidades de trabalhar [...]"

Porém, como já foi destacado, não havia uma unanimidade do clero em relação aos movimentos populares da Igreja. Existia uma série de grupos, movimentos, pastorais e serviços dentro da Igreja da Paraíba. E desses, alguns trabalhavam com o público jovem. Mas poucos se irmanavam entre si. Existia uma espécie de separação por afinidade politicoeclesiológica. Os movimentos mais tradicionalistas, afinados com a chamada ala conservadora da Igreja, notadamente os grupos espiritualistas, a exemplo da Renovação Carismática Católica, Focolaris, Encontro de Jovens com Cristo, Legião de Maria, entre outros, não se afinavam com as pastorais e movimentos populares, a exemplo da Pastoral Operária (PO), Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), Juventude Estudantil Católica (JEC), Agentes de Pastoral Negros (APNs), Comissão Pastoral da Terra (CPT), Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP), entre outros. Havia uma tolerância, uma convivência pacífica, mas às vezes conflituosa, principalmente nas assembléias diocesanas.

Uma das maiores críticas sofridas pela PJMP, vindas dos movimentos espiritualistas da Arquidiocese era de que a Pastoral não "cuidava" da espiritualidade, preocupando-se apenas com a questão política e social do jovem.

Essa acusação não é improcedente, pois os próprios jovens costumavam reclamar do excesso de preocupação com as questões sociopolíticas, que eram importantes, mas às vezes parecia-se esquecer das questões mais subjetivas como a espiritualidade, a afetividade e a sexualidade, aspectos já estudados no capítulo anterior. Porém isso foi percebido em vários momentos pela própria Pastoral, que tentava sanar essas carências, como já vimos, visto que em quase todos os seus documentos e subsídios voltados à formação dos jovens da PJMP era recorrente a discussão sobre esses temas.

Para isso, uma das estratégias, além da formação, era o investimento nas ações conjuntas com as demais pastorais populares e movimentos que comungavam com os ideais da PJMP. Essa convivência trouxe bons frutos para a Pastoral, e dela germinaram sementes que foram lançadas no meio dessa Igreja na Base na formação de sindicatos, organizações estudantis, movimento operário, entre outros.

Tunico nos dá um panorama da relação da PJMP com esses grupos.

[...] como vários movimentos e grupos dentro da diocese eram fortes, os grupos ditos progressistas, a PJMP se aliou a esses grupos, aí identificar alguns, [...] por exemplo, o próprio Mac; muitos dos nossos jovens de PJMP passaram pelo Mac; muitos dos nossos jovens do interior participavam tanto da PJMP quanto da CPT ou MST, se se colocou fora dos quadros da Igreja, tinha o MST. Você tinha também jovens que, passando pela PJMP, depois iam para a Pastoral Operária. Como teve um racha, muitos jovens da PJMP se afinavam mais com o MTC, Movimento de Trabalhadores Cristãos, dissidentes da Pastoral Operária na Arquidiocese e noutros lugares. Se se tinha essas alianças, aproximações, parcerias com grupos afinados, tinha-se também divergências com grupos que não, brincando aqui, não falavam a mesma língua, por exemplo, a própria Renovação Carismática Católica começava a aparecer e despontar aqui na diocese, não era um grupo com quem a PJMP se afinava. Aqueles grupos da dita igreja tradicional também... da Ordem Terceira, não eram grupos que tinham parceria, até mesmo em algumas situações de boa convivência. (TUNICO, 2008)

Um importante movimento renovador que acolheu muitos jovens da PJMP e de outros movimentos e pastorais da Igreja Católica foi o das Comunidades Eclesiais de Base. Muitos jovens da PJMP saíram do seio das CEBs, assim como muitos jovens da PJMP também participavam das Comunidades de Base, formava-se uma ponte, uma cumplicidade. Esse relacionamento entre as pastorais e movimentos populares dentro da Igreja Católica foi muito importante para sedimentar a mística militante cristã na qual vivia e acreditava a PJMP.

O envolvimento da juventude ocorria de forma total e incondicional, dinamizando os movimentos de juventude católica e também culto eucarístico, como observamos a seguir:



Foto 9 - Jovens da PJMP em uma celebração com as CEBs, na Comunidade de São Sebastião, do Zonal Suburbano.

Fonte: NASCIMENTO, 1990.

Em um de seus subsídios, a Pastoral destaca que Deus fala aos jovens e, ao ouvi-lo, a juventude passa a agir de forma consciente de seu papel. Um dos lugares dessa ação se dá “dentro da comunidade eclesial, participando, contribuindo, fazendo junto com outros jovens e adultos nossa experiência de Deus, de uma Igreja de base, participativa, libertadora, que denuncia as forças da morte e anuncia as forças da vida”. (ROMARIA..., 1993, p. 42)

É Douraci quem nos mostra como as CEBs e as demais pastorais uniam a mística militante com a ação pastoral que servia de ânimo na caminhada de todos.

Então, a Igreja católica nessa época cresceu muito nesse lado aí, porque essa mística trouxe a gente pra dentro da Igreja, não tenho dúvidas disso, nas CEBs, era muito importante porque, bispos... eu lembro que tinha muitos adultos, pessoas idosas, gente que deixava de beber, de fazer coisas pra virar membro da Igreja, membro da fé; era uma coisa que tanto a PJMP fazia, como a Pastoral Operária fazia, com a Pastoral Rural fazia, como as CEBs faziam, pra trazer gente pra dentro da Igreja; teve um crescimento enorme, e esse crescimento fazia uma movimentação popular muito grande. (DOURACI, 2009)

A PJMP se irmanava com as pastorais e movimentos populares em torno de uma mística libertadora, que servia de “alimento” e “combustível” ao propósito de libertação do

povo de Deus, oprimido pela desigualdade social no Brasil. A Igreja, múltipla em sua eclesialidade, abrigava outros tantos grupos menos preocupados com essas questões, pois não sentiam esse “chamado” para o embate de uma “mística do conflito”, como diria o Pe. Murilo.

Mas é o próprio arcebispo, d. José Maria Pires, imbuído pelo espírito de Puebla, quem explica essas peculiaridades que diferenciavam esses grupos, divergentes, como ocorre ao tratar das CEBs e dos demais:

Todas as comunidades se situam no meio rural ou na periferia das cidades. Não há nenhuma no centro urbano, nenhuma na classe média ou alta. As classes média e alta ou não se organizam em função de sua vida religiosa – algumas devoções – ou se encaminham para outras formas de grupalização com os cursilhos de cristandade, os focolari, o Movimento Familiar Cristão, a Oração carismática, etc. A temática dominante e quase exclusiva é a religiosa. O social não conta ou muito pouco. [...]
As Comunidades Eclesiais de Base respondem, pois, a necessidade religiosa do povo. Elas representam a Igreja Popular, isto é, a Igreja que está surgindo do meio do povo [...]. (PIRES, 1980, p. 225).

As críticas dos grupos “não alinhados” com a PJMP, como diria Tunico, se estendia a todas as outras pastorais populares, e inclusive às CEBs, visto que estes eram acusados de não rezar o terço, não gostar das missas tradicionais, de procissões e outras formas ortodoxas e ritualísticas da Igreja Católica. A Igreja que ressurge pós-Puebla, traz esse sopro novo que já vinha sendo sentido e gestado há algum tempo pelo movimento leigo comprometido com a causa do oprimido. Esses grupos populares vivenciavam sim sua espiritualidade, mas de forma dinâmica, comprometida com a libertação do povo, repleta de simbolismos, que em sua simplicidade traziam os elementos do dia a dia, da luta, da vida do povo, ansioso em ser protagonista de seu presente.

Essa espiritualidade vivenciada e partilhada criava laços fortes de parceria considerada, às vezes, indissociável do trabalho pastoral. Como lembra Nascimento (2006, p. 156):

O sentimento de mística torna-se peça indispensável no estabelecimento do jogo das interdependências nos indivíduos. É por meio da espiritualidade que os elos e os compromissos interpessoais são firmados. As ligações se materializam em nome de Deus, em consideração a Igreja ou firmadas no amor ao próximo, que se apresenta como irmão na fé. Ocorre um alto grau de subjetividade no interior das relações interpessoais [...].

A Bíblia era o centro de destaque nos momentos de partilha da Palavra, de vida, de comunhão com o próximo, com o(a) irmão(ã). Lia-se o Evangelho, mas à luz da realidade do povo, de forma comparativa aos dias presentes. Havia uma identificação com o “eu” de cada um/uma nesses momentos ricos de simbolismo e de mística.

Essa mística, forjada a partir da realidade do jovem, do povo oprimido, trazia força nos momentos mais difíceis de enfrentamento, mas sabiam que unidos, esses grupos eram mais fortes. Nena lembra bem de um desses momentos:

[...] a gente tinha especificidades, mas a gente tinha os momentos de luta juntos. Eu lembro que em 86, eu acho que o primeiro Grito... que acho que nem chamava “Grito dos Excluídos”, [...] depois da ditadura militar aqui em João Pessoa, a primeira vez que ocorreu aquilo, que era depois do desfile do Dia 7 [de Setembro], a gente tinha que se organizar pra fazer também o nosso desfile, nessa parada, todas as pastorais. Fazer denúncia... contra o FMI, contra a crise, contra o arrocho, contra tudo no mundo. E eu lembro que a gente fez uma concentração no Mosteiro de São Bento... e era uma coisa escondida, que se soubesse antes... era capaz de as autoridades virem barrar, né, lá no Mosteiro de S. Bento, a gente se encontrou uma noite antes... e aí você ia encontrar gente da Pastoral da Juventude [do Meio Popular], gente do Mac, gente da PO – da Pastoral Operária, é... já tinha CPT na época?... as CEBs, e a gente se encontrava... e a gente se abraçava, porque... e a gente dizia: “Ah, se a gente morrer amanhã, a gente vai morrer pela causa”, [risos] e eu lembro que a gente foi para a parada, e como a gente se fortaleceu, e nem aconteceu nada, mas a gente foi. (NENA, 2009)

Esse “morrer pela causa”, que Nena destaca ao lembrar, era algo muito sério para o militante apaixonado pela luta, na busca incansável pela libertação do/a outro/a. Como justifica Peloso (2009, p. 1), “essa força da mística é que produz em todos a coragem de resistir, protestar, dedicar-se e arriscar na permanente busca da libertação”.

Mais adiante, a fala de Nena se coaduna em parte com a posição de d. José, ao ver na questão da classe social o grande conflito no meio dos grupos divergentes da Igreja Católica, fazendo inclusive uma crítica a algumas posições radicais da PJMP à época.

Com relação às outras pastorais de juventude, aí existia uma questão de classe muito forte. Apesar de em alguns momentos, que eram os momentos como o Dia Nacional da Juventude, por exemplo, uma das orientações da Igreja e de d. José mesmo, era natural que todas as pastorais de juventude se organizasse pra fazer, mas eu lembro que tinha uma rixa muito grande, a Pastoral Urbana e a Pastoral Suburbana, a Pastoral Estudantil e a Pastoral Universitária. Quem era que compunha a Pastoral Universitária? A maioria era de pessoas que estudava em escola e ia pra universidade, e quem conseguia passar pra universidade federal, como ainda hoje, que é pública, eram pessoas que vinham da classe média alta, então isso pra gente já era um agravante, era uma ofensa. Era como se ele tivesse tomando um lugar que por direito fosse nosso. Então era assim, não dava para esquecer disso, então existia muito essa rixa, a questão da diferença de classe, isso era muito forte. E aí juntava com questões afetivas, subjetivas [...]. 1º A questão de classe; era a questão do afetivo, [risos] era a questão da subjetividade. Era muito forte mesmo, eu lembro. [...]. Então naquele período era muito dicotômico essa coisa, a dicotomia, rico e pobre, e a gente era muito maniqueísta, era característica daquela geração, era característica da

Pastoral da Juventude [do Meio Popular] o maniqueísmo. Onde tinha muito isso. Hoje você consegue fazer um distanciamento, e aí quando você começa a ler, a conhecer outras coisas, aí você vai percebendo, mas eu percebo isso com tranquilidade, como era... daquele período, é um processo. Hoje eu sou amicíssima de algumas pessoas que foram minhas rivais naquele período, e eu tenho relações muito boas com essas pessoas hoje, mas que na época, Deus do céu! Burguês e proletário. (NENA, 2009)

Enfim, embora houvesse os famosos embates entre os dois lados que compunham a Igreja, bifurcada em conservadores e progressistas; comprometidos com a libertação do povo de Deus e alienados politicamente; havia uma convivência, senão totalmente pacífica, ao menos de respeito às diferenças dentro do mesmo espaço eclesial. Em alguns momentos estava-se junto, como nos DNJs, ou em outras comemorações de grande envergadura para as pastorais e movimentos de juventude que juntas, nessas ocasiões, trabalhavam por um mesmo objetivo. Fato ocorrido no Ano Internacional da Juventude, comemorado em João Pessoa por todas as pastorais de juventude, como pode-se ver neste cartaz abaixo, de iniciativa da PJMP:



Figura 2 – Cartaz do Ano Internacional da Juventude, instituído pela ONU, em 1985.

Fonte: NASCIMENTO, 1985.

No entanto, não se pode exigir de quem não comunga com um determinado jeito de ser igreja, geralmente considerado heterodoxo, que passe a compreender o mistério que ronda o *animu* do militante, seja ele/ela jovem, adulto ou idoso.

Esse mistério gerado no ventre da luta por um mundo melhor, pertence ao ser que se apaixona facilmente por esse ideal, sem ver barreiras, sem conhecer cansaço, sem desanimar. É alimento, combustível, força, ânimo, é “um bem querer quente” que não faz a gente virar “din-din”. Dona Maria tinha razão.

3.4 Fé e Vida: a Romaria dos 15 anos, a espiritualidade militante partilhada

Para tratar da Romaria dos 15 anos é preciso antes, tecer, alguns comentários necessários. O primeiro, de razão metodológica, diz respeito à participação única de Tunico como colaborador deste subcapítulo. Primeiro, porque Tunico, entre os cinco entrevistados, foi o único que participou efetivamente da Romaria dos 15 Anos. Depois, pela riqueza de seu depoimento. Sua fala é fluente, livre e apaixonada por esse momento que é considerado por ele como um momento “muito forte” da vivência mística da PJMP.

Nena, assessora e atuante no período da Romaria, não pôde participar porque tinha acabado de dar à luz; nasceu Maria Luiza, um nome especial e cheio de simbolismos. Os demais ou estavam muito distantes da vida da PJMP ou simplesmente não quiseram ou não puderam participar.

Para que se dimensione a importância da Romaria para a história da PJMP, faz-se necessário conhecer um pouco o contexto em que sua ideia foi gerada e aceita pelo conjunto da Pastoral, em todas as suas instâncias.

De acordo com os meus registros na agenda²² de reuniões da Comissão Regional NE II de PJMP, a proposta de se fazer uma Romaria em comemoração aos 15 anos da PJMP entrou em discussão na reunião da Comissão no mês de julho de 1992. Não se sabe ao certo de quem partiu a ideia, mas, como sempre, a proposta foi posta em votação e aprovada, mas aprovada para ser discutida nas dioceses, e se haveria uma outra ideia para a comemoração.

As dioceses ficaram animadas com a proposta, muito embora nem todos achassem que era uma boa maneira de se comemorar 15 anos de caminhada. Tunico foi uma dessas pessoas.

²² As informações a respeito das reuniões de preparação para a Romaria dos 15 Anos foram coletadas a partir da agenda pessoal do pesquisador, datada de 1992. As várias reuniões, tanto da Comissão Regional NE II da PJMP quanto da Comissão Diocesana de Jovens da PJMP foram registradas e as informações aqui citadas foram retiradas delas. Cf. Nascimento (1992).

Primeiro foi a surpresa, depois reagi, me colocando meio arredio, desconfiado. Eu havia chegado atrasado na reunião em que decidiram o modo como se comemoraria aquele aniversário da Pastoral. Eu tinha lá minhas dúvidas sobre aquela escolha. Quem me garantia que os e as jovens da Pastoral, de fato acolheriam com simpatia aquela ideia. Romaria tinha a ver com aqueles e aquelas jovens? Bom, eu nem mesmo era voto vencido, pois não havia votado. Mas, e agora, o que faria? (TUNICO, 2008)

Porém os jovens gostaram sim desse jeito novo de celebrar a vida da Pastoral. Até então, a celebração dos 10 anos, primeira grande comemoração de aniversário da PJMP, tinha culminado com o não menos importante VI Encontro Nacional, ocorrido em dezembro de 1987, em Brasília. “O VI Encontro é considerado como ponto de chegada de uma caminhada de 10 anos [...]. A PJMP, unida às outras pastorais e aos movimentos que progridem na evangelização e libertação, quer participar na grande caminhada da Igreja latino-americana, sendo ‘semente do novo na luta do povo’”. (O NASCIMENTO..., 2008, p. 2)

O subsídio que resultou no *Semente do novo...* foi verdadeiramente um ponto de partida para a PJMP, porque a partir dele a Pastoral “enxergou-se”, sedimentou definitivamente seus objetivos e prioridades; delineou melhor sua metodologia; explicitou sua espiritualidade e abraçou sua paixão mística pela causa do jovem do meio popular.

O que fazer na comemoração dos 15 anos de luta e história da PJMP? Para Tunico, uma romaria não parecia a melhor opção, parecia não “combinar” com a juventude do meio popular. Meio a contragosto, Tunico assume o que foi decidido pelos jovens. “Resolvi assumir o que foi decidido, no entanto, segui tentando compreender aquela escolha provocando os jovens e assessores das comissões regionais a me convencerem, com bons argumentos, que aquela era a melhor maneira de celebrarmos a chegada da PJMP a sua etapa de “menina-moça””. (TUNICO, 2008)

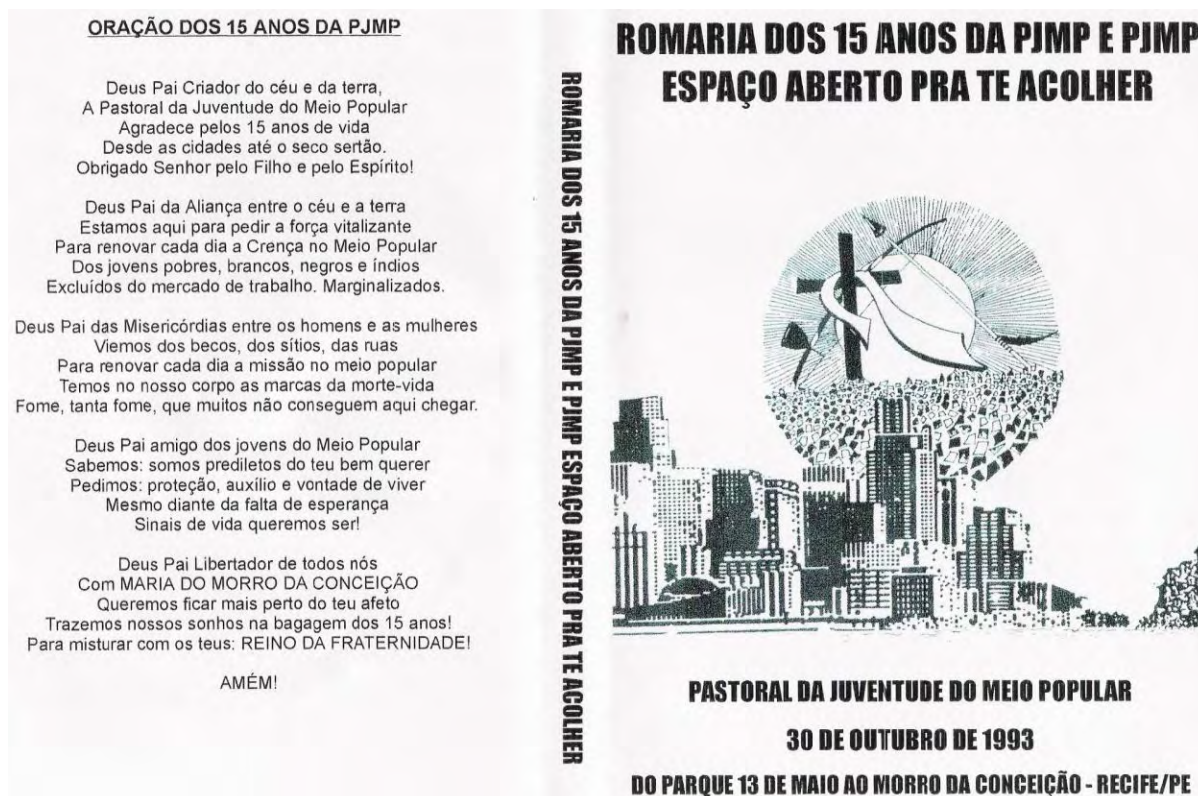


Figura 3 - Capa e contracapa do subsídio de preparação para a Romaria dos 15 Anos.

Fonte: PJMP, 2009.

De fato, a romaria, uma expressão forte da religiosidade popular no catolicismo brasileiro, muito característico do povo nordestino, era uma expressão de fé bem aceita pelos movimentos populares da Igreja Católica, e vivida pela PJMP com outras pastorais e movimentos, principalmente com a CPT e as CEBs. Mas nunca havia sido cogitada para uma comemoração de aniversário na PJMP. No próprio subsídio dos 10 anos da Pastoral há um item que destaca bem isso, de nome “Momentos fortes de espiritualidade”:

Alimentamos nossa espiritualidade quando, a partir dos momentos difíceis da nossa vida pessoal e de povo oprimido e diante dos conflitos, calúnias e perseguições, descobrimos mais profundamente as razões da nossa fé e sentimos em nossa carne a experiência de Jesus servo sofredor.

[...]

Expressamos também nossa espiritualidade nos momentos de celebração, **romarias**, caminhadas, retiros, leituras e na vivência dos sacramentos. (PJMP..., 1988, p. 40. Grifo meu.)

As falas de Tunico são muito importantes para mostrar duas grandes características da Pastoral da Juventude do Meio Popular, a capacidade dos assessores de ouvirem e respeitarem as decisões dos jovens sem impor sua opinião, e a humildade em reconhecer que erra-se ao avaliar superficialmente algo que à primeira vista lhes parece descabido, inviável e precipitado. Ao se permitir participar dos preparativos para a Romaria, desnudando-se dos preconceitos, Tunico descobre que havia se precipitado em sua avaliação.

Não foram os argumentos, mas os nossos encontros, as orações nos grupos, as preparações, as escolhas dos gestos e dos símbolos que pouco a pouco me fizeram sentir, mais do que pensar, que a Romaria dos 15 anos já estava sendo um marco na vida da Pastoral. E no dia 30 de outubro daquele 1993, tudo foi muito lindo, muito forte, pura emoção. Quando vi o Parque 13 de Maio sendo tomado por jovens de todo o Regional Nordeste II, não tive dúvidas: mais uma vez fizemos a coisa certa. (TUNICO, 2008)

O restante do ano de 1992 e grande parte do ano de 1993 passaram em grandes passos na preparação para a Romaria. Houve muita dificuldade durante esse percurso. Talvez o maior tenha sido o problema financeiro que sempre rondou a Pastoral. Houve muita articulação, todas as dioceses do Regional NE II foram contatadas, muito embora nem todas pudessem participar integralmente, mas houve interesse e empolgação.

A Romaria dos 15 Anos foi assumida tanto pela PJMP Urbana quanto pela PJMP Rural. O percurso a seguir seria na diocese de Recife e Olinda, onde tudo começou, saindo do Parque 13 de Maio, com destino ao Morro da Conceição. Haveria quatro paradas celebrativas assumidas pelos quatro Estados que compunham o Regional, mais a PJMP-R. A Romaria foi feita e pensada a partir dos símbolos mais representativos para a PJMP.

Por exemplo, no pão e no mel partilhados durante a comunhão – nisso via-se o alimento da caminhada e os momentos de “doçura” no trabalho com a juventude; na Bíblia trazida por jovens durante a Celebração da Palavra; na jovem com seu filho nos braços, ofertados pela PJMP da Arquidiocese da Paraíba, simbolizando “o novo” trazido pela juventude à sociedade; e a própria romaria, como uma forma de expressar a fé e religiosidade da juventude católica do meio popular.

Foram momentos de muita mística, ainda hoje presente na memória de Tunico que lembra os detalhes desse momento. A Romaria foi conquistando representatividade entre a juventude, como podemos sentir na fala de quem participou daquele momento histórico:

Ao ver as pessoas chegando do sertão, do agreste, do brejo e do litoral dos 4 cantos que compunham o Regional, senti um aperto no coração. Acho que comigo aconteceu algo semelhante ao “com o coração doendo de tanta felicidade”, cantado pelo Milton Nascimento. É impossível pensar naquela Romaria como um marco, sem entendê-la a partir da existência de uma mística que nutria a espiritualidade daquele povo que ali se encontrava, entende? Eu que inicialmente pensava: “Uma romaria conseguirá dar continuidade ao que foi a festa dos 10 anos da PJMP no Colégio Nóbrega, no Recife?” Suspeitava que até haveria uma dissonância entre as duas comemorações. Grande engano! A Romaria tornou-se algo inexplicável. Sendo profundamente séria, ela esbanjou alegria de modo a nos contagiar e não deixar que o cansaço, o sono ou um breve desânimo nos tomasse durante o longo caminho do Parque 13 de Maio até o Morro da Conceição. Posso até quase sentir o cheiro e o sabor do delicioso mel que nos foi servido durante a caminhada. (TUNICO, 2008)

Esse mel, citado por Tunico, foi trazido pelo Rio Grande do Norte e suas dioceses, que ofereceram aos romeiros e romeiras 15 balaies de pão e 15 potes de mel, embalados pela música “Cio da Terra”, de Milton Nascimento.

Tudo convergia para a celebração da luta, da fé e da vida. A solidariedade era lugar comum no meio do povo. O Regional sempre lembrava aos seus militantes, durante a preparação para a Romaria, de que todos deveriam levar comida para partilhar com os demais durante o percurso. Os jovens de Recife acolheram os(as) romeiros(as) em suas casas.

A celebração seguir um roteiro simples, mas extremamente simbólico e místico. Cada Estado, ao chegar, estava representado por uma cor: azul (PE), verde (PB), branco (AL) e vermelho (RN). Após a saída do Parque 13 de Maio, assumida pela diocese anfitriã, Recife, a primeira parada, que ocorreu no pátio da Feira de Santo Amaro, ficou sob a responsabilidade do Estado de Alagoas, que preparou o Ato Penitencial, onde todas as dioceses deveriam escrever em faixas as suas faltas durante esses 15 anos de caminhada na PJMP, e depois queimá-las.

A segunda parada ocorreu na Praça Castro Alves, e ficou por conta da PJMP-R, que celebrou “a palavra de Deus como luz na caminhada”. A seguir veio a terceira, assumida pelo Estado da Paraíba, que ficou com o ofertório. Esse ofertório foi dançado por jovens segurando potes de barro com fogo. A esperança na renovação que traz a juventude foi representada por uma jovem mãe vinda da PJMP, segurando seu filho nos braços. No Estado da Paraíba, o ofertório foi realizado com a participação das dioceses de Campina Grande, que ofertou uma cesta de frutas; Patos, que levou o fogo; e João Pessoa, que ofereceu a criança.

Por último, o compromisso com a partilha, feito pelo Rio Grande do Norte. No Morro da Conceição, o Estado de Pernambuco com todas as suas dioceses preparou enfim a grande comunhão e festa.

A realização dessa Romaria deu muito trabalho aos jovens e assessores da PJMP, mas como bem destacou Tunico, o trabalho era feito com muita alegria, e era contagiante.

Foram elaborados quatro projetos para tentar o seu financiamento; foram feitos shows nas dioceses; venderam-se camisetas, buttons, rifas; houve solicitações aos bispos, aos padres, congregações religiosas, aos prefeitos, etc.; todos os membros do Regional fizeram visitas às dioceses para animar os jovens a participar dessa celebração.

Só a mística, presente na PJMP, poderia explicar essa força extra vinda não se sabe ao certo de onde – talvez da paixão pela causa –, senão, como explicar, passados mais 15 anos da Romaria, Tunico ainda sentir o “cheiro e o sabor delicioso do mel”, servido durante o percurso?

Deixo com ele a reflexão final sobre a Romaria e a importância que a história construída com a PJMP teve em sua vida.

Aquela Romaria foi para mim mais uma vivência da espiritualidade libertadora da PJMP. Como sempre ocorreu na minha vida pastoral naquele evento, desde a preparação até o derradeiro momento, eu muito aprendi. [...] Anos que seguem me oferecendo momentos felizes como este, quando posso partilhar tais sentimentos enquanto passeio pelo tempo. Há algo da “Semente do novo na luta do povo” que permanece em mim, e me alegro com essa herança maravilhosa da PJMP. (TUNICO, 2008)

Pelas falas de Tunico, é certo que a Romaria foi um acontecimento muito importante para a PJMP. Pode não ter sido um divisor de águas, ou pode não ter revolucionado a história da Pastoral, mas definitivamente foi um momento único por sua importância para a vivência mística com os seus e com os demais. Uma mística-partilha que se materializou na comunhão entre jovens católicos de diferentes estados do nordeste brasileiro.

Muitos foram os convidados para esta festa celebrativa. Todas as importantes pastorais e movimentos que trabalhavam em comunhão com a Pastoral da Juventude do Meio Popular, ou que comungavam com o seu trabalho, foram chamados para viver este momento de fé e de vida partilhada. Vieram também bispos, padres, freiras, religiosos, seminaristas, além do convite feito aos representantes das igrejas protestantes que partilhavam a proposta ecumênica das pastorais populares, entre tantos outros e outras para celebrar com a juventude em marcha. Como dizem Betto; Boff (2005, p. 17) “a oração é o hábito que nutre a mística”.

A PJMP também concorda com eles, quando afirma que “os militantes precisam de momentos fortes de oração pessoal e de celebração. [...] Sem oração pessoal nossas vidas estão cheias de um ativismo pouco atraente e pouco fértil”. (ESPIRITUALIDADE..., 198-?, p. 21). Esta foi uma oração diferente. Participativa, festiva, mas também reflexiva, pois foram comemorados 15 anos de caminhada com a juventude do meio popular. E muitos dos que estavam presentes haviam contribuído para a construção dessa história.

Do ato penitencial – quando as dioceses reconheceram seus limites ante o trabalho com a juventude –, à comunhão, no momento da partilha, e o “mel saboroso” foi servido, representando a doçura da convivência com a juventude, a PJMP viveu seu grande momento místico coletivo.

Assim como a celebração dos 10 Anos representou um novo começo, onde a PJMP, mais madura, mais confiante e certa do seu papel, a comemoração dos 15 Anos representou um momento de reencontro com sua espiritualidade, de amadurecimento de sua fé, onde, através de sua mística, viu-se refletido o “rosto jovem” da Pastoral, em seu jeito de ser, de lutar e celebrar. Tunico completa: “Uma mística que acredito poder chamar de libertadora sempre marcou a espiritualidade da PJMP. Desde o meu primeiro contato com os jovens dessa pastoral percebi como algo muito caro àquela organização, uma maneira forte, alegre e contagiante de celebrar a vida”.

Por sua importância simbólica, afetiva e mística, a Romaria dos 15 Anos foi um marco na caminhada da Pastoral da Juventude do Meio Popular. Após esta experiência, olhar para dentro de si mesmo tornou-se um exercício mais fácil, porém não menos desafiador.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quanto mais tentamos compreender as juventudes espalhadas pelos quatro cantos do mundo, mais nos surpreendemos com sua dinâmica, sua novidade, sua adaptação constante ao tempo e ao espaço em que estão inseridas. Essas juventudes, em todas as esferas sociais, nos seus mais variados estratos, possuem um potencial inacreditável de ação sociopolítica, por vezes mal aproveitado, por vezes aproveitado até demais e de forma leviana. Por si, as juventudes são um fenômeno desafiador a quem tentar compreendê-la, estudá-la.

O padre Jorge Boran, assessor nacional da Pastoral da Juventude, escolheu bem o título de seu livro, no início dos anos 1980: *Juventude, o grande desafio*. De fato, é um grande desafio trabalhar com jovens, pois, sendo adultos, levamos conosco os preconceitos que essa idade nos impõe. Há, então, por consequência, uma certa tendência de acreditarmos verdadeiramente que sabemos mais, pois vivemos mais, o que já basta como requisito para pensarmos que temos que ensinar aos(as) jovens e jamais aprender com eles/elas.

Este trabalho tentou adentrar, através do campo teórico-acadêmico, no universo mais específico do fenômeno juvenil católico: a Pastoral da Juventude do Meio Popular, sua memória e sua mística, analisadas através das falas de seus ex-integrantes. Ao final, tive a sensação de que muito mais poderia ser dito, feito e pesquisado, afinal, são trinta anos de existência. Mesmo tendo proposto trabalhar catorze anos de sua história, de 1979 a 1993, a dinamicidade existente na vida da PJMP é complexa e ao mesmo tempo muito rica.

No conflitante da década de 1970, quando surge a PJMP no Nordeste brasileiro, a juventude leiga herdeira das antigas organizações católicas de juventude desmanteladas pelo regime militar no Brasil, ressurgem com uma “nova roupa colorida”. Mais conscientes do que querem, mais livres, os(as) jovens têm muito o que fazer. O Brasil estava reaprendendo a ouvir e a falar a palavra democracia, e os/as jovens ansiosos(as) em participar dela. Havia desemprego, desigualdade social na cidade e no campo, falava-se em reforma agrária, voto consciente, partidos comprometidos, libertação do povo oprimido e protagonismo juvenil.

Na Igreja Católica havia uma Pastoral de Juventude, mas genérica, onde os(as) jovens se aglomeravam no exercício pastoral, sem muita convergência de interesses e sem um autoreconhecimento identitário.

Ao surgir em 1978, a PJMP, em sua longa trajetória de vida e luta, opta pelo trabalho com a juventude do meio popular. Diferente da grande maioria, a PJMP destacava-se por viver verdadeiramente um protagonismo juvenil, pois eram os próprios jovens que

determinavam os destinos da Pastoral, suas metas, suas prioridades, auxiliados por “amigos” mais velhos, que auxiliavam na reflexão do melhor caminho a seguir, mas sem imposições. Tudo isto vivido à luz do evangelho do Cristo Jovem, que liberta o povo oprimido.

Na Arquidiocese da Paraíba, seguindo o que ocorreu em Recife em 1978, a PJMP se instala aproximadamente no ano seguinte, e mostra sua proposta aos jovens dos grupos de base das periferias da Grande João Pessoa e das cidades do interior que compunham a Arquidiocese. Muitos jovens abraçaram sua proposta pastoral “diferente” e posteriormente ajudaram a nuclear outros grupos nessa mesma perspectiva de luta pela libertação do(a) jovem oprimido.

A partir da análise das falas dos colaboradores entrevistados e dos documentos analisados, podemos refletir que a Pastoral da Juventude do Meio Popular na Arquidiocese da Paraíba trouxe uma forte contribuição sociopolítica-eclesiológica-afetiva aos jovens do meio popular. Através da proposta de formação integral e continuada, a PJMP discutia com os jovens importantes temas que representavam as angústias e necessidades da juventude na Arquidiocese. Nos encontros, nos congressos e assembléias os jovens conquistaram a vez e voz. Seu “grito” era ouvido tanto pelos próprios jovens quanto pelos adultos, leigos ou do clero.

Esse protagonismo foi citado diversas vezes pelos entrevistados em suas falas como algo importante na caminhada da PJMP na Arquidiocese e nas demais instâncias. Tratava-se de pôr em prática o que dizia o Evangelho de Cristo, “bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, pois serão saciados”. E os(as) jovens tinham/têm fome e sede de muita coisa. De justiça, de liberdade, de ser ouvido(a), de afeto, de participação.

No entanto, outros fatores foram percebidos na análise da história da PJMP. Havia algumas lacunas sentidas pelos jovens que representavam entraves a uma vivência plena desse protagonismo juvenil. Discutia-se pouco as questões subjetivas inerentes à juventude. Muito embora a Pastoral tentasse verdadeiramente sanar esse problema evocando as questões psicoafetivas da juventude em seus documentos e nos momentos formativos, isso parecia não ser suficiente, ou porque não era aprofundado ou porque não era tratado de forma correta.

Questões como afetividade, sexualidade, namoro, amizade, e outras questões polêmicas quando era vistas no âmbito da Igreja Católica, como aborto, homossexualismo, celibato, entre outros temas, traziam sérias discussões do papel da Pastoral na chamada formação integral do(a) jovem.

Mesmo assim, em seu direito à voz, jovens como Jairo Umberto, um militante que exteriorizava suas posições em textos provocativos, que discutiam os problemas ligados à

subjetividade relacionada à juventude, pouco discutida na Pastoral, e os efeitos nocivos de não aprofundá-las.

Isso, no entanto, na visão dos entrevistados, não diminuía a importância da ação da PJMP no trabalho com os(as) jovens do meio popular na Arquidiocese da Paraíba. Essa importância, segundo os relatos, dava-se pelo fato dela “ajudar a construir um projeto de vida” (DOURACI, 2009); criar e fortalecer “a construção dos vínculos entre as pessoas” (SUÊLDES, 2009); através de sua mística, ser “uma energia que a gente pode chamar de força” (HÉLITON, 2009); discutindo a questão de classe social, ela “ajudou muito a gente ver isso, e não ter vergonha de ser pobre” (NENA, 2009); e ainda “o fato de ter um protagonismo dos jovens foi sempre muito importante” (TUNICO, 2008).

Sendo a PJMP uma pastoral da Igreja Católica, os jovens que dela faziam parte vinham desse meio eclesial, onde as paróquias, as comunidades, ou mesmo os grupos de bairros davam a tônica de sua ação evangélica libertadora. A mística gestada e alimentada pela Pastoral se revelava nos momentos mais importantes de sua luta, pois se configurou numa mística militante, mas cristã, pois tinha no Cristo seu exemplo maior de “jovem revolucionário”. Dele provinham as forças para a luta e pela paixão por um ideal de libertação que estimulavam os(as) jovens na paixão pela caminhada com a PJMP. Lia-se o evangelho de forma heterodoxa, e para fazer-se entender pelos outros jovens, os militantes usavam a arte popular, o teatro, a dança, a música, a poesia, tudo reinterpretado e novo, para um público jovem e sedento.

Essa mística da PJMP foi o “combustível” e o “alimento” que sustentou a luta diária da Pastoral por um mundo melhor para os jovens do meio popular e para todos(as) os(as) oprimidos(as), a partir do projeto libertador de Cristo. Desse projeto faziam parte aqueles que priorizavam o pobre em sua ação pastoral, pois eram os escolhidos de Deus. A própria Igreja reconhece isso em seus grandes encontros episcopais.

Assim, as pastorais e movimentos do meio popular tinham uma grande responsabilidade evangélica, libertar integralmente o povo de Deus, em suas mais diversas esferas sociais. Daí a importância das pastorais específicas, como é o caso da PJMP. A relação com essas pastorais, os movimentos e a PJMP era de uma convivência pacífica e solidária, muito embora houvesse vez por outra alguma divergência de opinião. Mas no geral havia um bom trabalho de conjunto.

Os atritos ocorriam entre as pastorais populares e os movimentos e pastorais espiritualistas, mais avessos ao trabalho social, que não fosse assistencialista. Isso era motivo para sérias divergências.

Em todas as falas, a figura do bispo dom José Maria Pires, dirigente da Arquidiocese à época, é destacada como de grande incentivador ao trabalho pastoral com a juventude, principalmente a do meio popular. Segundo os colaboradores, houve apoio e acolhida por parte de d. José, mesmo que em alguns momentos houvesse algumas divergências e atritos localizados.

Por fim, a realização da Romaria dos 15 Anos em Recife, no dia 30 de outubro de 1993 foi um momento de muita mística e expressão de pertença à Pastoral da Juventude do Meio Popular. Seja pela própria caminhada de 15 anos, seja pela participação maciça das dioceses do Regional NE II, ou mesmo pela energia sentida por todos os(as) participantes deste evento, a PJMP, através desta Romaria, viveu um momento místico único em sua história, repleto de muito simbolismo e de sentimento partilhado com a juventude ali presente.

A experiência mística da Romaria serviu de ânimo para a caminhada para as novas gerações, que em julho deste ano completou 30 anos de “luta e ternura”. Não se sabe quais os rumos que hoje tomou a PJMP, desconhecem-se quais suas maiores dificuldades e conquistas, mas definitivamente sua importância para a juventude do meio popular na Paraíba e no Brasil inteiro foram/são um marco na história da Igreja Católica e para o movimento popular brasileiro.

A memória histórica da PJMP preservou-se nas lembranças de seus ex-integrantes que não tiveram dificuldade em evocar os “bons momentos” vividos nas décadas de 1970 e 1980. Apesar das grandes dificuldades enfrentadas no trabalho com uma pastoral sem recursos, sem uma autonomia financeira, sem ser prioridade para grande parte do clero, a PJMP conseguiu, durante aquele período, ser uma alternativa viável à juventude do meio popular na Paraíba.

Em sua proposta de evangelizar o(a) jovem empobrecido, a Pastoral, à luz do Evangelho, conseguiu oferecer a este(a) jovem, através de uma formação integral, a consciência de classe, a cidadania e a autoestima de parte da população expropriada de uma participação sociopolítica efetiva.

Através das dimensões subjetivas inerentes ao ser humano e que lhe são caras, como a amizade, a solidariedade, o carinho, a sexualidade, os valores éticos, o amor, foram vivenciados na PJMP no que podemos chamar de mística. No entanto, não era uma mística contemplativa e ausente do mundo, mas uma mística militante cristã renovada nas emergências da Igreja Popular.

O jovem da PJMP via nas expressões da religiosidade dessa Igreja Popular, da qual participava e comungava, uma forma de libertação. Num retiro, nas celebrações nas comunidades, em uma novena, numa romaria... tudo poderia ser motivo para a evangelização

de outros jovens a partir da realidade “pé-no-chão”, a partir da leitura dos evangelhos feita a partir de uma visão renovada e eminentemente jovem. Tudo isso, no entanto, para que desse certo, deveria ser feito com paixão. Essa era a essência da mística da PJMP.

Concordo verdadeiramente com Suêldes quando ela diz que a juventude é “encantadora e desafiadora”. Nisso talvez esteja sua essência que não vemos em nenhuma outra fase de nossas vidas. O afã em fazer algo, ser parte de um todo, mudar algo que não está bom requer energia, e isso a juventude tem de sobra.

A Pastoral da Juventude do Meio Popular, “revestiu-se” de juventude para trabalhar com a juventude; sendo jovem, falou a mesma língua dos que estavam oprimidos por um sistema injusto; ao ouvir o “grito” da juventude foi ouvida por ela; não apenas acolheu, mas foi acolhida.

Em seu raciocínio para definir a juventude, Suêldes conclui: “Eu acho ela ainda sedutora. Eles [os jovens] são lindos, são sedutores... são atrevidos”. É verdade.

REFERÊNCIAS

10 ANOS DA PJMP, **Fazendo História** – Boletim da Pastoral de Juventude do Meio Popular, [s. l.]: Regional NE II, CNBB, ano 2, n. 5, jan. 1988.

A PJMP no Regional Norte I. Disponível em: <<http://pjmp.mahost.org/regn1.htm>>. Acesso em: 8 abr. 2009.

AMORIM, Jairo Umberto P. **Pastoral da Juventude a partir das classes sociais**. São Paulo: Paulinas, 1986.

_____. **O corpo na experiência concreta do militante**. [S. l.: s. n], [1985?]. Mimeografado.

ARQUIDIOCESE DA PARAÍBA. Anuário 2009. João Pessoa: Cúria Metropolitana, 2009.

BARCELLOS, Lusival Antonio. “**Não vamos criar cobras para nos picar**”: um olhar crítico-pedagógico sobre o engajamento dos agentes de pastoral leigos da Diocese de Campina Grande. 1998. 132f. Dissertação (Mestrado em Educação)– Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1998.

BAÚ Aberto. Santa Rita: [s. n.], out. 1981. (Subsídio feito contendo músicas e poesias dos jovens do grupo Baú Aberto, aos jovens da PJMP da Arquidiocese da Paraíba.). mimeo.

BECKER, Daniel. **O que é adolescência**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992. (Col. Primeiros passos, 159)

BEOZZO, José Oscar (Org.). **Espiritualidade e mística**. São Paulo: CESEP; Paulus, 1997. (Col. Teologia popular)

BETTO, Frei. **Batismo de sangue**. São Paulo: Círculo do Livro, 1982.

BETTO, Frei; BOFF, Leonardo. **Mística e espiritualidade**. 6. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BOFF, Leonardo. **Ecologia, mundialização, espiritualidade**: a emergência de um novo paradigma. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996. (Série Religião e cidadania)

_____. **Igreja carisma e poder**: ensaios de eclesiologia militante. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

BOGO, Ademar. **O vigor da mística**. São Paulo: ANCA, 2002. (Caderno de Cultura MST, n. 2).

BORAN, Pe. Jorge. **Juventude, o grande desafio**. 5. ed. rev. e atual. São Paulo: Paulinas, 1986.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 14 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CARTA de D. José às escolas, de 24/02/1978. João Pessoa: Arquivo da Cúria Metropolitana, Arquidiocese da Paraíba. (Localização: CPa: PJ; a/E 09, Cx. 07).

MATER et Magistra. Carta Encíclica de João XXIII. Evolução da questão social à luz da doutrina cristã. 1961. Disponível em:

<www.vatican.va/holy_father/john_xxiii/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_15051961_mater_po.html>. Acesso em: 20 dez. 2008.

CATALÁN, Josep Otón. **A experiência mística e suas expressões**. Tradução M. J. Rosado; Thiago Gambi. São Paulo: Loyola, 2008.

CONCLUSÕES da Conferência de Medellín – 1968. Texto oficial. Trinta anos depois, Medellín é ainda atual? 2. ed. rev. atual. e conferida por Fr. Manuel Jesús Romero Blanco, OP. São Paulo: Paulinas, 2004. (Com anexos de dom Cândido Padin-OSB, Gustavo Gutiérrez e Francisco Catão.).

CONCLUSÕES da Conferência de Puebla – 1979. Texto oficial. Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Puebla de los Angeles, México, 27-1 a 13-2 de 1979. São Paulo: Paulinas, [1979].

CORCIONE, Domingos. Pastoral de juventude e política. In: **Revista de Educação AEC**, v. 11, n. 43, p. 49-54, 1982

DOCUMENTOS do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965). Organização geral Lourenço Costa. Tradução Tipografia Poliglota Vaticana. São Paulo: Paulus, 1997. (Documentos da Igreja)

DOURACI. (Douraci Vieira dos Santos). [História da PJMP]. João Pessoa, 2009. Entrevista concedida a Edielson Jean da Silva Nascimento em 1º de abril de 2009.

ESPIRITUALIDADE do militante. Recife: CNBB – Regional NE II - PJMP, [198-?]

FAZENDO HISTÓRIA. Boletim da Pastoral da Juventude do Meio Popular, Regional NE II, CNBB, ano 2, n. 5, jan. 1988.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário eletrônico Aurélio versão 5.0**. 3. ed. São Paulo: Positivo, 2004.

FERRI, Marícia da Silva. **Jovens de grupos da Pastoral da Juventude no Bairro Restinga de Porto Alegre – RS: identidades e saberes**. 2006. 112f. Dissertação (Mestrado em Educação)– Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

FONSECA; NOVAES. Juventudes brasileiras, religiões e religiosidade: uma primeira aproximação. In: ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil (Orgs.). **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco, 2007, p. 147-169. (Col. Educação para todos, 27)

FRAGA, Paulo Cesar Pontes; LULIANELLI, Jorge Atílio Silva (Orgs.). **Jovens em tempo real**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GASPARI, Elio. **A ditadura encurralada**: o sacerdote e o feiticeiro. 3. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **A ditadura escancarada**: as ilusões armadas. 3. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

GOHN, Maria da Glória. **História dos movimentos e lutas sociais**: a construção da cidadania dos brasileiros. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

GONÇALVES, Regina Célia. A história e o oceano da memória: algumas reflexões, **Saeculum – Revista de História**, n. 4/5, jan./dez. 1998/1999.

GORENDER, Jacob. **Combate nas trevas**: a esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada. São Paulo: Ática, 1987. (Série Temas, v. 3., Brasil contemporâneo)

GRUPO de jovens a caminho da libertação. Recife: CNBB – Regional NE II - PJMP, 1988.

GUTIERREZ, Gustavo. **Teologia da libertação**: perspectivas. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

HÉLITON. (Antonio Héilton de Santana). [História da PJMP]. Santa Rita, 2009. Entrevista concedida a Edielson Jean da Silva Nascimento em 23 de maio de 2009.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos**: breve século XX – 1914-1991. Tradução Marcos Santarrita. 2. ed. 32. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

JUVENTUDE, eclesialidade, militância. PJMP – Igreja popular militante. João Pessoa: Regional NE II - PJMP, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 3. ed. Tradução Bernardo Leitão e Irene Ferreira (Memória). Campinas-SP: Unicamp, 1994.

LIBANIO, João Batista. **O mundo dos jovens**: reflexões teológico-pastorais sobre os movimentos de juventude da Igreja. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1983. (Col. Teologia e evangelização, 3)

_____. **O que é pastoral**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Primeiros Passos, 69)

LIMA, Haroldo; ARANTES, Aldo. **História da Ação Popular**: da JUC ao PC do B. São Paulo: Alfa-Ômega, 1984.

LOPES, Luiz Roberto. **História do Brasil contemporâneo**. 6. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991. (Série Revisão, 3)

LUTA dos jovens do meio popular. Recife: Comissão Regional de Jovens do Meio Popular, Regional NE II da CNBB, 1981.

MAINWARING, Scott. **Igreja católica e política no Brasil – 1916-1985**. Tradução Heloisa Braz de Oliveira Prieto. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MALVEZZI, Roberto. **Ileão**. [s. l.]: Produção Coletiva. (Hino oficial da PJMP. Letra e música de Roberto Malvezzi). Disponível em: <<http://www.pjmp.mahost.org>>. Acesso em: 20 abr. 2009.

MATOS, Henrique Cristiano José. **Nossa história**: 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil. Período Republicano e Atualidade. São Paulo: Paulinas, 2003. (Col. Igreja na história). Tomo 3

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

NASCIMENTO, Edielson Jean da Silva. **Agenda Pombo**. São Paulo: Edição Ernesto Rothschild S/A, 1992. (Agenda pessoal. Anotações das reuniões da Comissão Regional NE II da PJMP e da Comissão Diocesana de Jovens da PJMP, em preparação para a Romaria dos 15 Anos).

_____. **Ano Internacional da Juventude**. 1985. 1 cartaz, preto e branco. (Figura 2)

_____. **Dia do Trabalhador**. 1990? 1 fotografia, color. (Foto 2).

_____. **Grupo de base e o teatro popular**. 1980? 1 fotografia, color. (Foto 6).

_____. **PJMP e CEB's**. 1990. 1 fotografia, color. (Foto 9).

NASCIMENTO, Edielson Jean da Silva; SOARES, Luiz de Souza. **Organograma da organização da PJMP em âmbito nacional**. 2009. 1 organograma circular, color. (Figura 1)

NASCIMENTO, José Mateus do Nascimento. **O Evangelho segundo a Pastoral da Criança**: por uma pedagogia da sobrevivência. 2006. 230f. Tese (Doutorado em Educação)—Centro de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2006.

NASCIMENTO, Milton. **Coração de estudante**, faixa 9. Wagner Tiso e Milton Nascimento. Rio de Janeiro: Polygram, 1983. (Coleção Minha história, 14)

NENA. (Maria José Candido Barbosa). [História da PJMP]. João Pessoa, 2009. Entrevista concedida a Edielson Jean da Silva Nascimento em 25 de abril de 2009.

O NASCIMENTO da PJMP. Disponível em:
<http://pjmp.mahost.org/nascimento_PJMP.htm>. Acesso em: 19 dez. 2008.

OLIVEIRA, Rogério de. **Pastoral da Juventude**: e a Igreja se fez jovem. São Paulo: Paulinas, 2002. (Coleção Espaço jovem. Série Formação)

OKADA, Kátia Maia *et al.* Pastoral e mística. **Cadernos de Pós-Graduação/Ciências da Religião**, ano 13, n. 8, nov. 1995.

PAI NOSSO da educação. Santa Rita: Grupo Tell e Baú Aberto, [1981?].

PAIVA, Padre Antonio Murilo de. Espiritualidade, **Fazendo História** – Boletim da Pastoral da Juventude do Meio Popular, Regional NE II, CNBB, n. 2, fev. 1987.

_____. _____. n. 1, nov. 1986.

PELOSO, Ranulfo. A força secreta. Resenha do livro “Mística e espiritualidade”, de Leonardo Boff e Frei Betto, em 27/02/1995. **Revista Teoria e Debate**, n. 27, dez. 1994/jan./fev. 1995. Portal da Fundação Perseu Abramo. Disponível em: <<http://www2.fpa.org.br/portal/modules/news/article.php?storyid=1587>>. Acesso em 27 jan. 2009.

PIRES, D. José Maria. **Do centro para a margem**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1980. (Apresentação de D. Hélder Câmara).

PJMP – Pastoral da Juventude do Meio Popular. **1º Congresso da PJMP**. 20 Anos. João Pessoa/PB. 2009. 2 fotografias, color. Disponível em: <<http://www.pjmp.mahost.org>>. Acesso em: 25 fev. 2009. (Fotos 1 e 4)

_____. **Materiais diversos**. 2009. 1 figura, preto e branco. Disponível em: <<http://www.pjmp.mahost.org>>. Acesso em: 25 fev. 2009. (Figura 3)

_____. **Imagens diversas**. 2009. 1 fotografia, color. Disponível em: <<http://www.pjmp.mahost.org>>. Acesso em: 25 fev. 2009. (Foto 3)

_____. **15ª Assembléia Nacional das Pastorais da Juventude do Brasil (15ª ANPJB) – Brasília/DF – 22 a 25 de maio de 2008**. 2008. 1 fotografia, color. Disponível em: <<http://www.pjmp.mahost.org>>. Acesso em: 25 fev. 2009. (Foto 5)

_____. **1º Encontro de formação da PJMP Regional Norte 1 – Manaus-AM, abril de 2007**. 2007. 2 fotografias, color. Disponível em: <<http://www.pjmp.mahost.org>>. Acesso em: 25 fev. 2009. (Fotos 7 e 8)

_____. **3º Congresso Nacional da PJMP – 26 a 30 de janeiro de 2009 – Bom Jesus da Lapa/BA**. 2009. 1 fotografia, color. Disponível em: <<http://www.pjmp.mahost.org>>. Acesso em: 25 fev. 2009. (Foto 10)

_____. **25 Anos. II Congresso da Pastoral da Juventude do Meio Popular do Brasil**. São Paulo: F&A, 2003. (Subsídio de preparação do Congresso).

_____. **Caminhando e lutando**. Goiânia: SPAR, 1991?. (Subsídio produzido pela PJMP de Goiânia. Secretariado da Pastoral Arquidiocesana. Goiânia – Goiás.).

_____. **Despertando uma consciência de fé e luta**. Recife: CNBB – Regional NE II, 1989.

_____. **Projeto Resgatando 27 anos de mística da juventude do meio popular**. Arquivos da PJMP. Disponível em: <<http://www.pjmp.mahost.org/>>. Acesso em: 15 nov. 2008.

_____. **Qual a mística da PJMP?**: textos. [s. l.]: Regional NE II, 1992.

_____. **Semente do novo na luta do povo**. Recife: Regional Nordeste II – PJMP, 1988.

_____. Aos quatro ventos. **Cadernos do Meio Popular**. Subsídio para grupos de jovens do meio popular. n. 3, Natal, fev. 2002.

POLÍTICAS públicas de /para/como juventudes. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2005.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm>. Acesso em: 04 jun. 2008.

RELATÓRIO do Conselho Pastoral, de 08/04/1969, referente ao mês de março. João Pessoa: Arquivo da Cúria Metropolitana, Arquidioceses da Paraíba. (Localização: CPa: PJ; c/E 08, Cx. 07. Assina o relatório Padre Marcos Augusto Trindade.).

RETRATO da Pastoral da Juventude do Meio Popular: Arquidiocese da Paraíba. **Relatório da Equipe Diocesana de Jovens do Meio Popular**, 23/01/1982. Santa Rita: [s.n.], 1982. 1 quadro. (Quadro 1)

RICHARDSON, Roberto Jarry et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2007.

ROMARIA da PJMP. Tema: Celebrar 15 anos renovando a missão no meio popular. Subsídio de preparação. Recife: CNBB Regional NE II - PJMP, 1993.

SILVA, Isaac Alexandre da. **Juventude e cidadania na perspectiva da educação popular: contribuição e limites da PJMP na Arquidiocese da PB (1981-2006)**. 2006. 140 f. Dissertação (Mestrado em Educação)– Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

SILVA, Josué Cândido da. **Reflexões sobre os rumos da pastoral da juventude**. São Paulo: Kairós, 1993. (col. Repensando a luta, 4)

SOARES, Gláucio Ary Dillon; D'ARAUJO, Maria Celina (Orgs.). **21 anos de regime militar: balanços e perspectivas**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1994. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm/>>. Acesso em: 02 jan. 2009.

SOFIATI, Flávio Munhoz. **Jovens em movimento: o processo de formação da Pastoral da Juventude do Brasil**. 2004. 200 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)– Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.

SUÊLDES. (Maria Suêlde Alves de Araújo). [História da PJMP]. João Pessoa, 2009. Entrevista concedida a Edielson Jean da Silva Nascimento em 09 de junho de 2009.

SURIAN, Francisco Emílio et al. (GRUPO TAO). **A mística do animador popular**. São Paulo: Ática, 1996. (Série Cadernos de religião e cidadania)

TUNICO. (Antonio Carlos Borges Martins). [História da PJMP]. Juiz de Fora, 2008. Entrevista concedida a Edielson Jean da Silva Nascimento, em 10 de julho de 2008.

UM CIVIL no Planalto: com a eleição de Tancredo Neves, o país vê com tranquilidade o fim de 21 anos de regime militar e o nascimento da “Nova República”, **Veja**, Edição especial. n. 854, 16 jan., 1985.

VEJA. Edição especial. n. 854, 16 jan. 1985.

APÊNDICES

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A pesquisa intitulada *Coração, juventude e fé: memória e mística da pastoral da juventude do meio popular – PJMP – na Arquidiocese da Paraíba (1979-1993)* representa o tema proposto no desenvolvimento da dissertação de mestrado ligado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba e se propõe a estudar e compreender a importância da PJMP para a juventude da Arquidiocese da Paraíba, tendo como enfoque sua mística.

Esta pesquisa, desenvolvida por mim, Edielson Jean da Silva Nascimento, sob orientação do prof. Dr. José Mateus do Nascimento, tem por objetivo geral e específicos, respectivamente: **analisar** a trajetória da Pastoral da Juventude do Meio Popular, entre os anos de 1979 a 1993, surgida como um movimento popular jovem nos quadros da Igreja Católica, bem como sua contribuição político-social na formação dos jovens da Arquidiocese da Paraíba; **compreender** qual a mística da PJMP e como ela servia de ânimo para a luta dos jovens do meio popular, nela inseridos; e **estudar** a relação (pontos de tensão, conflitos, divergências e convergência) existente entre a juventude, as pastorais e movimentos populares como setores distintos e ao mesmo tempo correlacionados na estrutura organizacional da Igreja Católica na Paraíba.

Assim, convidamos o(a) senhor(a) para participar dessa pesquisa, visto sua importância para a Pastoral, sua visão sobre a época estudada e sobre a PJMP em si.

Embora seja importante destacar os nomes dos participantes nesse trabalho com a memória dos que fizeram a Pastoral, salientamos que sua identidade será preservada, se assim o quiser, pois o direito ao respeito e ao anonimato do(a) entrevistado(a) é primordial.

Os dados serão coletados através de uma entrevista, a partir de um questionário semi-estruturado, elaborado com perguntas referentes à temática pesquisada, e que posteriormente farão parte da dissertação a ser apresentada, defendida e posteriormente publicada no todo ou em parte, graças a sua valiosa contribuição.

Sua participação nesta pesquisa será voluntária, sendo assim, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações solicitadas pelo pesquisador. Caso decida não participar da pesquisa, ou resolver a qualquer momento desistir da mesma, essa decisão será respeitada e acatada.

Estaremos a sua inteira disposição para quaisquer esclarecimentos que se façam necessários em qualquer etapa desta pesquisa.

Diante do exposto, agradecemos sua valiosa contribuição na construção do conhecimento científico.

Eu, _____, RG _____, concordo em participar desta pesquisa, declarando que cedo os direitos do material coletado, e que fui devidamente esclarecido(a), estando ciente de sua finalidade e dos seus objetivos, inclusive para fins de publicação futura, tendo a liberdade de retirar o meu consentimento, sem que isso me traga qualquer prejuízo. Estou ciente de que receberei uma cópia deste documento, assinado por mim e pelo pesquisador.

João Pessoa, _____ de _____ de 2008.

Participante da Pesquisa

Pesquisador Responsável

Endereço para contato com o Pesquisador:

Av. Des. Santos Stanislau, 398, Novais

58088540 – João Pessoa-PB

Telefone: (83) 3233-3594/88871786

APÊNDICE B

“Retrato da Pastoral de Juventude do Meio Popular – Arquidiocese da Paraíba”

ZONAS	BAIRROS OU ÁREAS ARTICULADOS	TOTAL DE GRUPOS PARTICIPANTES E DE JOVENS	QUAL O TRABALHO DOS GRUPOS	QUAIS OS DESAFIOS ENFRENTADOS
Agreste	• Ingá (cidade) • Mogeiro (cidade) - Guararema (sítio) - Alagamar (sítio) - Pau D'Arco (sítio) • Itatuba (cidade) - Serra Velha (sítio) • Serra Redonda (cidade) - Chã dos Pereiras (sítio) - Pontina (sítio) - Lagoa dos Carneiros (sítio) - Torre (sítio) • Cajá (cidade) - Barro Vermelho (sítio) • Gurinhém (cidade) - Pau Cheiroso (sítio) - Manecos - Urucu - Buenos Aires • Pedras de Fogo (cidade) - Tabatinga (sítio) • São Miguel de Taipu (cidade) - Taipu (sítio) • Salgado de São Félix (cidade)	3 grupos com 50 jovens* 1 grupo com 18 jovens 1 grupo com 20 jovens 1 grupo com 30 jovens 1 grupo com 15 jovens 1 grupo com 10 jovens 1 grupo com 8 jovens 1 grupo com 10 jovens 1 grupo com 20 jovens 1 grupo com 15 jovens 1 grupo com 20 jovens 1 grupo com 25 jovens (desarticulada) 1 grupo com 10 jovens 1 grupo com 6 jovens 1 grupo com 5 jovens 1 grupo com 8 jovens 3 grupos com 45 jovens 1 grupo com 10 jovens 1 grupo com 10 jovens 1 grupo com 15 jovens 2 grupos com 20 jovens	Realizam encontros para definir as linhas de ação dos grupos; há encontros por cidade, área, zonal; crisma; festas da padroeira; visitas e animação a outros grupos; estímulo a novos grupos; passeios; mês de maio na comunidade; Campanha da Fraternidade; formação (conjuntura, política e educação popular).	Falta de apoio dos pais e da comunidade; dependência econômica dos jovens; desinteresse; infiltração política; distância geográfica entre os grupos para articulação; desinteresse de outros jovens para participar dos grupos.
		Total de grupos: 29 Total de jovens: 420		

* O número de jovens participantes dos grupos é aproximado. Os números apresentados para aquelas áreas com mais de um grupo representam o total de jovens nos grupos, como é o caso de Ingá, por exemplo.

Brejo	Ainda em articulação	2 grupos se reúnem frequentemente.	Pesquisas, planejamentos, reuniões de formação, acompanhamentos, formação. Os grupos usam a arte como arma libertadora. Não há uma linha comum no zonal.	Inconstância dos jovens em cumprir as tarefas; reações contrárias da sociedade (alienada e alienante); falta recursos financeiros (autofinanciamento).
Suburbano	• Rangel • Mandacaru • Cruz das Armas • Bayeux • Jaguaribe	6 grupos 1 grupo 4 grupos 7 grupos 1 grupo Obs.: média de 30 jovens por grupo.	Além dos trabalhos nas paróquias (celebrações, catequese, etc.), existem as ações junto à comunidade em que o grupo está inserido, como, reivindicações, assembléias, Conselho de Moradores, Centro Comunitário, Movimento Estudantil; formação.	Família; os adultos não aceitam os jovens; líderes que só atrapalham (na maioria adultos); fala de subsídios para reflexão; televisão; jovens sem compromisso, que não gostam de reuniões e a ideologia burguesa (pobre com cabeça de rico).
		Total de grupos: 15 Total de jovens: 570		
Várzea	• Rio Tinto (cidade) • Itapororoca (cidade) • Jacaraú (cidade) - Cuité - Vila - Retiro - Macedo - Cajueiro - Piraú • Espírito Santo (cidade) • Santa Rita (cidade)	2 grupos (maioria adolescentes) 1 grupo com 20 jovens 8 grupos (cada sítio com um grupo) 2 grupos num total de 185 jovens 1 grupo com 15 jovens 6 grupos com 300 jovens	Trabalho com crianças; grupos de liturgia; assistência aos doentes; catequese; CEBs; formação (política); teatro libertador; shows para o povo sobre a realidade brasileira; caminhadas.	Falta de interesse de alguns jovens; falta de apoio das comunidades (exceto as CEBs) e dos pais; reunir os mais interessados para um trabalho sério; políticos infiltrados nos grupos; questão financeira; fala de apoio dos adultos; tempo (falta); articulação entre os grupos; idades variadas e níveis diferentes de consciência; desunião entre os pequenos grupos; falta de formação.
		Total de grupos: 19 Total de jovens: 510		

Quadro 1 – Quadro feito e adaptado a partir das informações presentes no documento: “Retrato da Pastoral de Juventude do Meio Popular – Arquidiocese da Paraíba.”

Fonte: Retrato..., 1982.